

Profedicoes
livros@profedicoes.pt

livros

consulte o catálogo

Tel.: 226002790 · Fax: 226070531
www.apagina.pt/livros

Director: José Paulo Serralheiro · <http://www.apagina.pt/>
redacao@apagina.pt



a Página da educação

ano XII | nº 124 | JUNHO | 2003 · Mensal | Continente e ilhas 3 Euros [IVA incluído]



03

Um clima depressivo

Em Portugal sopra um (...) "clima autoritário, pouco inteligente, repressivo e depressivo. Neste clima, assumirmos o desejo de ser felizes, é uma afronta, uma prevaricação, uma indecência, um crime. A retórica agora dominante exige, arrependimento, sacrifício, o trabalho escravo, o baixo salário, a abdicação de direitos, a aceitação do chicote, da cara de pau, do autoritarismo, do desprezo pela pessoa e a desistência do prazer (...) in Editorial.

05

Navegar é preciso

(...) Há já quase um século, Almada Negreiros dizia que, no tempo em que nasceu, todos os tratados que deveriam fazer mudar o mundo já tinham sido escritos. Só faltava uma coisa: mudar o mundo. Quando arriscaremos todos um "golpe de asa"? Quando partiremos todos do que somos para sermos algo mais? Sem prescindir do debate sobre a necessidade de mudança, quando mudaremos? (...) in "do Primário".

06

Conviver para a paz

(...) O convívio é gerador de sentimentos, de afectos, de ideias, de memórias, de desejos e de valores. Ele pode, também, ser gerador de conflitos, de frustrações e de riscos. Uma das tarefas da educação está aí, no ensinar a aprender a integrar a frustração, a dor, e até o medo, numa identidade progressivamente adulta."(...).



Aprender em chinês

(ou a doce invasão marcial do Ocidente)

páginas 24 e 25

adriano rangel - isto é

"Investigar é combinar rigor e fantasia"
diz Manuel Paiva (cientista da Agência Espacial Europeia) em entrevista a "a Página"

páginas 11 a 14

Egídio Santos





adriano rangel - isto é



Os cavalos

Um assunto familiar levou-me à cidade de N. Recebera uma carta proveniente de lá cheia de erros de ortografia, escrita como é óbvio por mão pouco habituada a canetas. Nela, uma boa alma desconhecida, informava-me de que o director das Cavalariças do Estado trasladara os restos mortais do meu avô, um .insurrecto de 1863, do seu lugar de honra no cemitério para dar lugar ao corpo da sua secretária, sabido por todos ser sua amante. Nenhuma assinatura constava da carta, e o seu autor salientava o facto de que corria riscos ao informar-me desta questão.

Obtive dois dias de folga e fui a N-. Nunca estivera em tal cidade. Ao chegar, procurei a casa do coveiro. .Não estava, e a mulher informou-me que acabara de sair para ir ao ferrador ferrar um cavalo. Decidi esperar por ele no banco que fica do lado de fora do cemitério. Por fim apareceu. Era um homem possante e de ar casmurro. Montava um cavalo, melhor um poldro, de pêlo brilhante e reluzente, fazendo ressoar as ferraduras ao embater aqui e ali numa pedra. Ao saber dos motivos que ali me tinham levado, tornou-se ainda mais intratável e, encarando-me com um olhar de poucos amigos, declarou nada saber a tal respeito. Após este curto encontro, virou-me costas e desapareceu pelo portão do cemitério.

Decidi ir à Câmara Municipal. Em frente do edifício estava um poldro preso a uma estaca. O presidente recebeu-me, escutou a minha história e comunicou-me estar demasiado ocupado para poder despachar o meu assunto. Perante a minha insistência, mudou de tática.

«Não» sei, disse, «se o senhor tem conhecimento de que a Câmara Municipal tornou a resolução de substituir os restos mortais do seu avô pelo corpo de um camarada coreano, que tencionamos trasladar para esse local. Suponho que não põe em dúvida o acerto político desta decisão.»

Olhou-me perscrutante.

Abandonei a Câmara num grande estado de excitação e dirigi os meus passos para o Governo Civil. O governador era um jovem enérgico de olhos claros. Ao contar-lhe o meu encontro com o presidente da Câmara, ficou irritado.

«Sim», disse, «há ainda muito a fazer entre as categorias mais baixas das nossas autoridades. Oh, sim. O seu avô? Ouvi qualquer coisa rela-

cionada com o assunto. Vamos tentar saber o que se passa, mas...

“Mas?”

“Mas vai levar tempo...”

Neste momento, vindo do outro lado da porta do gabinete, ouvi-se o relinchar alto e sonoro de um poldro.

Os olhos do governador executaram urna espécie de tímida dança. Um mau presságio apertou-me o coração.

Saí à pressa.

O coveiro e o seu poldro. Um poldro junto à Câmara Municipal. O relincho dentro do Governo Civil. Comecei a associar poldros à oposição que sempre encontrara, ao tentar resolver a questão dos restos mortais do meu avô. Devia haver urna relação entre as infracções à lei e a criação daqueles pequenos cavalos. Profundamente absorvido a pensar neste mistério, encaminhei-me para a Frente da Unidade Nacional. Ao chegar ao edifício, notei, à porta, urna carruagens puxada por dois poldros adoráveis. Comecei a recuar vagarosamente.

Em breve descobria que os filhos do acusador público iam para a escola montados em poldros.

Espreitando por cima do muro do presidente da Comissão de Entregada Camponesa, vi marcas nítidas de pequenas ferraduras.

O presidente da Associação dos Combatentes e o gerente das Charcutarias também possuíam poldros. O que é que tudo isto provava? Vencido, dirigi-me à estação. À entrada, um polícia pediu-me os meus documentos. Estava, ele também, montado num poldro.

Tempos depois, certo parágrafo de um jornal chamou-me a atenção. De acordo com disposições disciplinares, o director das Cavalariças do Estado em N- fora transferido para D-. Consta que, quando os inspectores chegaram a N-, para investigar as suas actividades, tentou suborná-los, oferecendo-lhes poldros.

Semanas mais tarde, recebi uma carta de D- dizendo que a minha avó, urna antiga sufragista, fora expulsa do lar dos velhos, para ceder o lugar a urna ex-prostituta, avó do director das Cavalariças do Estado.

Fui a D-. A porta do Lar foi-me aberta por um anão. Segurava a cabeça e o freio de um enorme "percheron".

O nosso Governo não comunica com os cidadãos. Os membros do Governo vivem fechados sobre si próprios. Convenceram-se que explicar-se aos cidadãos é uma perversão. Julgam que governar é impor decisões. Irritar-nos, prejudicar-nos, é para eles sinal de boa governação. Não entendem que o PIB não cresce nem diminui em função da gritaria ou do ritmo cardíaco.

A este clima triste, promovido pelo governo, veio agora somar-se um não menos depressivo clima judicial. Já estávamos a ser governados por políticos medíocres e autoritários, agora, juntam-se-lhe uns juizes opacos, que parecem apostados no conflito social. Temos a sensação que não se está a praticar justiça com naturalidade, mas de facalhão na mão. Procuram-se cabeças para cortar e exibir na Praça da República.

Em nome da luta contra o terrorismo internacional, depois do 11 de Setembro, precipitadamente, as autoridades soltaram os ventos. Sopra agora um vento a favor da actuação das polícias e dos serviços de informação. Num repente, desmoronase o edifício das liberdades e garantias que havíamos construído, sacrificadamente, durante décadas.

Atónitos, descobrimos que os nossos telefones podem ser escutados. A nossa correspondência bisbilhotada. Podemos ser presos por mera denúncia ou delação. Podemos permanecer na prisão sem sabermos porquê. Mais atónitos, ouvimos dizer, que até o Presidente da República pode ser escutado por ser amigo de um qualquer suspeito.

Atónitos e mais inseguros. No último ano descobrimos que era precário muito do que levamos dezenas de anos a alcançar. Direitos que tínhamos como seguros são intempestivamente abolidos. A nossa vida de trabalhadores é cada vez mais precária e insegura. Sobram as ameaças sobre os poucos direitos que havíamos conquistado.

Os novos governantes e os seus acólitos erigiram a insegurança no trabalho como factor de progresso. Nós contrapomos que a insegurança no emprego é um fortíssimo factor de desorganização das instituições, com particular destaque para a família. Cresce o desemprego. Crescem a angústia e o mal estar social.

Tínhamos garantias de carreiras profissionais e direitos de reforma. De supetão, uma medida de gabinete atirou as garantias para o caixote do lixo. Os direitos de acesso à reforma — pagos com os nossos impostos — foram diminuídos de forma autocrática. A nossa insegurança sobe em flecha. Quem altera agora a seu belo prazer faz outro tanto amanhã. Vivemos mal, mas somos acusados de viver bem. Acima das nossas posses, dizem.

É obrigação de qualquer Governo

adriano rangel - isto é



Em Portugal sopra um vento
depressivo e repressivo

O CLIMA SOCIAL EM PORTUGAL ESTÁ DESAGRADÁVEL.
ISTO NEM PARECE UM PAÍS, PARECE MAIS UM SÍTIO
MAL FREQUENTADO. O CLIMA ESTÁ ÁRIDO E CARREGADO
DE AGRESSIVIDADE. ESTE CLIMA COMEÇOU COM A ELEIÇÃO
DO ACTUAL GOVERNO E NÃO PAROU DE SE AGRAVAR.
AS PESSOAS DO GOVERNO PARECEM NÃO TEREM ALMA, UM MÍNIMO
DE ALEGRIA, PRAZER, UM BOCADINHO DE GOSTO PELA VIDA, SÃO
INSEGURAS, ESTÃO SEMPRE NA DEFENSIVA. SEMPRE CRISPADAS.

apresentar estratégias para o desenvolvimento do país. É eleito para isso. Mas o nosso país está paralisado. Não sabe para onde ir. O Governo aguarda que a conjuntura internacional resolva. Que o estrangeiro nos

O GOVERNO acredita que qualquer medida política para ser válida tem de incomodar as pessoas (...) Não entende que o PIB não cresce nem diminui em função da gritaria ou do ritmo cardíaco.

venha salvar. Estes senhores, drogados pelo neoliberalismo, acreditam que o Estado não deve fazer nada e que tudo deve ser entregue ao livre curso da economia e do mercado.

O ensino é um espelho da sociedade. Reflecte este clima desagradável e desordenado em que vivemos.

Também no ensino faltam perspectivas, ideias, uma visão de conjunto, um rumo. Os alunos procuram na escola apenas um modo de passar o tempo. Os professores parecem-me entediados e desanimados. Em Ju-

nho, professores e alunos já só querem ver-se pelas costas. Isto não seria grave se, em Setembro, uns e outros tivessem vontade de voltar à escola. Mas não. Esta escola deforma e desencoraja. Um inquérito internacional, diz-nos que mais de metade da população portuguesa não tem

qualquer interesse pela formação. Interessam-se, isso sim, por telemóveis e roupas de marca.

Os ministros, o do Básico e Secundário e o do Superior, agitam-se. Fazem propaganda. Dão entrevistas. Gesticulam. Falam de avaliação e mérito e de mérito e avaliação e de rentabilidade, custos e pagamentos. Com nomes de reforma soltam medidas dispersas, mal escritas, pobres e desconexas. Semeiam confusão e consternação. Esforçam-se, de forma patética, por fazer um ensino mais baratinho. Sobra conversa, asneira, demagogia barata.

Esta política educativa está a reforçar três pilares do nosso sistema educativo: hierarquia, coerção e exclusão. A escola está mais hierarquizada. Dependemos de programas educativos fechados e rígidos. Dependemos das opções e da autoridade de quem fabrica currículos, programas e manuais escolares. A hierarquia e a coerção estão aí. Professores sujeitos ao autoritarismo dos programas e currículos. Alunos sujeitos ao autoritarismo dos exames. Ambos sujeitos aos manuais escolares. Os exames e a avaliação, tão defendidos pelo actual ministro, reforçam a coerção e a exclusão. Os professores ensinam o mesmo porque os alunos serão avaliados da mesma maneira. A receita é velha. O poder central define o que todos devem aprender e como devem aprender. E decide o que deve ser avaliado e como o deve ser. Quem não se adapte é excluído. Acreditam que tratar de forma igual é obrigar todos a comer do mesmo bolo ou a sopa de favas. Ora o que a escola precisa é de sopa e pastelaria variadas. E liberdade de escolha. Sem diversidade, há quem a deteste e não queira voltar, nem em Setembro, nem nunca mais.

Clima autoritário, pouco inteligente, repressivo e depressivo. Neste clima depressivo, assumirmos o desejo de ser felizes é uma afronta, uma prevaricação, uma indecência, um crime. A retórica agora dominante em Portugal exige arrependimento, sacrifício, o trabalho escravo, o baixo salário, a abdicação de direitos, a aceitação do chicote, da cara de pau, do autoritarismo, do desprezo pela pessoa e a desistência do prazer.

O que nos vale é que as crianças são máquinas de aprender. Fazem-no permanentemente. Absorvem conhecimentos como esponjas. Aprendem quer estejam na escola ou de férias. Diferente é apenas o espaço onde aprendem, e a natureza do que aprendem. Escapam, de algum modo, ao controlo político. Se nós adultos fossemos capazes de aprender como as crianças talvez soubéssemos mudar o clima, ultrapassando e dando a volta a estas práticas e discursos que nos reprimem e nos oprimem.

Jogar pelo passado: medidas e metas para a catástrofe



> desporto
escolar

NÃO FAZ O MEU JEITO A ESCRITA AZEDA. MAS, SINCERAMENTE, DEPOIS DO QUE LI (JOGAR PELO FUTURO: MEDIDAS E METAS PARA A DÉCADA) E JÁ COM MAIS DE TRINTA ANOS DE SERVIÇO DOCENTE, APETECE-ME GRITAR A TODO O PULMÃO: POR FAVOR DEMITAM-SE OS RESPONSÁVEIS.

O desempenho do Senhor Ministro da Educação, Dr. David Justino, deixa-me reticências sem fim. Hoje, aqui me traz o maltratado desporto escolar e o designado documento: "Jogar pelo futuro: medidas e metas para a década". Li o essencial, contactei vários credíveis colegas no espaço Nacional e concluí que o Ministro, afinal, continua a fazer jus ao fraco desempenho de muitos dos seus antecessores. Ora, sendo ele o 16º Ministro da Educação em 27 anos de governos constitucionais, o que perfaz, por ministro, uma escassa média de 20,2 meses de mandato e que só no período das maiorias absolutas do Professor Cavaco Silva, a Educação contou com cinco Ministros (João Deus Pinheiro, Roberto Carneiro, Diamantino Durão, Couto dos Santos e Manuela Ferreira Leite), é politicamente imperdoável que o Ministro, por uma questão de rigor, no mínimo, não se tivesse interrogado sobre os posicionamentos estratégicos dos seus antecessores e sobre os porquês do sucessivo fracasso das políticas para o desporto escolar, antes de propor

O Senhor Ministro não tem noção do que é uma efectiva política de educação pelo desporto, da base ao topo e em todos os sectores, para que, a prazo, se cumpra o preceito constitucional: "(...) Todos têm direito à prática do desporto".

as banalidades que propôs.

Não faz o meu jeito a escrita azeda. Mas, sinceramente, depois do que li e já com mais de trinta anos de serviço docente, apetece-me gritar a todo o pulmão: por favor, demitam-se os responsáveis. Do mal o menos. De resto, relativamente ao Senhor Ministro, a média estatística não sofrerá grande alteração. Sobretudo porque há necessidade de romper com a irresponsabilidade histórica vivida no seio do desporto escolar, consubstanciada nos sucessivos programas de governo e nas trocas e baldrocas que o fizeram deambular, anos a fio, segundo os interesses, entre os sistemas educativo e o desportivo. Ora, quando, em Sintra, se assiste ao anúncio de dez vagas medidas e metas desenquadradas e desarticuladas de uma política global que implicaria, necessária e prioritariamente, a reformulação programáti-

ca e organizacional da própria Educação Física curricular, o que me vem à cabeça é que, de facto, o desporto, todo ele, do escolar ao federado, continua entregue a pessoas sem qualificação e estratégia. Apenas o utilizam como um apetecido bolo em que os convivas tentam retirar a melhor fatia, borrifando-se, obviamente, para os interesses dos jovens do país. Uma vergonha nacional.

Quando se vê Portugal gastar incontáveis milhões de Euros no Europeu de Futebol de 2004 e em tantas organizações desportivas de carácter internacional que nada deixam, realizadas para gáudio de uma série de pavões, e, ao lado, confrontamos com uma situação interna que não só é a pior da Europa na taxa de participação desportiva, mas também de permanente desastre na participação olímpica, eu diria que são lamentáveis estas medidas. Elas

exprimem que o Senhor Ministro não tem noção do que é uma efectiva política de educação pelo desporto, da base ao topo e em todos os sectores, para que, a prazo, se cumpra o preceito constitucional: "(...) Todos têm direito à prática do desporto".

Finalmente, é um paliativo, destinado a enganar os incautos, o discurso político que colocou, em alternativa, mais desporto ou mais toxicodependência. A prova está na Região Autónoma da Madeira, onde apesar do significativo aumento do parque infra-estrutural e de, nos últimos dez anos, terem sido disponibilizados cerca de 90 milhões de contos de subsídios ao associativismo desportivo e ao Jornal da Madeira, a toxicodependência não tenha sido erradicada ou quase erradicada. Pelo contrário, tal como o alcoolismo, disparou para números extremamente preocupantes. Os problemas são, portanto, outros.

Sendo assim, o título mais adequado ao documento divulgado pelo Senhor Ministro deveria ter sido: "Jogar pelo passado: medidas e metas para a catástrofe".

EDUCAÇÃO desportiva

André Escórcio
a.escorcio@netc.pt
Mestre em Gestão
do Desporto na
Escola Básica
e Secundária Gonçalves
Zarco, Funchal

06.05 Portugueses sem interesse no ensino

Portugal e Espanha são os países da UE com a mais elevada percentagem de pessoas que diz não estar interessada na aprendizagem, com 50 e 47 por cento respectivamente. Segundo o último inquérito do Eurobarómetro, mais de um terço dos cidadãos europeus não está a participar em qualquer forma de ensino ou formação.

07.05 Desemprego atinge os 7% em Março

O desemprego atingiu no mês de Março os 7%, segundo as estimativas divulgadas ontem pelo Eurostat, que correspondem ao maior crescimento mensal entre os países da União Europeia, com um aumento de 0,2 pontos percentuais. Os dados divulgados pelo Eurostat colocam Portugal a meio da tabela dos países da União Europeia, cujas taxas variavam entre o máximo de 11,5% em Espanha e o mínimo de 3,4% no Luxemburgo. A média da União Europeia manteve-se em 7,9% em Março, mas a Zona Euro registou um aumento da taxa de desemprego para 8,7%, contra 8,6% em Fevereiro.

15.05 PSD recusa redução de estudantes por turma

O PSD recusou iscutir o projecto de lei do Bloco de Esquerda, que define o número máximo de alunos por turma no ensino básico e secundário. (...) O projecto pretendia diminuir para 19 o máximo de alunos em turmas do 1.º ciclo do básico e para 20 nos 2.º e 3.º ciclos, assim como no secundário. Os deputados do PSD alinham assim com os objectivos de David Justino, que concorda com o número para o 1.º ciclo do básico (19) em turmas que concentrem alunos de diferentes anos, mas eleva o tecto para 25 naquelas onde todos estejam no mesmo nível. Já nos 2.º e 3.º ciclos e no secundário, garante fonte do ministério, recusa-se baixar dos 28, o máximo já fixado por lei.

17.05 Secundário obrigatório já em 2004

A partir de 2004, a escolaridade obrigatória é alargada dos actuais 9 anos até ao 12º ano. As alterações que o Governo se prepara para fazer à lei de bases do sistema educativo prevê ainda que o ensino básico tenha 6 anos e o secundário outros tantos, começando este nível no actual 7º ano da escolaridade.



O semestre já ia adiantado, mas as aulas de História da Pedagogia não desencana-havam da Antiguidade Clássica. A setenta ia até ao Platão, mas a feminina intuição da Brígida guiava-me nas surtidas à biblioteca (que era mais um emaranhado de livros e teias de aranha), por atalhos de índices e bibliografias, até à exacta página ou capítulo. Numa errância sem fim, bisbilhotávamos armários, passávamos as estantes a pente fino, em busca de novidades. Porém, a mão censória há muito dera sumiço a tudo o que fosse passível de afectar as mentes cândidas dos futuros professores. Até que, num fim de tarde de um Abril dos primórdios de setenta, se foi toda a gente embora e nós ficámos fechados na Escola do Magistério (já estou a ver os espíritos mais lúgubres congeminando aventuras, mas saibam os maliciosos que nunca a nossa relação confundiu a comunhão intelectual com a tentação de partilharmos algo mais...)

Ao fundo de um armário de que se perdera a chave, encontrámos uns livrinhos que um apiedado censor terá poupado à devassa. Vagabundeando por páginas amareladas, ficámos a saber os saberes que nas aulas nos ocultavam. Convivemos com personagens até então desconhecidos: Faria de Vasconcelos, Ferrer... Horas a fio, devorámos as palavras dos avatares de uma "Educação Nova", que sobreviveu confinada a um conjunto restrito de experiências e que, no nosso tempo do Magistério (e muito para além do contexto histórico em que emergiram!) se mantinha actual.

Apercebemo-nos de que os nossos mestres se esforçavam por nos fazer crer que a intenção libertadora da Educação Nova não passava de uma utopia irrealizável. De posteriores surtidas ficou-nos a paixão por Erasmus e Fénelon, através dos quais iríamos chegar ao convívio de proscritos como Elise Michel ou Proudhon. Enquanto não se esgotava a pilha da lanterna, vasculhávamos febrilmente os armários empoeirados, tropeçávamos num Rousseau – que um dos nossos zelosos mestres cognominava de “espírito pérfido” – descobrindo que não teria sido o Emílio o inspirador directo da Educação Nova, dado que, pelas nossas contas, entre o filósofo e o início do movimento mediária mais de um século. Ainda que, depois de feitas as contas – e nós, professores primários à antiga, que bem sabíamos fazer contas! – concluiríamos, ao cabo de muitas horas de furtiva leitura subtraídas às aulas de Legislação e de Didáctica B, que o Rousseau, que ficara a levedar cem anos, viria a ser recuperado nos primórdios do movimento da "Educação Nova", que tínhamos descoberto há uns meses.

A Brígida era a vedeta do curso. Desenvencilhava-se a preceito de trabalhos práticos e exames. Era apontada pelos seus mestres como uma “promessa do ensino”, diziam estar “fadada para grandes voos”. Foi a minha companheira de aventuras. Toda ela era sede de descoberta. Cheguei a adorar mais a Brígida que a Senhora de Fátima e nunca duvidei do idealismo que derramava. Mas a vida reserva-nos surpresas...

Acabado o curso, foi cada qual para seu lado, a cumprir o destino de educar as novas gerações. Reencontrei-a no fim dos anos setenta, nos corredores da antiga Direcção do Distrito Escolar. Conservava nos olhos resquícios da ferosidade de outrora e na boca um entusiasmo esmorecido. Após algumas palavras de circunstância, de ficar a saber que havia casado recentemente e que eu “continuava o mesmo”, quis saber novidades...

– “Sabes, Zé, não sei onde ficarei colocada no próximo ano. Ando de escola para escola. Como professora agregada, não devo mudar o que quer que seja. Eu bem gostaria de pôr em prática aquelas coisas que aprendemos... Lembras-te?”

Lembrava-me... e era isso que me punha confuso. Também eu andara de escola em escola, também eu passara por cortes de gado adaptadas a salas de aula, também eu tivera turmas de mais de quarenta alunos. Mas isso não dissipava o sonho.

Os nossos caminhos voltaram a cruzar-se ia a Brígida nos 36 anos e já era professora efectiva. Desabafou:

– “Ó Zé, eu sei o que estarás a pensar... Mas eu tenho filhos pequenos para criar! (Como se eu não soubesse! Como se eu os não tivesse!). Primeiro estão os filhos! Sobra-me lá tempo! Eu bem gostaria de entrar num projecto, mas tu não vês a vida que eu levo? Às quatro, ponho o meu Márcio na piscina. Às cinco e meia, a Marina sai do Instituto de Inglês e o meu marido, a essa hora, ainda está no escritório. Ele ainda me faz o favor de ir buscar os miúdos enquanto eu preparo o jantar. E, depois, uma casa dá muito trabalho. Eu tenho lá tempo para essas coisas! Lá para diante, quando eles forem mais crescidinhos, logo se verá.”

Voltei a encontrá-la, à entrada dos cinquenta, uma mulher madura com alguns cabelos brancos mal disfarçados. Frequentava um curso de complemento de habilitações, “daqueles que a gente só lá tem de ir um ou dois dias por semana e, assim, não se perde tanto tempo para subir de escalão” (Brígida dicit). Nada lhe perguntei que a pudesse contristar. Mas ela foi directa ao assunto:

– “Já sei o que me vais perguntar. Continuas a ser um lírico, mas eu já me deixei de fantasias. No nosso tempo, éramos novos, cheios de energia. Com o tempo a gente começa a amadurecer. O melhor é deixar tudo como está. No nosso tempo, o papel do professor era muito claro, tinha o conhecimento e transmitia-o conforme os meios que possuía. Os alunos que conseguiam acompanhar eram bem sucedidos, os que não conseguiam repetiam as vezes necessárias para aprender. E assim é que estava bem...”

E rematou:

– Olha, agora, o que eu quero é ir para a reforma. Agora, o que eu quero é sossego.”

Confesso que, em nome dos velhos tempos do Magistério, o único sentimento que as suas palavras me suscitaram foi uma grande ternura. Naquela Brígida descolorada e vencida eu vi reflectida uma imensa legião de desistentes. Há-de gozar

“Navegar é preciso...”

a reforma até lá para os cem e há-de morrer em paz com a sua consciência.

Há já quase um século, Almada Negreiros dizia que, no tempo em que nasceu, todos os tratados que deveriam fazer mudar o mundo já tinham sido escritos. Só faltava uma coisa: mudar o mundo. Quando arriscaremos todos um “golpe de asa”? Quando partiremos todos do que somos para sermos algo mais? Sem prescindir do debate sobre a necessidade de mudança, quando mudaremos? Não estou a sugerir um corte radical com a tradição, em nome de caprichos modernistas. Debaixo do Sol, não há coisas novas, mas feitas de uma nova maneira: “non nova, sed nove”. Tudo se transforma, assume diferentes contornos. O que não pode é haver mudanças no fazer sem uma concomitante transformação no modo de pensar...

No regresso a casa, abandonei-me a metafóricas lucubrações de auto-estrada. A Escola andou meio século como um barco à deriva e encalhou à entrada para

um porto de promessas. Houve quem se amotinasse. Houve quem abandonasse a decrepita embarcação e empreendesse novos rumos. Mas há também quem continue a consultar velhas cartas de marear, indiferente ao impacto das ondas que destroçam o casco enferrujado. A Brígida finge indiferença (em nome dos velhos tempos, eu recuso acreditar que seja indiferente) perante o fragor das vagas contra um casco imóvel. Se, entretanto, o que resta do casco agonizante não for devastado por uma qualquer tempestade, a Brígida repartirá o tempo de uma viagem parada entre o varrer do porão e umas brachadas na piscina da classe turística... enquanto não for chegado o almejado momento do desembarque.

Vim a saber, através de um amigo comum, que os ventos resultantes da intempestiva passagem da Brígida pelas primeiras águas estagnadas provocaram “ondas” e enjoos. A tal ponto que, ao invés de segurar o leme e de corrigir o rumo, a Brígida desistiu de navegar.

DO primário

José Pacheco
Escola da Ponte,
Vila das Aves



> paz

Aprender a conviver ou: a paz como competência ética

AS NORMAS QUE ENTENDEMOS NECESSÁRIAS PARA REGULAR A VIDA SOCIAL ASSUMEM UM CARÁCTER ÉTICO QUANDO SE IMPÕEM COMO IMPERATIVO DE CONVIVÊNCIA E NÃO DE MERA COEXISTÊNCIA.

Aprender a viver com os outros, a conviver, implica fazer da partilha, do diálogo e da ajuda mútua, sinais quotidianos de uma cidadania activa. Antes de constituir-se como reflexão sobre valores, princípios ou regras de conduta, a ética diz respeito a essa prática de convívio. Primordialmente, ela refere-se à relação que aproxima subjectividades misteriosamente separadas pelo segredo que mora dentro de cada pessoa, tornando-a especial e única. É aí que a paz começa, na disponibilidade para sentir, para escutar e para aprender com modos de ser e de viver diferentes. É da interacção entre pessoas e respectivas histórias de vida que emerge a riqueza do humano em toda sua complexidade e esplendor.

O convívio é gerador de sentimentos, de afectos, de ideias, de memórias, de desejos e de valores. Ele pode, também, ser gerador de conflitos, de frustrações e de riscos. Uma das tarefas da educação está aí, no ensinar a aprender a integrar a frustração, a dor, e até o medo, numa identidade progressivamente adulta. Porque não é possível falar em desenvolvimento e emancipação, de indivíduos e comunidades, sem considerar a ruptura com as rotinas securizantes que toda a abertura à alteri-

dade implica. E a violência, a agressão, ou a indiferença, não são resposta para a insegurança e para a incerteza. A descoberta do outro, condição necessária para a descoberta de si mesmo, deve ser marcada pela consciência da interdependência e pelo sentimento de proximidade que suportam uma cultura de paz. Todavia, a promoção desta consciência e deste sentimento não pode ficar confinada à transmissão de conteúdos

desenvolver, estão a ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que funcionam como modelos, com esta sua atitude arriscam-se a enfraquecer nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações.

Enquanto prática de convivência, a paz não se confunde com atitudes de tolerância passiva, com indiferença, conformismo ou quietismo.

se ouvir ou na cumplicidade dos silêncios, mas nunca na cobardia que cala as vozes da justiça e amordaça a denúncia da violência que fere a dignidade humana. Tal como nos lembrava recentemente Caride Gómez, face ao abismo da guerra, urge tomar partido e assumir a obrigação ética de ensinar a aprender a dizer «não». Precisamente, a capacidade para dizer não à guerra começa num «sim» quotidiano em relação a todas as formas de convivência eticamente investidas. Começa na possibilidade de estabelecer e consolidar os laços materiais e espirituais que dão coesão e identidade às sociedades. Neste sentido, a paz está também nas nossas mãos, como proclamava o Manifesto 2000, desenhado por um grupo de laureados com o prémio Nobel por ocasião da celebração do cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e assumido pelas Nações Unidas como compromisso para uma nova era. No lugar de uma cultura de guerra e violência afirmava-se a necessidade de promover uma cultura de paz assente nos valores da democracia, da justiça e da solidariedade. Os dias dramáticos que vivemos convocam-nos a todos, especialmente a nós professores, para a perseverança desta lição.

OS PROFESSORES que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os desenvolver, estão a ser mais prejudiciais do que úteis.

sobre a diversidade humana ou sobre os valores do pluralismo humanista. Em grande parte ela depende das práticas de convívio, de diálogo e de cooperação que conseguirmos instituir no quotidiano escolar onde o professor funciona como figura de referência. Como adverte o relatório elaborado pela comissão internacional presidida por Jacques Delors sobre educação para o século XXI, os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os

Pelo contrário, a paz começa no movimento que rompe com o egoísmo e a auto-suficiência, traduzindo-se no prazer do encontro, na atenção, no cuidado e na acção solidária em favor do outro. Sem esquecer que aprender a conviver passa também pelo aprender a respeitar os espaços de solidão e de privacidade necessários à afirmação da humanidade em cada homem.

Ligadas à exigência de convívio, as palavras que dizem a paz podem morar no grito que teima em fazer-

ÉTICA e profissão

Isabel Baptista
Universidade Portucalense

21.05 Prescrições expulsam alunos das universidades

O Conselho de Ministros aprovou ontem a Lei do Financiamento do Ensino Superior, e com esta um regime de prescrições que vai excluir os alunos da frequência do seu curso caso reprovem durante dois anos consecutivos - em princípio será este o prazo limite. Aprovado foi também o aumento das propinas até um máximo de 770 euros anuais, medida que vai entrar em vigor já no próximo ano lectivo, mas que apenas se aplica aos novos alunos. Passam a ser as instituições de ensino a definir o valor desta taxa para cada curso.

21.05 Mercado da Educação representa 1,8 biliões de euros

O mercado mundial da Educação representa cerca de 1, 8 biliões de euros, 27 vezes mais que o orçamento total do Estado português, de acordo com os números divulgados ontem na abertura do «Mercado Mundial da Educação», que está a decorrer no Centro de Congressos de Lisboa. (...) Vivianne Reading, comissária europeia da Educação, afirmou ontem na abertura do evento que o objectivo dos chefes de Estado e de Governo é tornar o sistema educativo da UE «no mais competitivo do mundo» até 2010. (...) O sector privado «deve contribuir mais para a Educação», afirmou a comissária apelando a uma maior intervenção das empresas no sistema educativo.

21.05 Estudantes criticam lei do financiamento

Estudantes e PS criticaram ontem a aprovação da Lei de Financiamento do Ensino Superior pelo Governo dois dias depois de terminada a respectiva discussão pública, alegando que não houve tempo para inserir as sugestões feitas. Augusto Santos Silva, deputado e ex-ministro da Educação disse que o governo cometeu um acto grave de desconsideração com as instituições.

22.10 CNE sente-se ultrapassado pelo Governo

O Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão consultivo do Governo, sente-se ultrapassado e ignorado pelo Ministério da Ciência e Ensino Superior. A nova proposta de lei de financiamento do Ensino Superior foi aprovada dia 20, ou seja, no mesmo dia em que a primeira apreciação do CNE sobre o documento foi enviada a Pedro Lynce



O bazar do Kuwait e a reconfiguração do poder

RETOMANDO A IDEIA DE «A DIFERENÇA SOMOS NÓS»
E A DO «BAZAR DO KUWAIT», COMO ESTRUTURADORAS
DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DAS SOCIEDADES,
E DAS SOCIABILIDADES, ACTUAIS, PRETENDEMOS
AQUI ESBOÇAR ALGUNS PONTOS PARA EXPLICAR MELHOR
O QUE ESTÁ EVENTUALMENTE EM CAUSA.

Numa das nossas últimas contribuições para este espaço, falámos dos diferentes modelos que estruturaram, e estruturam, as relações com as diferenças nas sociedades ocidentais. O último modelo aí apresentado, o modelo relacional, baseia-se numa perspectiva em que a assunção da 'nossa' diferença redefine a própria relação. Isto é, já ninguém ocupa a posição privilegiada, em termos sociológicos e epistemológicos, de determinar quem é o diferente. Por isso, designámos esta perspectiva através da expressão "a diferença somos nós".

Num debate bastante conhecido entre o filósofo Richard Rorty e o antropólogo Clifford Geertz sobre a organização das sociedades modernas ocidentais, o segundo propõe a metáfora do 'bazar do Kuwait' para dar conta da simultânea tendência para a fragmentação e a agregação dessas sociedades. Geertz fala concretamente sobre como numa época de globalização as comunidades locais se assemelham crescentemente a uma enorme colagem, isto

EM CADA UMA das suas localidades, o mundo parece cada vez mais 'um bazar do Kuwait do que um exclusivo clube inglês'.

é, em cada uma das suas localidades, o mundo parece cada vez mais 'um bazar do Kuwait do que um exclusivo clube inglês'. Este último representa a incomensurabilidade das diferenças locais/culturais: a 'portuguesidade' dos portugueses, a 'englishness' dos ingleses, o carácter árabe dos próprios árabes, etc.

Retomando a ideia de 'a diferença somos nós' e a do 'bazar do Kuwait', como estruturadoras de uma nova concepção das sociedades, e das sociabilidades, actuais, pretendemos aqui esboçar alguns pontos para explicar melhor o que está eventualmente em causa. Em primeiro lugar, queremos defender:

que o bazar é o espaço público (político, social, cultural...) regulado e susceptível de regulação;

o espaço público possuiu, e possui, várias configurações nos diferentes horizontes do globo, mas a mais dominante é aquela que resulta da sua estruturação pelo estado;

o estado moderno tem sido um potencial difusor de (in)justiça;

se reconfigurado, o estado pode

ser um importante agente de distribuição de justiça social e de difusão do reconhecimento da diferença, assim como um importante instrumento de implementação da justiça distributiva;

a soberania que as 'diferenças' reclamam do estado não corresponde à dissolução deste enquanto agente de justiça (sobretudo distributiva), mas diz respeito à legitimidade das diferenças regularem as suas próprias vidas. 'Eu pago impostos (dever), mas quero educar (direito) os meus filhos como bem acho que eles devem ser educados';

o bazar, o espaço público regulado, é um espaço em que a justiça redistributiva e a justiça ligada ao reconhecimento das diferenças constituem uma geometria variável: a variação depende do poder e do conflito entre as diferenças;

esta geometria variável é ao mesmo tempo consensual e arbitrária, portanto frágil;

esta fragilidade e instabilidade não são uma fase a ultrapassar, mas um estado permanente: a democracia já não é um 'estádio', mas um

fim em si mesmo (ou sem fim).

Em segundo lugar, o que está em causa, e tendo em conta esta definição política do bazar, é o facto da assunção de 'a diferença somos nós' colocar a questão do poder, enfatizando que as diferenças se afirmam como um 'campo de batalha ideológico' (Wallerstein), isto é, dialectizando as questões de discriminação, racismo ou exclusão com aquelas derivadas da desigualdade na distribuição da riqueza. Desligar os elementos da tríade 'poder cultural-afirmação da diferença-igualdade económica' é cair nos engodos das estratégias modernas fundadas no princípio segundo o qual a justiça social deriva (mais ou menos directamente) da justiça económica. Sabemos, hoje, que não é assim: a luta pela justiça social despoletada pela afirmação das diferenças, nos movimentos sociais actuais, não surge separada das reivindicações de justiça económica e vice-versa. Mais: esta surge frequentemente reconfigurada por aquela.



adriano rangeli - isto é



Métodos, técnicas e reflexões sobre o ensino on-line

SEGUNDO UM ESTUDO DA UNIVERSIDADE DO ILLINOIS, NOS ESTADOS UNIDOS, A PREPARAÇÃO DE UM CURSO «ON-LINE», MANUTENÇÃO E ACOMPANHAMENTO DOS ALUNOS EXIGE O DOBRO OU O TRIPLO DO TRABALHO RELATIVAMENTE AOS CURSOS PRESENCIAIS.

Dado a sua especificidade o e-learning apresenta alguns problemas e dificuldades.

A primeira está relacionada com os aspectos tecnológicos. O acesso à Internet em Portugal ainda é complicado, ou por falta de equipamento informático (apenas 26,1% famílias possuem acesso à Internet) ou pela própria dificuldade de ligação (o acesso à banda larga da Internet).

Por outro lado, o ensino via Internet exige uma sólida preparação dos professores/tutores para executar esta tarefa. A preparação de um curso de e-learning, a manutenção da página quando está a funcionar, o acompanhamento técnico e pedagógico do ensino, exigem muitos conhecimentos técnicos e muita disponibilidade da parte dos monitores desses cursos. Segundo um estudo da Universidade de Illinois nos Estados Unidos, a preparação de um curso on-line, manutenção e acompanhamento dos alunos exige o dobro ou o triplo do trabalho relativamente aos cursos presenciais. A dis-

ponibilidade dos professores/tutores em Portugal é normalmente bastante reduzida para preparar um curso deste género.

Um bom curso exige a utilização de uma tecnologia multifacetada, utilizando

UM BOM CURSO utiliza muitas plataformas informáticas de trabalho. Existe o problema da compatibilidade dessas plataformas com o soft-ware que possuem os potenciais utilizadores dos cursos.

múltiplas plataformas de ensino, nomeadamente: multimédia, chat, discussão simultânea e trabalho de grupo (Collaborative Learning) via Internet. Poucos professores/tutores, têm neste momento conhecimentos necessários para preparar este tipo de cursos. Atendendo ao fraco conhecimento dos professores/tutores da tecnologia Internet aliada à grande resistência existente, por parte dos mesmos, podemos compreender porque esta forma de ensino não está tão desenvolvida em Portugal como em outros países da Europa.

Um bom curso exige também a existência de significativas disponibilidades financeiras. Se não houver um qualquer co-financiamento público o curso torna-se bastante dispendioso (para ser atrac-

tivo para potenciais utilizadores). Importa referir aqui, que em Portugal não existe ainda muita divulgação em termos dos cursos on-line nem muita procura desse tipo de cursos.

Conforme já foi dito, um bom curso utiliza muitas plataformas informáticas de trabalho. Existe o problema da compatibilidade dessas plataformas com o software que possuem os potenciais utilizadores dos cursos. Muitas vezes, este problema inviabiliza a participação plena e o melhor aproveitamento dos cursos por parte dos alunos pondo em causa a

sua participação.

Outra questão que se vem colocar no âmbito de formação on-line é a necessidade de garantir a qualidade desse tipo de cursos. Ainda não existem em Portugal institutos ou agências de educação com competências reconhecidas no campo de ensino via Internet. Assim, não há nenhuma entidade que possa certificar esse tipo de cursos. Até agora, cada uma das entidades promotoras dos cursos tem feito várias tentativas nesse sentido de forma a garantir a qualidade de cursos utilizando principalmente o nome da entidade que está envolvida como garantia de qualidade do curso.

Outro problema que irá ser cada vez mais pertinente está relacionado com os direitos de propriedade intelectual da produção científica disponibilizada na Internet. Dada a facilidade de acesso à informação divulgada através desta plataforma tecnológica é difícil garantir a defesa destes direitos.

TECNOLOGIAS

Lúisa Margarida
Cagica Carvalho
Boguslawa
M. Barszczak Sardinha
Instituto Politécnico
de Setúbal
Escola Superior
de Ciências Empresariais

Proposta irrecusável sobre o Iraque

O Conselho de Segurança da ONU levantou, no passado dia 22, as sanções há 13 anos impostas ao Iraque e concedeu às forças norte-americanas e britânicas mandato para controlar a economia e o futuro político do país. Dos 15 estados com assento no Conselho de Segurança, só a Síria, por ausência, não votou a favor.

A resolução aprovada concede às forças de ocupação norte-americanas e britânicas o controlo político e económico do Iraque, em condições mais favoráveis do que as previstas na Convenção de Genebra para as potências de ocupação. França, Rússia e Alema-

nha votaram favoravelmente a proposta americana.

Com o apoio da França, que finalmente volta ao "bom caminho", para citar um comentário de um alto funcionário da administração norte-americana, a resolução (1493) prevê a criação de um Fundo de Desenvolvimento para o Iraque, a gerir pelo Banco Central iraquiano sob supervisão norte-americana e britânica, com as receitas petrolíferas do país.

Nos termos desta proposta, tal fundo servirá para alimentar e tratar o povo iraquiano, para reparar as infra-estruturas destruídas pela invasão e para financiar o

projecto de "continuação do desarmamento do Iraque", o levantamento de uma nova administração civil e "outros projectos em benefício do povo iraquiano".

No seu rancho texano de Crawford, o presidente norte-americano George W. Bush mandou dizer que "estava muito reconhecido por toda a gente estar unida para levantar as sanções contra o povo iraquiano, que já sofreu demasiado". Para Bush tal acordo "vai ajudar os iraquianos a restabelecer os estragos causados ao país por Saddam Hussein".

O consenso obtido nas Nações Unidas em torno desta proposta para o Ira-

que deve-se, segundo muitos observadores, ao facto dela ter sido apresentada pelos Estados Unidos de uma forma verdadeiramente irrecusável. "É um ponto de partida para melhorar as condições de vida dos iraquianos", disse o alemão Joschka Fisher. É "um bom sinal do regresso da questão iraquiana ao regaço das Nações Unidas" disse o russo Dimitri Rogozine.

Até ao momento estão por descobrir as armas de destruição massiva que o regime de Bagdad possuiu e que determinaram a invasão e a ocupação militar do Iraque.

SUBLINHADO

João Rita



Titanic negreiro

adriano rangel - isto é

O Brasil é um titanic negreiro: insensível aos porões e aos icebergs. Porque nossa economia tem sido baseada na exclusão social e no curto prazo.

Cento e quinze anos depois da abolição, nossa economia ainda trata o povo como se não fizesse parte dos seus objetivos, e vê o longo prazo como se não existisse. Nossa economia foi administrada de maneira insensível, para levar em conta as necessidades atuais do povo e os objetivos nacionais do futuro.

Durante toda a nossa história, o convés jogou restos para os porões, na tentativa de manter uma mão-de-obra viva e evitar a violência. Fizemos uma economia para poucos e uma assistência para enganar os outros. Nos tempos da escravidão, os textos econômicos ensinavam como, onde e por quanto comprar um escravo; como alimentá-lo ao menor custo, mantendo sua máxima rentabilidade; o limite das violências sem aleijá-lo; ao mesmo tempo, funcionavam como entidades protetoras dos escravos, mas que não defendiam a abolição.

O sistema escravocrata acabou, mas continuamos nos tempos da assistência, no lugar da abolição.

A economia brasileira, ao longo de nossa história, desde 1888 e sobretudo nas últimas duas décadas, em plena democracia, não é comprometida com a abolição. No máximo incentiva a assistência. Assistimos meninos de rua, mas não nos propomos a abolir a infância abandonada; assistimos prostitutas infantis, mas nem ao menos acreditamos ser possível abolir a prostituição de crianças; anunciamos com orgulho que diminuimos o número de meninos trabalhando, mas não fazemos o esforço necessário para abolir o trabalho infantil; dizemos ter 95% das crianças matriculadas, esquecendo de pedir desculpas às 5% abandonadas, tanto quanto se dizia, em 1870, que apenas 70% dos negros eram escravos.

Depois de cento e quinze anos, desde a abolição e a República, o Brasil tem um governo comprometido em mudar: da assistência à abolição. Construir uma economia da abolição. Uma economia que, no lugar de preocupar-se apenas com o crescimento da riqueza, trabalhe formulando caminhos para abolir a pobreza; que considere o desemprego uma tragédia a ser enfrentada, e não um desequilíbrio a ser descrito com frieza; uma economia que priorize a produção de alimentos para o povo dos porões e não para gerar divisas a serem usadas nas farras do convés. Uma economia que considere prioritários os gastos com educação e saúde.

Na época da escravidão, muitos eram a favor da abolição, mas diziam que não havia recursos para atender o direito adquirido do dono, comprando os escravos antes de liberá-los. Outros diziam que a abolição desorganizaria o processo produtivo. Hoje dizemos o mesmo em relação aos gastos com educação, saúde, alimentação do nosso povo. Os compromissos do setor público com direitos adquiridos não permitem atender às necessidades de recursos para educação e saúde nos orçamentos do setor público.

Uma economia da abolição tem a obrigação de zelar pela estabilidade monetária, porque a inflação pesa sobretudo nos porões do barco Brasil; não é possível tampouco aumentar a enorme carga fiscal que já pesa sobre todo o país; nem podemos ignorar a força dos credores. Mas uma nação com a nossa renda nacional, com o poder de arrecadação de nosso setor público, tem os recursos necessários para implementar uma economia da abolição, a serviço do povo, garantindo educação, saúde, alimentação para todos.



O BRASIL É UM NAVIO
NEGREIRO EM DIRECÇÃO
AO FUTURO. UM NEGREIRO
COM MILHÕES DE POBRES
EXCLUÍDOS NOS PORÕES
— SEM COMIDA, EDUCAÇÃO,
SAÚDE — E UMA ELITE
NO CONVÉS, USUFRUINDO
DE ELEVADO PADRÃO
DE CONSUMO EM DIRECÇÃO
A UM FUTURO DESASTROSO.

ASSISTIMOS meninos de rua, mas não nos propomos a abolir a infância abandonada; assistimos prostitutas infantis, mas nem ao menos acreditamos ser possível abolir a prostituição de crianças; anunciamos com orgulho que diminuimos o número de meninos trabalhando, mas não fazemos o esforço necessário para abolir o trabalho infantil;

Nosso maior problema não está na falta de recursos, mas no vício de séculos de uma sociedade acostumada a viajar no convés, desprezando os porões, e satisfeita apenas com o exercício da assistência no curto prazo.

O Brasil elegeu um governo diferente em outubro de 2002, mas a verdadeira face deste novo governo só será eleita realmente no final de 2003, quando forem decididos os orçamentos do setor público. Só então vamos poder saber se o Brasil vai desviar do iceberg seu destino de titanic e vai começar a trazer para o convés a parte excluída de seu navio negreiro.

Para isso, o Brasil inteiro deve assumir a vontade de sair da assistência para a abolição, orientando os gastos públicos com a necessária radicalidade para atender às necessidades dos excluídos. A verdadeira vitória de um presidente não está na sua eleição, mas no orçamento que ele consegue aprovar depois de eleito. Na eleição ele aumenta seu currículo de político, no orçamento ele consolida sua biografia de estadista.

Diferentemente dos ditadores, dos reis e dos primeiros-ministros, a maior tarefa de um presidente da República é persuadir seu povo dos rumos do futuro para o seu país. O presidente Lula está nos persuadindo de que é tempo de sair da assistência para completar a abolição e sair de uma República com aristocracia para uma República de cidadãos: desviar do rumo do iceberg e trazer os pobres para o convés.



> guerra



adriano rangel - isto é

AQUILO QUE MOVE OS AMERICANOS É A MANUTENÇÃO DA HEGEMONIA PLANETÁRIA. POR ISSO EXIBEM SISTEMATICAMENTE A FORÇA MILITAR E UTILIZAM-NA CONTRA ADVERSÁRIOS FRACOS, GARANTINDO UMA VITÓRIA MILITAR FÁCIL E RÁPIDA.

Já muito se escreveu sobre a guerra no Iraque. De mentira em mentira estamos cada vez mais próximos da verdade, das razões concretas que levaram os Estados Unidos a bater-se contra Saddam Hussein, um homem que lhes prestou bons serviços durante largos anos. É claro que o domínio do petróleo é um objectivo importante - quanto mais não seja do ponto de vista da saúde mental de uma economia e de uma sociedade tão perdulárias e adictas de combustíveis fósseis - mas está longe de ser o principal, o estratégico, para usar uma expressão do agrado dos meios militares e belicistas. Como bem explicitou Immanuel Wallerstein, aquilo que move os americanos é a manutenção da hegemonia planetária. Para isso é importante que a força militar seja sistematicamente exibida e, de quando em quando, utilizada contra adversários tão fracos que lhes permite garantir, à partida, a vitória militar fácil e rápida, ao mesmo tempo que manobram para evitar que a "velha Europa" possa jogar um papel autónomo de modo a constituir-se numa nova polaridade do sistema mundial capitalista.

Com uma economia dependente da Europa e dos principais países industriais asiáticos, uma competitividade internacional que se circunscreve a quatro ou cinco sectores produtivos, a braços com um défice comercial colossal e à beira de uma deflação ameaçadora, a hegemonia americana só pode ser jogada pela

ÀS «CAVALITAS» das nossas elites mediocres, historicamente medradas no saque colonial e preferindo o consumo conspícuo ao investimento produtivo do capital, o Portas e o Durão meteram-nos na guerra.

via militar. Compreendem-se agora facilmente os motivos que levaram gente como Milton Friedman e muitos outros liberais do «establishment» imperial a oporem-se ao euro e a vaticinarem o seu fracasso. É na Europa que reside, de facto, o principal risco para a hegemonia americana. Incapazes de a subjugar economicamente, há que intimidá-la, ameaçando os países mais recalcitrantes como a França e a Alemanha - a primeira nunca dominada, a segunda definitivamente emancipada -, na vã esperança de travarem a marcha implacável das mudanças estruturais que empurram o centro

do regime de acumulação capitalista para fora dos Estados Unidos.

Parecendo que a história não se cansa de se repetir, alguns lacaios aprestaram-se a mais um acto de vassalagem ao senhor que sempre serviram. Às "cavalitas" das nossas elites mediocres, historicamente medradas no saque colonial e preferin-

do o consumo conspícuo ao investimento produtivo do capital, o Portas e o Durão meteram-nos na guerra. Sem coragem para pagar o preço político do envolvimento directo de soldados portugueses no teatro de operações, ficaram-se pelo apoio mercenário, como justamente lhe chamou Eduardo Lourenço. Acabada esta fase, pretendem agora transformar uma centena de militares da GNR em mercenários que vão colocar, fardados e em nome de Portugal, às ordens do exército invasor de uma potência estrangeira, em troca do tributo que entendem ser-lhes devido pelos serviços prestados.

Agem como pequenos vendilhões da Europa, quer dizer, da única possibilidade que resta à humanidade para fundar um mundo multipolar baseado no primado do direito e tendo a paz como principal agenda da política internacional. Sendo a construção europeia o principal desígnio nacional, não podem deixar de ser acusados de agirem contra o nosso interesse colectivo. Tanto mais grave, quando na Europa, este continente produtor de todos os imperialismos, colonialismos e guerras, hoje sem inimigos no mundo, se enraizou nos seus cidadãos uma forte e irredutível oposição à guerra como instrumento de acção política estatal. Resta-nos corar de vergonha de um governo que nos tenta apartar deste enorme movimento de defesa da paz universal, com a certeza de que saberemos despachá-lo na primeira oportunidade.

P.S. Por estes lados tão desalinados podemos garantir ao José Manuel Fernandes que já nem para "bombo da festa" serve.

REGISTOS

Fernando Bessa Ribeiro

fbessa@utad.pt

Universidade de

Trás-os-Montes e Alto

Douro, UTAD, Vila Real

26.05

Metade dos países da União Europeia não cobra propinas

Nos últimos anos, a tendência tem sido para reforçar a comparticipação dos alunos e das famílias nos custos do ensino superior, mas em sete Estados dos Quinze as universidades continuam a ser gratuitas. (...) A Irlanda, que chegou a ser o país da UE a pedir o maior esforço financeiro aos seus alunos, acabou por abolir as propinas em meados dos anos 90. Os países do Norte da Europa - Suécia, Finlândia e Dinamarca -, bem como a maioria dos "landers" (estados federados) alemães, a Áustria, a Grécia e o Luxemburgo, continuam a assegurar a gratuidade de toda a educação.

dia-a-dia

28.05

Governo apresenta proposta de Lei de Bases da Educação

A proposta de Lei de Bases da Educação foi ontem aprovada em Conselho de Ministros e é hoje oficialmente apresentada por Durão Barroso e os ministros da Educação, David Justino, e da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce. O alargamento da escolaridade obrigatória do 9.º para o 12.º ano - objectivo que deverá estar cumprido até 2010 - ou a reformulação da duração dos ciclos do estudo, com os ensinos infantil, básico e secundário a terem cada um a duração de seis anos, são algumas das alterações já conhecidas. A organização do ensino superior também sofrerá mudanças.

Manuel Sérgio entre os grandes teorizadores do desporto mundial

O ex-secretário de Estado do Desporto brasileiro e actual presidente da Federação Internacional de Educação Física (FIEP) e vice-presidente da Associação Internacional das Escolas Superiores de Educação, publicou recentemente um livro intitulado "As teorias da Educação Física e Desporto - uma abordagem epistemológica". Nele, analisa o autor as sete principais teorizações globais do desporto, que incluem a Teoria Pedagógica da Educação Física de Ommo Gruppe, a Teoria Crítico-Marxista de Jean-Marie Brohm, a Teoria Psicocinética de Jean Le Boulch, a Teoria Antropológico-Cultural do Desporto e da Educação Física de José Maria Cacigal, a Teoria Praxiológica de Pierre Parlebas, a Ciência da Motricidade Humana de Manuel Sérgio e a Ciência do Desporto de Herbert Haag. Felicitamos o nosso colaborador Manuel Sérgio por estar entre os grandes teorizadores do desporto do nosso tempo.

A redacção

“Como cientista nunca posso dizer: é impossível!”

MANUEL PAIVA, CIENTISTA PORTUGUÊS RADICADO NA BÉLGICA, ESTEVE RECENTEMENTE EM PORTUGAL PARA DAR UMA CONFERÊNCIA INTITULADA «PARA QUANDO O 1º ASTRONAUTA PORTUGUÊS?» (8 DE MAIO DE 2003). PROFESSOR DE FÍSICA E BIOFÍSICA NA ESCOLA DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE LIBRE DE BRUXELAS, MANUEL PAIVA, TEM COLABORADO COMO PRINCIPAL INVESTIGADOR EM VÁRIOS PROJECTOS DA AGÊNCIA ESPACIAL EUROPEIA RELATIVOS À VIDA DO HOMEM NO ESPAÇO (TAIS COMO O PROJECTO SPACELAB D-2 E O EUROMIR 95). FOI TAMBÉM CO-INVESTIGADOR NOS PROJECTOS SPACE LMS 1996 E NAS MISSÕES CIENTÍFICAS NEUROLAB DESENVOLVIDAS PELA NASA. A ÚLTIMA DAS QUAIS REALIZADA NA MISSÃO DO VAIVÉM COLUMBIA. É AINDA CO-AUTOR DO LIVRO DIÁLOGOS SOBRE PORTUGAL.



Egídio Santos

entrevista

Entrevista com Manuel Paiva, cientista da Agência Espacial Europeia

O ENSINO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL

O cientista Manuel Paiva, a trabalhar na Bélgica, sublinhou o facto de as crianças ainda não aprenderem em simultâneo a leitura, a escrita e a ciência. Tem dificuldade em compreender que Portugal tenha decidido ter um programa espacial próprio quando todos os países da Europa se estavam a unir para criar a ESA. Reconhece que há 20 anos estava convencido que a evolução da ciência era tal que se iria impor enquanto racionalidade, e que a crença na superstição e no paranormal iriam diminuir. Hoje reconhece que neste aspecto se equivocou pois o que acontece é o contrário. Para o cientista, voltar a um mundo de superstição é voltar à Idade Média, ao tempo da Inquisição. Espera, quando se jubilar, trabalhar com crianças dos primeiros anos escolares ajudando-as a despertar para a ciência e para o espírito científico. A ciência deve aprender-se desde cedo, defende.

Ouvi-o referir na conferência “Para quando o Primeiro Astronauta Português?” [8 de Maio de 2003] que o primeiro passo para se ser um bom astronauta é ser-se um bom cientista. E qual é o primeiro passo para se ser um bom cientista?

Ser um bom aluno! Os conhecimentos de base são extremamente importantes. Há certos conceitos no domínio científico, em física e em matemática, que quando não se assimilam até a uma certa idade se tornam difíceis de compreender depois.

Por isso é muito importante que, ao nível europeu, se comece o ensino da ciência muito mais cedo. Com raras excepções os países europeus começam tarde o ensino da ciência.

A ciência continua muito afastada das salas de aula, a começar logo pelo ensino primário...

Há já quatro mil anos que a humanidade aprendeu a ler e a escrever mas a ciência moderna só começou com Galileu. Por isso, ainda não há a ideia de que se deveria simultaneamente aprender a leitura, a escrita e a ciência. Mas é possível fazer com que as crianças comecem muito cedo a interessar-se pelos aspectos científicos, fazendo experiências simples. O que talvez seja mais difícil é formar os professores primários para a realização desse tipo de experiências. A ciência é difícil. E para compreender certos problemas científicos é necessário ter professores que possam dar explicações, para analisar os resultados de uma experiência, que são menos directas do que as regras para ler e escrever. Mas esta é uma evolução que se está a fazer em alguns países e que se deve fazer em Portugal.

Há pouco estávamos a falar das condições necessárias para se ser um bom cientista... Para se ser um bom cientista é preciso sair de Portugal?

(Risos) Hoje já não é preciso. Pode ser-se um bom cientista em Portugal. O que é indispensável depois é ter boas condições para se investigar. Em parte essas condições exis-

tem porque há colaborações e trocas em grande parte no interior da Europa. Aliás, quando às vezes os jovens me fazem perguntas sobre carreiras científicas e me dizem que pensam ir para os EUA eu tenho sempre tendência para os encorajar a ficar na Europa onde há muitos centros que são tão bons quanto os centros americanos. Mas ainda é preciso um certo tempo para criar a mentalidade de que Portugal se deve integrar na Europa.

Quando os países escolhem aderir à Agência Espacial Europeia (ESA) a longo prazo é para se tornarem europeus. Claro que isto implica uma certa perda de autonomia, mas ótimo! Isso também é verdade nas avaliações externas. Veja-se o caso da missão belga. Os belgas pagaram 16 milhões de dólares aos russos para terem nesta missão em Dezembro passado um astronauta belga. Houve muitas experiências mas elas foram seleccionadas fora da Bélgica, embora tivesse sido a Bélgica a pagá-las. Porquê? Porque a única maneira de ter avaliações objectivas é sair do meio onde as pessoas se conhecem e ter avaliações exteriores. E acho que é isso que está a fazer evoluir Portugal: ter pessoas do exterior a fazer avaliações aqui.

Entre os cursos cujas saídas profissionais se resumem à investigação continua a haver a ideia de que o futuro passa por todos os países, menos por Portugal. O que pensa disso?

Há centros de investigação de qualidade em Portugal...Eu li o livro do

Jorge Massada “Vale a pena ser cientista?” e os quatro cientistas que ele entrevistou no livro dirigem quatro centros de qualidade internacional. Conheço pessoalmente três e o único que conheço apenas de reputação é o António Coutinho. E é uma pessoa que tem um nível que se pode dizer de potencial prémio Nobel. Publicou mais de dez artigos na revista «Nature». Quando um centro em Portugal tem um director com essa qualidade eu tenho a certeza de que os jovens que vão lá parar serão bem orientados. E os outros três centros, do Alexandre Quintanilha, do Sobrinho Simões e do Pacto de Carvalho, seriam de qualidade em qualquer país do mundo no domínio das ciências biomédicas. Onde muitas vezes a qualidade é mais baixa é no interior das universidades. Aí tem de haver uma maior evolução...

Que passa por um aumento de financiamento...

Em parte, mas não só. No domínio da Educação o orçamento português é mais ou menos o mesmo que o orçamento belga. Portanto não é só uma questão de dinheiro, é também uma questão de estrutura. Se não houver uma reforma completa das estruturas universitárias, o que ainda não aconteceu, a investigação não vai melhorar de maneira significativa.

A que tipo de reformas se refere? As grandes reformas nas universidades francesas e belgas foram uma consequência do Maio de 68, que em grande parte terminaram

”O facto de se ser o primeiro astronauta de um país tem sempre alguma repercussão, mas acho que é preciso relativizar um bocado [o acontecimento]. Até porque o primeiro astronauta português é capaz de vir a ser o milésimo a nível mundial...”



Egidio Santos

com os mandarinatos. Nessa altura Portugal ainda vivia num regime fascista e não foi possível avançar com elas. Depois do 25 de Abril houve uma série de reformas mas foram ineficazes. Eu posso dizer isso porque tenho um passado que mostra que não sou reaccionário...

Não é normal que no nosso país certos dirigentes universitários sejam eleitos pelos estudantes [40% dos votos são dos estudantes]. A primeira função dos estudantes é estudar e provar que são capazes de ser muito bons como estudantes. Também me espanta ver que os estudantes que têm funções de dirigentes associativos podem ter certas vantagens e fazer exames em alturas diferentes, etc.... Isto é perfeitamente inadmissível. E pode criar a tendência para certos alunos escolherem esses lugares de dirigentes porque isso lhes dá vantagens. Um reitor de uma universidade deve ser eleito pelos seus pares e por aqueles que já tenham diploma e que já conseguiram mostrar que como estudantes eram capazes de ser bons e de terminar o curso.

Outra reforma que me parece muito importante passa pela mudança da estrutura do ensino de forma a que os professores possam dedicar mais tempo à investigação. Eu, por exemplo, dou aulas a 400 alunos. São 90 horas de ensino e muitos exames, mas consagro apenas 30% do meu tempo ao ensino porque há uma boa organização e não perco tempo com reclamações. Nunca tive uma reclamação de um exame. É claro que o que é preciso é que não haja erro. Mas aqui em Portugal perde-se muito tempo com

reclamações. Eu nunca tive de perder tempo com burocracias paralisantes porque o ensino está bem organizado. Estou convencido que aqui em Portugal um professor que desse aulas a 400 alunos no primeiro ano, passaria muito mais tempo que eu no ensino. Eu ainda tenho tempo para consagrar à investigação e para dirigir um laboratório.

PORTUGAL, O ESPAÇO E O INVESTIMENTO NA INVESTIGAÇÃO ESPACIAL

Qual a importância da presença de um astronauta português numa missão espacial? É uma questão de imagem?

O facto de se ser o primeiro astronauta de um país tem sempre alguma repercussão, mas acho que é preciso relativizar um bocado [o acontecimento]. Até porque o primeiro astronauta português é capaz de vir a ser o milésimo a nível mundial... Portanto, vai ser uma notícia essencialmente local. Na Bélgica, o primeiro astronauta voou há 10 anos e realmente houve uma grande mediatização. O segundo voou em Dezembro passado e já houve muito menos interesse dos «media» nele. Além disso, se houver um astronauta português ele será muito provavelmente recrutado através dos concursos da ESA e, por isso, será antes de mais um astronauta europeu. Na ESA a questão da nacionalidade é secundária, o que é muito importante, porque só assim [com esta mentalidade] se poderá construir a Europa.

A adesão de Portugal à Agência Espacial Europeia (ESA) tem apenas 2 anos [2000/2001]. Fará sentido que um pequeno país como Portugal invista no domínio espacial?

Dos pequenos países na Europa, a Bélgica é o que investe mais no domínio espacial. São quantias muito importantes para um pequeno país, mas, no entanto, não houve até hoje uma oposição a esse investimento, nem da parte das universidades nem da indústria. Depois é preciso ver que a regra que regula a contribuição dos diferentes países para a ESA diz que o que é investido tem de retornar ao país. Para isso é essencial que em Portugal haja indústrias competitivas, capazes de rentabilizar esse retorno. Só assim fará sentido investir no domínio espacial.

Que projectos ligam Portugal à ESA?

Conheço muito mal os projectos que ligam Portugal à ESA... mas por acaso estava a folhear o jornal Público [de 08 de Maio de 2003] e li que vieram cá dois americanos para discutir contratos com indústrias portuguesas. Só percorri a notícia mas acho que seria muito mais importante que Portugal se consagrasse inteiramente à Europa.

Curiosamente Portugal parece virar-se para os EUA...

Na minha opinião isso seria um erro gigantesco e uma enorme injustiça para com todos os europeus que contribuíram para o desenvolvimento de Portugal. Porque se o país tem hoje as auto-estradas e as telecomunicações que tem foram os investimentos europeus que os proporcionaram. E se agora que está

mais desenvolvido Portugal se vira para os EUA... enfim, é uma tendência que eu tenho dificuldade em compreender. Tal como tenho dificuldade em compreender que Portugal tenha decidido ter um programa espacial próprio quando todos os países da Europa se estavam a unir para criar a ESA. Seria interessante ver em que é que esse investimento resultou. Por vezes tenho a impressão de que há um grande desperdício de potencialidades e de dinheiro só porque se quer fazer as coisas de uma maneira diferente da dos outros pequenos países.

O projecto espacial português está orientado essencialmente para as telecomunicações...

Na ESA existem os programas obrigatórios, de carácter científico e ligados à infra-estrutura e depois cada país pode escolher a sua área [de participação]. Portugal tem uma contribuição muito pequena – que corresponde a cerca de metade do orçamento que a ESA gasta actualmente só para a educação (1% do orçamento total) – portanto precisa de fazer boas escolhas. Pessoalmente acho que a área das telecomunicações foi uma óptima escolha.

O FASCÍNIO DA CIÊNCIA E O COLUMBIA

Ouvi-o também dizer na televisão que as “descobertas são imprevisíveis”. É aí que assenta o fascínio da Ciência?

É realmente isso que acho extraordinário na Ciência. Há dois aspectos que para mim são fascinantes. Um é a previsibilidade da ciência física -

”Eu estava convencido que a evolução da Ciência era tal que se iria impor enquanto racionalidade, e que a crença na superstição e no paranormal iriam diminuir. Porém, o que está a acontecer é precisamente o contrário.”



Egidio Santos

entrevista

nesse sentido gosto muito de falar na missão Huygens (grande físico holandês do século XVII), que é uma sonda europeia que vai pousar na superfície de Titan, um satélite de Saturno, no dia 14 de Janeiro de 2005, e gosto de explicar aos miúdos de que forma sei isto de forma tão exacta. Como? Através das Leis de Newton. São elas que nos fazem antever com uma previsão extraordinária o que se vai passar. É por isso que se pode prever os eclipses. Foi este o resultado do desenvolvimento da Física, da ciência Moderna do Galileu e da Astronomia. Este é um aspecto.

Mas para chegar a essas leis da Física, os que as descobriram tiveram de fazer um grande esforço. Isso está descrito num dos livros mais fabulosos que li, “Os Sonâmbulos” do Arthur Koestler, publicado na Gradiva. Para um físico compreender a Física tem de aceitar primeiro o rigor extraordinário das suas leis, mas quando tenta fazer uma descoberta num certo domínio é igualmente fascinante não saber o que vai descobrir ao certo.

Essa combinação de um grande rigor científico, que até pode fazer pensar que há uma grande falta de fantasia, não impede que um cientista - que para ser eficaz tem de ter esse rigor extraordinário -, ao fazer a sua investigação não saiba bem por onde vai. E às vezes faz uma descoberta porque é capaz de associar aspectos em domínios muito diferentes. Por isso, a certa altura tem de parar mentalmente com esse grande rigor para deixar a mente partir em várias direcções possíveis. Portanto, a capacidade de um in-

vestigador é combinar dois aspectos que à partida parecem contraditórios: o rigor e a fantasia. É isso que permite novas descobertas.

Disse também que se não tivesse havido a tragédia do Columbia provavelmente ninguém saberia que havia experiências de um cientista português a bordo. Isto acontece porquê?

Essa foi a minha décima missão e provavelmente a menos espectacular do ponto de vista científico. Eu já estou na Bélgica há muito tempo. Há dez anos ocupei-me de uma grande missão, o Eurolab, e isso nunca despertou grande interesse em Portugal. O facto de haver um acidente e de se verem a morrer sete pessoas em directo tem uma dimensão mórbida. E não há dúvida nenhuma que em Portugal as pessoas têm uma certa morbidez... Basta ver que quando há um desastre as pessoas param para ver e não para ajudar os feridos.

Um dos astronautas que morreu na missão tinha expresso a vontade de no caso de algo acontecer tudo continuasse. É muito provável que eles não tenham sentido nada. Aquilo passou-se instantaneamente. Morreram depois de uma missão que tinha sido um enorme sucesso, no auge das suas capacidades intelectuais, e ao ver aquelas imagens, que são absolutamente dramáticas, a ideia que me vem ao espírito é uma imagem do Hubert Reeves, autor do livro “Poeiras de Estrelas”, que diz que nós somos todos poeiras de estrelas, porque os átomos de massa mais elevada que constituem o nosso organismo foram cria-

das na explosão de supernovas no universo inteiro.

Acha que os portugueses ainda são um povo com uma visão limitada?

Uma das experiências mais extraordinárias que tive no domínio da educação foi com miúdos que, motivados pelo desastre do prestige, queriam compreender como é que o petróleo se escapava da embarcação para o fundo do mar. Fui a uma escola por três vezes, falar durante hora e meia, para responder às perguntas dos miúdos. E para quê? Para um dia poderem agir!

Na mesma altura, um professor universitário português explicava que as costas portuguesas não tinham sido atingidas pelo derrame devido à intervenção da Virgem de Fátima... Um professor universitário disse isto! Para que serve uma pessoa consagrar toda a sua vida ao trabalho científico se basta fazer umas rezas e o problema está resolvido? Eu sou extraordinariamente respeitoso das crenças dos outros, mas uma posição destas choca-me muito, porque após ter deixado Portugal por causa do fascismo encontro 40 anos depois as mesmas mentalidades em certos professores universitários.

Foi essa a razão da sua partida?

Sim, e é por isso que continuo a ser alérgico a pessoas que fazem um esforço para manter um povo ignorante. O dever de qualquer universidade é o de servir a sociedade. E o dever de qualquer professor universitário é o de não ser supersticioso, de não acreditar no paranormal e comunicar aos jovens que o motor do desenvolvimento de Portugal é o investimento

na massa cinzenta, um investimento economicamente rentável a longo prazo, porque a Europa só pode ser uma grande potência, independente dos EUA, se for uma grande potência económica e isso não se consegue fazendo rezas mas aprendendo a ciência e trabalhando muitíssimo.

O ESPAÇO, OS EXTRA-TERRESTRES E OUTRAS SUPERSTIÇÕES

Disse que acreditava na existência de vida em outros planetas... Podia desenvolver essa ideia?

Quando falo na possibilidade de vida em outros planetas sou muito prudente. Aliás, nunca utilizo a expressão “é provável” porque quando se fala em probabilidade é preciso que existam circunstâncias que nos permitam fazer um cálculo. Até ao momento só se conhece a existência de vida na Terra. No entanto, eu digo que é plausível porque hoje os cientistas pensam que as leis da Física são as mesmas em todo o universo. E é plausível que as mesmas leis da Física que levaram ao aparecimento da vida na Terra tenham levado à vida noutros sítios.

Dei recentemente uma conferência na Bélgica para miúdos de várias idades em que o tema era a água no universo. E comecei por lhes dizer que quando tinha a idade deles se um professor fosse à minha escola falar sobre aquele tema não diria praticamente nada, porque não se sabia nada, e que tudo aquilo que eu lhes ia dizer tinha sido descoberto nos últimos 20 anos. E uma das grandes descobertas que se tem feito é que existe água um pouco por todo o universo.

(...) a capacidade de um investigador é combinar dois aspectos que à partida parecem contraditórios: o rigor e a fantasia. É isso que permite novas descobertas."



Egidio Santos

Outra descoberta essencial é que durante muito tempo não se sabia se havia planetas à volta de outras estrelas. E agora já há mais de cem planetas identificados e quase não há semana em que não se descubra mais um. Portanto, no nosso próprio sistema solar existem um planeta (Marte) e um satélite (o Europa, do planeta Júpiter) onde se tem quase a certeza que ainda exista água. E todos os cientistas estão de acordo que a água é o elemento essencial para o aparecimento da vida. Mesmo em relação a Marte, que se pensava ser um planeta árido e estéril, há cientistas que acreditam que exista vida nas camadas inferiores onde existe água e que, por isso, certas formas primitivas de vida possam ter sobrevivido. Portanto, ter uma missão para Marte, primeiro com uma sonda espacial e depois com o Homem, daqui a uns vinte anos, é um projecto extraordinário para entusiasmar os jovens.

Acredita em Ovnis?

(Risos) Não. Mas é curioso que na primeira conferência que dei em Portugal, há dois ou três anos, um professor primário me tenha perguntado o que eu pensava dos Ficheiros Secretos. Na altura pedi desculpa dizendo que não sabia o que isso era...

Há um domínio em relação ao

qual mudei completamente de opinião nos últimos 20 anos. Eu estava convencido que a evolução da Ciência era tal que se iria impor enquanto racionalidade, e que a crença na superstição e no paranormal iriam diminuir. Porém, o que está a acontecer é precisamente o contrário. Por isso, hoje os cientistas devem fazer um grande esforço para lutar contra essas superstições.

Creio que uma das razões pelas quais isso acontece é que as pessoas naturalmente têm necessidade de acreditar em algo. Compreendo isso perfeitamente e posso até discutir as razões e as origens dessa crença. Antigamente as pessoas acreditavam numa religião bem estruturada, mas as diferentes religiões tradicionais estão a perder influência e há pessoas que têm necessidade de acreditar em algo e as vão substituindo por outras crenças. Aliás, as pessoas que são muito religiosas são também habitualmente muito supersticiosas.

O OVNI é apenas um exemplo, há muitos outros. Por isso, acho que é importante ter uma atitude desde o ensino primário. O facto de, em França, nas diferentes profissões e grupos culturais serem os professores primários os que mais acreditam no paranormal e os mais supersticiosos é absolutamente dramático.

E é uma das razões que me faz pensar que há uma obrigação moral das pessoas que terminam uma carreira científica de tentar contribuir para eliminar a superstição e o arbitrário. Porque voltar-se a um mundo de superstição é voltar-se à Idade Média, à idade das Trevas, à Inquisição, que foi um período tenebroso da história da humanidade.

Substituir a religião pela Ciência?

Não, não, de modo nenhum. São coisas distintas. Ontem, numa emissão televisiva, perguntavam-me se eu acreditava em Deus. Eu respondi que era um cientista e que estava lá para responder a problemas ligados à ciência. Não me importo de falar das minhas convicções pessoais, mas acho que é um erro enorme para um cientista utilizar argumentos da ciência para falar de religião. Não tem nada a ver uma coisa com a outra! A Ciência é baseada na experiência, não conheço ciência nenhuma que não tenha uma verificação experimental. Aí está uma diferença [entre ciência e religião] que faz com que haja uma barreira abismal entre as duas. Outra diferença é que a Ciência é reprodutível, ou seja, nas mesmas condições faz-se uma experiência e devem-se obter os mesmos resultados. Não sei se há milagres reprodutíveis ou não...

O FUTURO APÓS O FIM DA CARREIRA DE DOCENTE

Daqui a 4 anos vai-se jubilar do ensino e deixar a Universidade Livre de Bruxelas. Pode falar-nos um pouco dos seus projectos para o futuro?

Há uma regra na nossa universidade que eu sempre defendi: aos 65 anos termina-se a carreira. O meu caso foi discutido na universidade, e, a meu pedido, ficou decidido que eu terminarei a minha carreira de professor no dia 31 de Janeiro de 2008. E acho muito importante, mesmo enquanto director de laboratório, não ficar ali onde vai estar o meu sucessor. Portanto no dia 1 de Fevereiro de 2008 não voltarei ao laboratório que, aliás, criei. É assim que as coisas devem funcionar.

Por razões pessoais decidi acabar os meus dias em Portugal. E se os meus neurónios continuarem a funcionar tão bem como até aqui continuarei a ter uma actividade intelectual e a dedicar uma grande parte do meu tempo às questões ligadas à educação, que me interessam muito, procurando fazer uma associação da história à educação. O caso de Portugal é extraordinário: tentar compreender porque é que o país mais importante do planeta no século XV foi por "água abaixo" e só agora começa a recuperar. As coisas podem mudar se o ensino da ciência começar mais cedo e se se valorizar a função do professor primário.

Já reparei que muitos cientistas, quando vêem aproximar-se o final da vida, e após uma carreira científica interessante, tentam prolongar a sua actividade intelectual tentando interessar os jovens pela ciência. Eu acho essa uma actividade muito interessante e inclusivamente vou regularmente à Bélgica falar a escolas primárias e secundárias. E isso pode fazer-se em qualquer idade.

Entrevista conduzida
por Andreia Lobo

	1 ano	2 anos
Portugal	30/25*	55/45*
Estrangeiro	50	90

	1 ano	2 anos
Portugal	15€	30
Estrangeiro	20	40

Na assinatura mencionar
nº sócio e iniciais do Sindicato

* alunos e sócios dos sindicatos da FENPROF

Ser professor
Assinar a Página

a *Página* volta sempre
na 1ª quarta-feira de cada mês

Meu Deus, como é bela a guerra económica!

LUTEM, É O VOSSO DESTINO. A MUNDIALIZAÇÃO ESTÁ AÍ. E NADA PODEM CONTRA ELA, POIS NÃO? POUCO IMPORTA QUE A MUNDIALIZAÇÃO SEJA ORGANIZADA, ORQUESTRADA, PREPARADA POR MULTINACIONAIS QUE ACTUAM SOBRE OS ESTADOS COM A ESTREITA CUMPLICIDADE DESTES, MULTINACIONAIS QUE JÁ POSSUEM O SEU PRÓPRIO SISTEMA POLÍTICO MUNDIAL, QUE TEM POR NOME ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO (OMC), FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI), BANCO MUNDIAL (BM), COMISSÃO EUROPEIA.

verso e reverso

Combatam. O fosso das desigualdades está a crescer? Nunca, na história da humanidade, os ricos estiveram tão longe dos pobres? Cavem mais fundo a vossa trincheira. A vossa vida está a ficar poluída como uma sexta-feira à tarde nos cais do Sena? Coloquem a vossa máscara de gás. Não sabem se os vossos filhos conseguirão ter uma educação correcta e uma boa saúde, para já não falar de uma profissão? Ensinem-lhes a flexibilidade. Eduquem-nos na precariedade, na incerteza do amanhã, no medo perpétuo dessa bomba chamada desemprego, isso sim, poderá servir-lhes para alguma coisa. Então, que diabo, um pouco de coragem! Os lucros sobem em flecha? As empresas conseguem lucros tão elevados que já nem sequer os investem? As empresas nunca foram tão alimentadas pelos subsídios de um Estado que desprezam e cujo capital lhes está a ser oferecido? É a guerra, dizem-nos. Sejam móveis, estejam prontos a ser contratados de manhã para serem despedidos à tarde. Flexíveis. Façam vénias. Estejam prontos a atacar. Não de chamar-vos quando for preciso sair do buraco. E, depois do assalto, há de haver novo assalto, e depois mais outro. Um nunca acabar.

Para a guerra é necessário haver soldados, chefes e comerciantes de canhões. E, sobretudo, propaganda.

Propaganda, não a temos tido aos

quilos, mas às toneladas. Às carradas. Os funcionários públicos estão optimamente instalados na vida, os que auferem o salário mínimo são uns privilegiados que deviam ter vergonha, os pensionistas são ricos e os desempregados uns preguiçosos que só pensam no subsídio. E não falemos dos beneficiários do rendimento mínimo garantido, esses desavergonhados que recebem dois mil francos líquidos e que impedem que o salário mínimo suba para três mil. Entre estes, há

OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS estão optimamente instalados na vida, os que auferem o salário mínimo são uns privilegiados que deviam ter vergonha, os pensionistas são ricos e os desempregados uns preguiçosos que só pensam no subsídio.

os que têm um tecto, que são privilegiados em relação aos sem-abrigo. E não nos esqueçamos do Estado predador, dos impostos que matam a iniciativa, dos privilegiados dos caminhos-de-ferro, das estradas ou dos correios, que tomam o país como refém. O pior é sem dúvida a ideologia da «mundialização feliz», isto é, todo o poder aos mercados, abaixo os direitos dos trabalhadores, viva o nivelamento por baixo. Germinal está finalmente feliz com o seu destino.

A mundialização à moda liberal é a sufocação regulamentada dos bens públicos, mobiliários e imobiliários, a pilhagem

da Segurança Social e o aniquilamento dos direitos dos trabalhadores. O que se diz ser um progresso é uma regressão de dois séculos. Que os ingleses tenham os patrões mais bem pagos do mundo, poucos desempregados e muitos pobres, analfabetismo, suicídios, uma morbilidade em pleno desenvolvimento mas também o melhor cinema social da actualidade deve fazer-nos reflectir. A pátria do Estado de direito e do Estado-providência, a terra que acolheu as longas horas

de estudo de Karl Marx no British Museum e permitiu o nascimento de «Das Kapital», favoreceu, graças a Margaret Thatcher, uma inverosímil regressão, a regressão ao liberalismo mais brutal, o de um Malthus («As leis sobre os pobres criam os pobres a quem ajudam»), de um Burke, de um Franklin, de um Pareto («Àquele que conseguiu ganhar milhões, tenha sido bem ou mal, daremos dez num máximo de dez; àquele que apenas consegue não morrer de fome daremos um em dez»).... A guerra económica é um suicídio social. E o «social», se não quiser morrer, tem de matar esta guerra.

A mundialização na versão «todos são cidadãos do mundo» é a melhor das coisas, a mundialização na versão «todos são empregados e vassallos do supermercado mundial» a pior.

Claro que somos mundialistas. Claro que o futuro do mundo é um governo único que permita gerir, entre outros, os fantásticos problemas ecológicos que se colocam à Terra. A próxima guerra — a verdadeira — será talvez uma guerra da água. A mundialização económica é o contrário da regulamentação. É a selvajaria e a pilhagem, a depredação da Natureza...

A propaganda, a fábula da «mundialização feliz», o aniquilamento do Estado e da política, o regresso à moral vitoriana do rico abençoado pelos deuses e do pobre amaldiçoado: eis a «guerra económica» de que este livro nos fala.

Felizmente, há grandes esperanças. Felizmente, esta guerra será talvez a última batalha da humanidade contra si mesma — esperemos que não seja demasiado sangrenta! No horizonte, a esperança da paz no século XXI, graças à revolução técnica que elimina o trabalho manual. De qualquer forma, não temos escolha: ou o caos das «grandes companhias» numa interminável guerra civil ou a paz com uma redistribuição reencontrada.

E agora, façamos figas para que um dia não se venha a escrever: «E o combate terminou por falta de combatentes.»



> neoliberalismo

IMPASSES e desafios

Philippe Labarde e Bernard Maris; In, *Meu Deus, como é bela a guerra económica*; Terramar.

O nível de produtividade portuguesa é muito superior ao nível dos salários dos trabalhadores portugueses

De acordo com dados publicados pelo Eurostat, que é o serviço oficial de estatística da União Europeia, a produtividade média portuguesa corresponde a cerca de 66% da produtividade média da União Europeia. Comparemos este valor da produtividade com nível de salarial português relativamente aos salários dos trabalhadores dos países da União Europeia.

O quadro I, que a seguir se apresenta, e que foi construído com dados publicados pela OCDE em 2002, que saíram no suplemento de Economia do jornal «Público» de 3 de Março de 2003, permite fazer essa análise.

A produtividade média portuguesa corresponde a cerca de 66% da produtividade média da União Europeia, no entanto o salário médio português corresponde a muito menos que 66% do salário médio dos 10 países que constam do quadro anterior.

Efectivamente, e como mostram os dados da última coluna da direita do quadro I, o salário médio do trabalhador português corresponde, de acordo com os dados da OCDE, apenas a 34,1% do salário médio dinamarquês, a 35,5% do salário médio alemão, a 37,1% do belga, a 37,6% do luxemburguês, a 41,6% do inglês, a 46,3% do italiano, a 49,5% do sueco e do irlandês, a 53,4% do salário francês e 59,8% do salário médio espanhol.

Em conclusão, contrariamente ao que afirma alguma imprensa portuguesa, os trabalhadores portugueses não são «preguiçosos». Tendo como base o salário que recebem, o que produzem os trabalhadores portugueses é proporcionalmente superior ao que produzem os trabalhadores dos outros países da União Europeia: São os próprios dados publicados quer pela OCDE quer pela União Europeia que provam isso.

SALÁRIO MÉDIO EM PORTUGAL E NOS PAÍSES DA U.E.

PAÍS	Salário Médio Anual Em euros	Percentagem que o salário médio português representa em relação ao salário médio de cada país da U.E.
Dinamarca	36.476	34,1%
Alemanha	34.975	35,5%
Bélgica	33.519	37,1%
Luxemburgo	33.014	37,6%
Reino Unido	29.861	41,6%
Itália	26.833	46,3%
Suécia	25.106	49,5%
Irlanda	25.079	49,5%
França	23.281	53,4%
Espanha	20.794	59,8%
Portugal	12.425	

NÓS e os outros



OS «MEDIA» REPRESENTAM VEÍCULOS DE DIVULGAÇÃO PARA A INFORMAÇÃO EDUCATIVA.
IMPÕE-SE QUE OS FACTOS CAPAZES DE DEFINIR DIREITOS (E DEVERES)
DOS DIVERSOS GRUPOS SOCIAIS SEJAM EXAUSTIVAMENTE DIFUNDIDOS, O QUE NÃO ACONTECE.

A informação é essencial para que o indivíduo, no curso dos anos, mantenha a sua auto-estima e possa sentir-se cidadão de primeira classe, não um errante da vida. E a que temos vindo a assistir?

Por isso, os «media» representam veículos de divulgação para a informação educativa. Não basta que preâmbulos de legislação, a mais diversa, o proclamem. Os elos de compromisso e de conforto permitem cumplicidades de companheirismo? A eventual teia/cadeia favorece a criação de critérios de molde a que a sociedade saiba, se interogue, sobre atitudes a adoptar perante determinadas situações ou circunstâncias? Impõe-se que os factos capazes de definir direitos (e deveres) dos diversos grupos sociais sejam exaustivamente

difundidos, o que não acontece.

Quem ou o que faz rodar o planeta? O poder. A esta questão sei responder.

E o cidadão e a cidadã, onde moram? Parece que só estarão bem alojados se se movimentarem em espa-

**A «CIDADE» está em constante (re)configuração
e os cidadãos têm que estar munidos de instrumentos
(e saber usá-los) em consciência, liberdade e solidariedade.**

ços em que o administrador é a Democracia. A "cidade" está em constante (re)configuração e os cidadãos têm que estar munidos de instrumentos (e saber usá-los) em consciência, liberdade e solidariedade.

Não constam estes pressupostos dos libretos das óperas que nos vão

vendendo. Mas tenores e sopranos vão cantando, vão cantando... e as árias soam a fífia mas vão-se ouvindo, vão-se ouvindo...

E a teia/cadeia citada atrás é brutalmente tecida, literalmente, em forma de prisão.

terão fugido dos campos lexicais coisas como inviolabilidade, intimidade, vida privada, honra e imagem?

Educação em Cidadania - expressão em moda, e usada por todas as correntes de pensamento, deve levar em consideração o contexto social, e com isto, a mesma adquire características próprias, que se diferenciam conforme o tempo, o lugar, as condições e, sobretudo, os pensamentos.

Enquanto num contexto desenvolvido é suposto a cidadania ser vista com ênfase nos direitos políticos, num contexto terceiro-mundista jamais pode ser pensada fora de uma totalidade que envolve as questões da autonomia, da democracia e do desenvolvimento, que, em companhia, a definem, lhe conferem direito de vida.

À LUPA

Iracema Santos Clara
Escola Dr. Pires de Lima

Sida

Vírus da Sida continua activo e a desenvolver-se

O vírus da Sida, isolado há 20 anos, continua a desenvolver-se e os investigadores reconhecem que está a ser difícil travar a sua expansão e encontrar uma cura. "A doença está em pleno desenvolvimento e não estamos seguros de que possa ser eradicada algum dia ou que se possa obter uma vacina", refere o professor Philippe Kourilsky, director do Insti-

tuto Pasteur de Paris. O imunologista deu continuidade à corrida contra o relógio iniciada pelos cientistas franceses da equipa do professor Luc Montagnier que, no dia 20 de Maio de 1983, foram os primeiros a anunciar, na revista Science, o isolamento do Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (VIH/SIDA).

Actualmente, quinze equipas de

cientistas daquela instituição continuam a trabalhar sobre o vírus e as suas diversas facetas, desde a resposta imunológica contra o HIV, tratamentos e vacinas ou origem e evolução do vírus.

"Estamos perante uma patologia extremamente complexa e há necessidade urgente de melhorar os nossos conhecimentos em todos os

aspectos, conhecer melhor os mecanismos da infecção, para encontrar uma cura", afirma o director do Instituto Pasteur, salientando que uma das maiores dificuldades para fabricar uma vacina prende-se com a variação dos elementos que compõem as diferentes estirpes do vírus.

solta

Fonte:AFP



A ÁREA CURRICULAR NÃO DISCIPLINAR DE ESTUDO ACOMPANHADO (E.A.), VISANDO O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NOS ALUNOS QUE LHES PERMITAM CONSTRUIR APRENDIZAGENS DE FORMA AUTÓNOMA E SIGNIFICATIVA ATRAVÉS DO “APRENDER A APRENDER”, PRESSUPÕE UMA NOVA RELAÇÃO COM O SABER E UM NOVO PARADIGMA DE ESCOLA, DE CURRÍCULO, DE ALUNO E DE PROFESSOR.

Tratando-se do Estudo Acompanhado, de suma área curricular não disciplinar que visa criar, na escola e pela escola, «oportunidades de aprendizagem de métodos de estudo e de trabalho», essenciais ao sucesso das aprendizagens dos alunos, pressupõe uma abordagem trans e interdisciplinar, o que apela ao trabalho colaborativo, assente numa metodologia de trabalho projecto, envolvendo professores, alunos e encarregados de educação.

Assumir a concretização do E.A. num quadro teórico de participação alargada e democrática entre todos os intervenientes no processo educativo, em particular entre os professores e os alunos, suscita algumas questões que importa equacionar. Se por um lado pressupõe uma (re)definição do papel do aluno e do papel do professor, por outro pressupõe uma reorganização estratégica da escola e conseqüente alteração de funcionamento, no-

meadamente no que diz respeito à distribuição de serviço, elaboração de horários, gestão de espaços e de tempos, redefinição de papéis e redistribuição de poderes, sobretudo ao nível das estruturas de gestão intermédia (conselhos de turma, departamentos curriculares, conselho de directores de turma, entre outros). Esta (re)organização estratégica implica também novos jogos de poder inerentes ao processo de tomada de decisões sobre o que deve ser e como deve ser implementado o E.A., podendo surgir situações de conflito decorrentes da existência de diferentes interesses em jogo, diferentes relações de poder, diferentes representações sobre a mesma realidade. O que se pretende dizer é que sobre a mesma “coisa” há olhares diferentes que podem inclusivamente levar a caminhos diferentes, pelo que questionamos: poderá o E.A. proporcionar aprendizagens efectiva-

mente significativas aos alunos? Como criar condições na escola para que se desenvolva uma cultura colaborativa entre professores e alunos, mas sobretudo entre professores? Não nos podemos esquecer que sempre trabalhámos isolados, cada um na sua “especificidade” científica. Fazer do E.A. um espaço inter e transdisciplinar, pressupõe que cada um possa entrar no mundo do outro (o aluno, o professor), o que implica que à partida cada um esteja disponível para deixar que os outros também entrem no seu mundo. Este “transporte de barreiras” para entrarmos no mundo do outro e para deixarmos que este entre no nosso mundo depende da nossa capacidade para auto e hetero-reflectirmos, bem como da nossa disponibilidade para com os outros aprendermos. Se nos disponibilizarmos para aprender com o outro que é diferente, em particular com os nossos colegas e com os nossos

alunos, estaremos a caminhar no sentido de tornarmos as nossas escolas “mais inteligentes”. Tudo depende, entre outros factores, da nossa capacidade para (re)criarmos práticas, (des)construirmos conceitos e, sobretudo, sermos capazes de trabalhar em equipa.

Numa visão metafórica, diríamos que o Estudo Acompanhado é um arco-íris onde cada aluno vai aprender a descobrir as singularidades e as potencialidades de cada cor de modo a poder criar, de forma autónoma e criativa, verdadeiras obras de arte. Será que os professores querem entrar neste arco-íris? Estando eles habituados ao preto e branco, como estão a reagir a tanto colorido? Mas será que os professores antes de serem docentes de Estudo Acompanhado só utilizavam o preto e branco ou já havia pigmentos coloridos nas suas práticas pedagógicas, independentemente das cores recomendadas?

E AGORA professor?

Adélia Lopes
Escola Superior
de Educação de Leiria

Estamos ricos!

Corre por aí que o Governo vai mandar meia grossa de soldados da GNR para o Iraque. Coisa estranha!

Durante o ano passado, fomos diariamente bombardeados com afirmações, do Governo e dos partidos que o apoiam, de acordo com as quais o país estava numa situação de miséria. Que nunca tal desgraça se houvera visto na nossa terra. Que o desastre económico era total. Que estávamos todos arruinados. Que o país estava de tanga.

À custa do discurso aterrador promoveram-se despedimentos, não se

renovaram contratos. Deprimiram-nos. Puseram-nos a contar os cêntimos. Em todas as reretes das repartições públicas falhou o papel higiénico. Na administração pública o «harpic» passou à categoria de bem mais raro que o ouro.

Parece que ainda estou a ver a gente do Governo e os deputados da maioria. Gritaria. Perdigosos. Caras congestionadas. Fatos azul escuro. Olhos congestionados e arregalados. Dedos em riste em acto de acusação.

Naquele longínquo ano de 2002 nenhum país se nos igualava em mi-

séria, desgraça, desregramento. A miséria era tanta que nem houve o mínimo para actualizar os miseráveis salários dos trabalhadores! Chegou-se mais longe. Pairou e paira ainda no ar a ameaça de que nos poderiam e podem sonegar o 13º mês. Aterrorizados passamos a andar em bicos de pés. De bola baixa. Mansos.

E, eis que de repente tudo mudou! É como se tudo não tivesse passado de um mero eclipse do Sol. A Lua passou e o Sol voltou a brilhar. Estamos melhor que bem, estamos

óptimos. Estamos ricos. Estamos cheios de graveto. Enfileiramos e vamos de braço dado com a maior potência mundial. Fazemos parte do pelotão da frente internacional. Fazemos parte do grupo dos ricos e poderosos. Vamos mandar uma mão cheia de magalas para o Iraque. Dinheiro não nos falta para ajudar os americanos a pilhar os iraquianos.

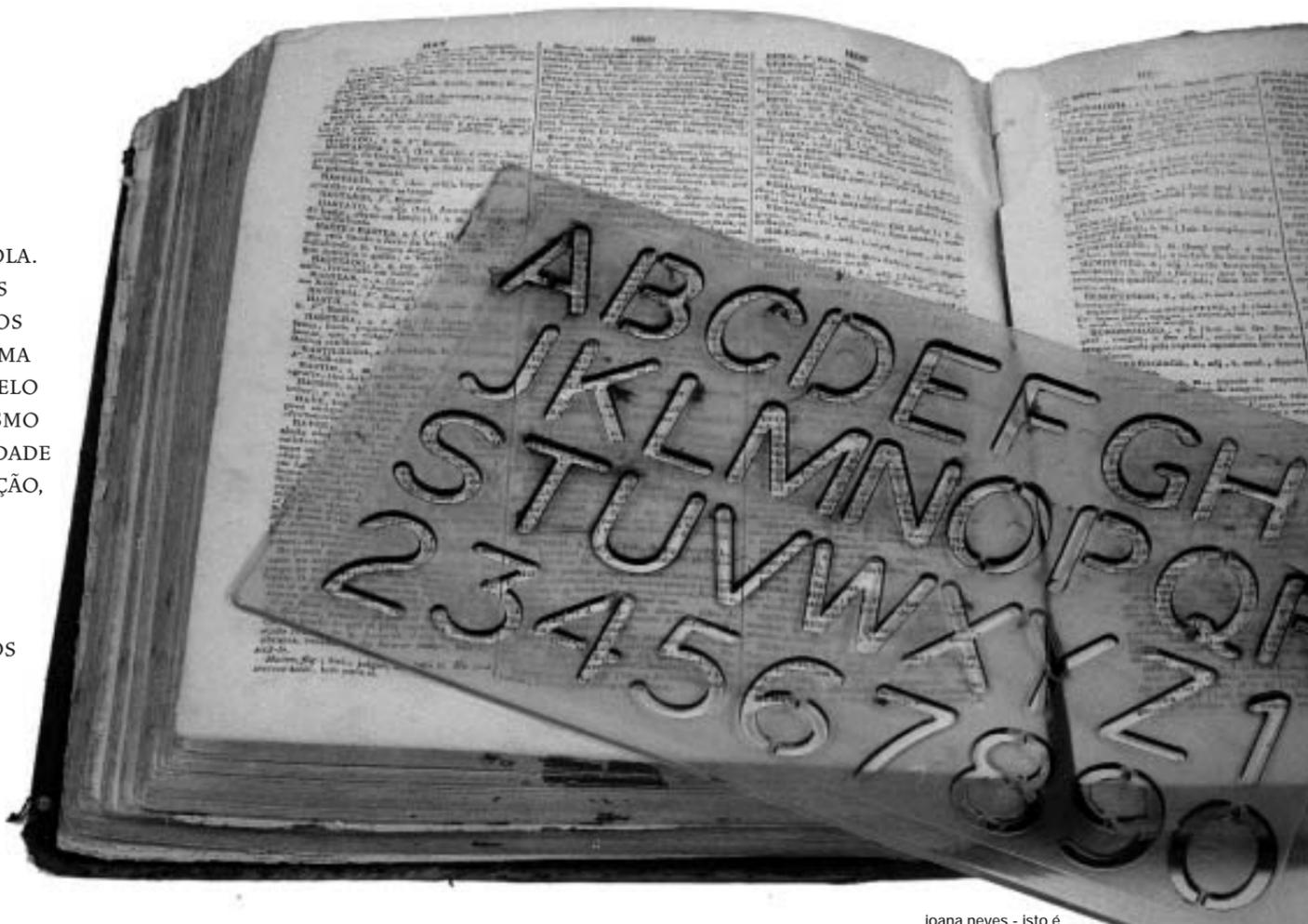
Com que então de tanga? Que grande partida nos pregaram em 2002! Gente reinadia! Grandes mandrecos! Pobretes? Sim... mas alegretes, porra!!

> deixem-nos pousar

CARTAS na mesa
José Paulo Serralheiro



O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ESTÁ MUITO ALÉM DAS PAREDES DA ESCOLA. ELE ADENTRA NOS LARES DOS NOSSOS ALUNOS COMO UMA FORÇA MOVIDA PELO NÃO-CONFORMISMO E PELA POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO, DESCARTANDO O FATALISMO, A IMPOTÊNCIA, A «HERANÇA», BUSCANDO NOVOS CAMINHOS E NOVOS RUMOS.



Joana neves - isto é

Alfabetização de pais e responsáveis de alunos

Inconformados com o número crescente de alunos retidos no 3º Ano do Ciclo de Alfabetização, reunimos um grupo de pais para discutirmos esta problemática. Descobrimos que cerca de 40% dos pais ou responsáveis dos alunos não sabia ler nem escrever, (dados que foram levantados após entrevistas com os responsáveis). Surge então a proposta de realizarmos uma «classe de alfabetização para pais e responsáveis» que, em reunião geral com a comunidade escolar, recebeu todo apoio. Desta forma enviamos para a Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, um projeto de alfabetização de pais que, autorizado, teve início no dia 18 de junho de 2002, com 60 inscrições, sendo efetivadas 47 matrículas.

O Projeto superou nossas expectativas em relação ao impacto que proporcionou na vida de nossos alunos. Eles relatavam diariamente com grande entusiasmo a satisfação por ver seus pais ou responsá-

veis estudando na mesma escola e aprendendo juntos as mesmas “letras”. Os professores observaram mudanças no comportamento dos alunos que tinham seus pais inseridos no projeto: a elevação da autoestima e a participação nas atividades propostas na escola, despertando um novo interesse para a lei-

DONA MADALENA sonhava com a possibilidade de ter acesso à escola. Todos os dias suas lágrimas banhavam seu rosto, pela emoção e possibilidade de interpretar os sons das letras.

tura. Eles relataram desejar ajudar os pais nas tarefas escolares.

No primeiro dia de aula do projeto anotamos alguns anseios dos pais, e entre eles destacamos: 1. «desejo aprender a ler e escrever para ajudar meus filhos, ou netos, ou sobrinhos, na escola, com as atividades de casa, 2. Quero ler a Bíblia, a Palavra de Deus. 3. Quero ler para tirar a carteira de motorista».

Resgatar a cidadania é sem dúvida a tarefa principal deste projeto.

Afinal, os anseios por eles expressos são o clamor de um povo que tem sido furtado no direito de cidadania. Qual é o cidadão que não tem direito de ajudar os filhos nas tarefas da escola «lendo» e interpretando seus exercícios; «ler» os comunicados da escola que são levados em forma de bilhete; «ler» e assinar os relatórios

semestrais do seu filho; «ler» a Bíblia entendendo os seus ensinamentos; «ler» as placas no trânsito que apontam os caminhos a seguir. A repetição do verbo ler, demonstra o desejo interno de cada pai e responsável em conquistar o acesso ao código escrito, que eles vêem mas ainda não conseguem interpretar. Viver em um mundo letrado sem ter se apropriado do código escrito restringe o acesso a inúmeras possibilidades.

Durante cinco meses de aula no

projeto, cerca de 90% dos alunos foram alfabetizados.

Dona Madalena sonhava com a possibilidade de ter acesso à escola. Todos os dias suas lágrimas banhavam seu rosto, pela emoção e possibilidade de interpretar os sons das letras. Quando pequena, ao entrar em uma sala de aula, seu pai a tirou com chicotadas para trabalhar na roça e nunca permitiu que ela aprendesse as “letras” pois «isso não era coisa para mulher». Nesta semana recebi a visita de Dona Madalena:

— «Diretora, hoje eu recebi um aerograma da Secretaria de Educação, para efetivar a matrícula da minha filha na sala de recursos da Escola Municipal Santa Luzia. A Senhora poderia me explicar como posso chegar a este endereço?»

Eu li para ela tudo o que estava escrito. O seu sorriso me mostrava que ninguém pode matar a esperança e que ela pode se transformar em realidade quando as oportunidades são oferecidas

AFINAL onde está a escola?

Rejane
D'Ávila Marques
Grupo de pesquisa
Redes de Conhecimento
em Educação
e Comunicação:
questão de cidadania,
GRUPALFA, Brasil

Fome

Países sub-saharianos querem acabar com a fome na escola

Os ministros da educação de nove países do Sahel – países sub-saharianos – irão reunir-se entre 9 e 10 de Setembro em Dakar para falar de problemas relacionados com a alimentação escolar, informou recentemente o director executivo do Programa Alimentar Mundial (PAM), Ja-

mes Morris. Esta conferência ministerial deverá contar com o Burkina-Faso, Cabo Verde, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mali, Mauritânia, Níger, Senegal e Chade, membros do Comité inter-estadual de luta contra a desertificação do sahel. “Vamos procurar por todos os meios encontrar uma

solução para o problema da fome que impede muitas crianças de irem à escola, explicou Morris. “Nunca damos muita importância à alimentação escolar, mas ela representa um meio eficaz de aumentar a frequência dos alunos e a eficácia da educação básica em muitos países”.

De acordo com um relatório do PAM, este organismo fornece uma refeição diária a cerca de 1,3 milhões de crianças na África ocidental, região na qual este organismo investe cerca de 59% do seus recursos.

Fotografando as leituras do e no cotidiano

«VER» NÃO É SÓ OLHAR. O «VER» NECESSITA «ESTAR» E NÃO APENAS PASSAR PELOS ESPAÇOS ENTENDENDO AS LEITURAS QUE FAZEMOS E COMO AS FAZEMOS NO MESMO ESPAÇO/TEMPO.

verso e reverso



> leitura



SURGIRAM FOTOGRAFIAS de uma escola que não queremos mas está lá independente de nossa vontade. Uma escola que muitos insistem em não ver ou desviamos nosso olhar para o olhar único de um conhecimento cegos

O olhar hegemônico da ciência moderna tentou ou ainda tenta nos fazer ver de maneira única os saberes e alternativas existentes no cotidiano tecendo nossa própria cegueira na forma de ensinar. O paradigma cartesiano circunscrito pela educação do olhar encaminhou/encaminha para uma cegueira que julga ver o conhecimento sem perceber a multiplicidade e a complexidade dos procedimentos no espaço/tempo em que nos encontramos.

Nesse sentido, entendemos que "ver" não é só olhar. O "ver" necessita estar e não apenas passar pelos espaços entendendo as leituras que fazemos e como as fazemos no mesmo espaço/tempo.

Sendo assim, o que rejeito desse olhar imposto pela modernidade, busca em uma caça incessante do que parece estar ausente-presente nos deferentes contextos em que estamos mergulhados.

Se a escola é lugar privilegiado

de práticas sociais, esse texto tem origem nas práticas sociais, proporcionadas pelo trabalho realizado no cotidiano da Sala de Leitura de uma escola municipal da periferia da cidade do Rio de Janeiro, crescendo das vozes múltiplas dos contextos variados dos quais faço parte.

Assumindo o desafio de «olhar para os pés»(Santos:2000), de usar a tensão entre um olhar espectador e um olhar personagem, esse texto relata «caminhos de uma viagem porque todo relato é um relato de viagem – uma prática de espaço»(Certeau,2000:200).

Essa alternativa encontrada no espaço da Sala de Leitura é a tentativa de fazer emergir o que nos escapa ao olhar, queiramos ou não, e do que está à nossa frente e lemos de maneiras diferentes.

Destacando a literatura infantil articulada às fotografias tiradas durante as discussões sobre o significado dos aspectos da composição

do olhar, no mesmo espaço/tempo do cotidiano escolar, fazendo emergir as múltiplas escolas da/na escola foram as maneiras de fazer "uso" das imagens registradas num mesmo espaço para perceber o óbvio de se ter várias escolas na/da Escola e fotografando as leituras do mesmo espaço escolar.

Cada aluno escolheu uma das fotografias, que foram tiradas na escola, e após a seleção escreveram sobre a mesma. Dessa escrita, foi organizado um livro da turma sobre a escola. Esse livro com uma das turmas, mostrou um olhar afetivo e diversificado de um ambiente com pessoas alegres, atividades e lugares da/na escola mostrando uma escola bonita.

A proposta de trabalho com outra turma foi a mesma. No entanto, surgiram fotografias de uma escola que não queremos mas está lá independente de nossa vontade. Uma escola que muitos insistem em

não ver ou desviamos nosso olhar para o olhar único de um conhecimento cego.

O que emergiu das fotografias apresentadas pelos alunos passavam despercebidas ou não queríamos "ver". Essas fotos nos assustaram porque não acreditávamos que aquelas imagens tão "feias" existiam no mesmo espaço/tempo daquelas que apareciam tão "bonitas".

Os procedimentos usados e as imagens surgidas tornaram um ler/vendo/escrevendo capaz de entender que fotografando as leituras do cotidiano poderemos perceber a complexidade presente nas diferentes escolas e nos inúmeros contextos que tecemos nossas redes de leitura. Dessa forma, podendo possibilitar a diminuição dos cegos dos olhos e do entendimento que parece ser uma das alternativas de um tempo onde o emergir do conhecimento silenciado cria a tão sonhada solidariedade transformadora.

**FORA da escola
também se aprende**

Solange Castellano
Fernandes Monteiro
Grupo de pesquisa
Redes de Saberes
em Educação e Comunicação: uma questão
de cidadania, Brasil

Alfabetização UNESCO lança Década da Alfabetização no Brasil

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) lançou recentemente no Congresso brasileiro o programa educativo "Década da Alfabetização", tendo assinado um acordo com o ministério da Educação brasileiro, no valor de 200 mil euros, para o desenvolvimento de um plano nacional de alfabetização. Os recur-

sos financeiros destinados ao programa foram captados pela UNESCO em parceria com o governo japonês, informou aquela organização. Um dos objectivos de Cristovam Buarque, ministro da Educação do governo de Lula da Silva, é alfabetizar 20 milhões de brasileiros, entre jovens e adultos, nos próximos quatro anos.

A Década da Alfabetização das Nações Unidas foi lançada oficialmente no dia 13 de Fevereiro, na sede de Nova Iorque, e tem como objectivo reduzir significativamente o analfabetismo em todos os países do mundo. Segundo a UNESCO, "a alfabetização é um direito humano fundamental, uma necessidade básica de aprendizagem e a chave pa-

ra aprender a aprender". O lançamento no Brasil coincide com o compromisso do governo deste país em erradicar o analfabetismo. Também é o primeiro país onde o programa é lançado a nível interno, o que "demonstra um compromisso internacional com a alfabetização", sublinhou a UNESCO.

Fonte: AFP



A CONVERSA ACABARA NESSE MOMENTO, PARA RECOMEÇAR DUAS SEMANAS MAIS TARDE SOB A FORMA DE UMA PEQUENA PALESTRA.

Aqueles primeiros dias de aula não pareciam anunciar nada de bom. Lembrava-se, ainda, dos olhares de lado, dos resmunganços entre dentes ou do modo como alguns julgavam poder ignorá-la. Descobriram depressa que isso não era possível. Se através das reprimendas breves, dos sermões severos ou dos olhares certos e duros ia obtendo algum efeito, era, sobretudo, através das actividades que lhes propunha e do apoio que estava disposta a prestar-lhes que, apesar de tudo, os esperava ir cativando. Não foram muitos os dias de glória. Mas se não eram a turma ideal, começaram a perceber, a pouco e pouco, que eram a sua turma e ela a compreender, apesar de todos os percalços, que era a sua professora. Em muitas daquelas manhãs que nunca-matam-mas-que-moem-que-se-fartam, acabaram por descobrir, todos eles, o que podiam e o que não podiam fazer. Apesar de nem sempre serem capazes, eles e ela, de cumprir o que haviam prometido. Corriam assim os dias. Feitos também de coisas surpreendentes, de alegrias súbitas, de coisas mais fundas que nem sempre se vislumbravam e de rotinas, chatices e traquinices várias que lhe mostravam como os milagres nunca acontecem quando mais precisamos deles.

O livro encontrava-se em cima da secretária. Depressa descobriu quem lho deixara ali. O seu António, o casmurro do seu António, oferecera-lhe aquela prenda. Uma pequena obra, de um autor desconhecido, sobre o Infante D. Henrique. Onde é que ele o arranjava? Não se atreveu a perguntar-lhe. Andavam desde há uns dias de candeias às avessas e provavelmente aquele era um gesto de paz que ela não podia recusar. Agradeceu-lho sem saber que o pior ainda estava para vir, quando a Car-

lita lhe revelou, à saída, de onde viera a prenda. Da feira do livro e, ao que tudo indicava, surripiada com mão de mestre.

Deixou os dias passar, silenciosamente, sem saber o que fazer. Rondava-o à distância, espiava-o e hesitava todas as vezes em que o pretendia interpelar acerca da proveniência do livro. Se não era mulher para se encolher, nem podia continuar a fazer de conta que nada se tinha passado, também não podia passar uma esponja sobre o significado daquela oferta. Deu voltas e mais voltas à cabeça, sem se atrever a pedir conselhos a ninguém.

Já leu o livro, minha senhora? - Tinha acabado de ser apanhada à traição.

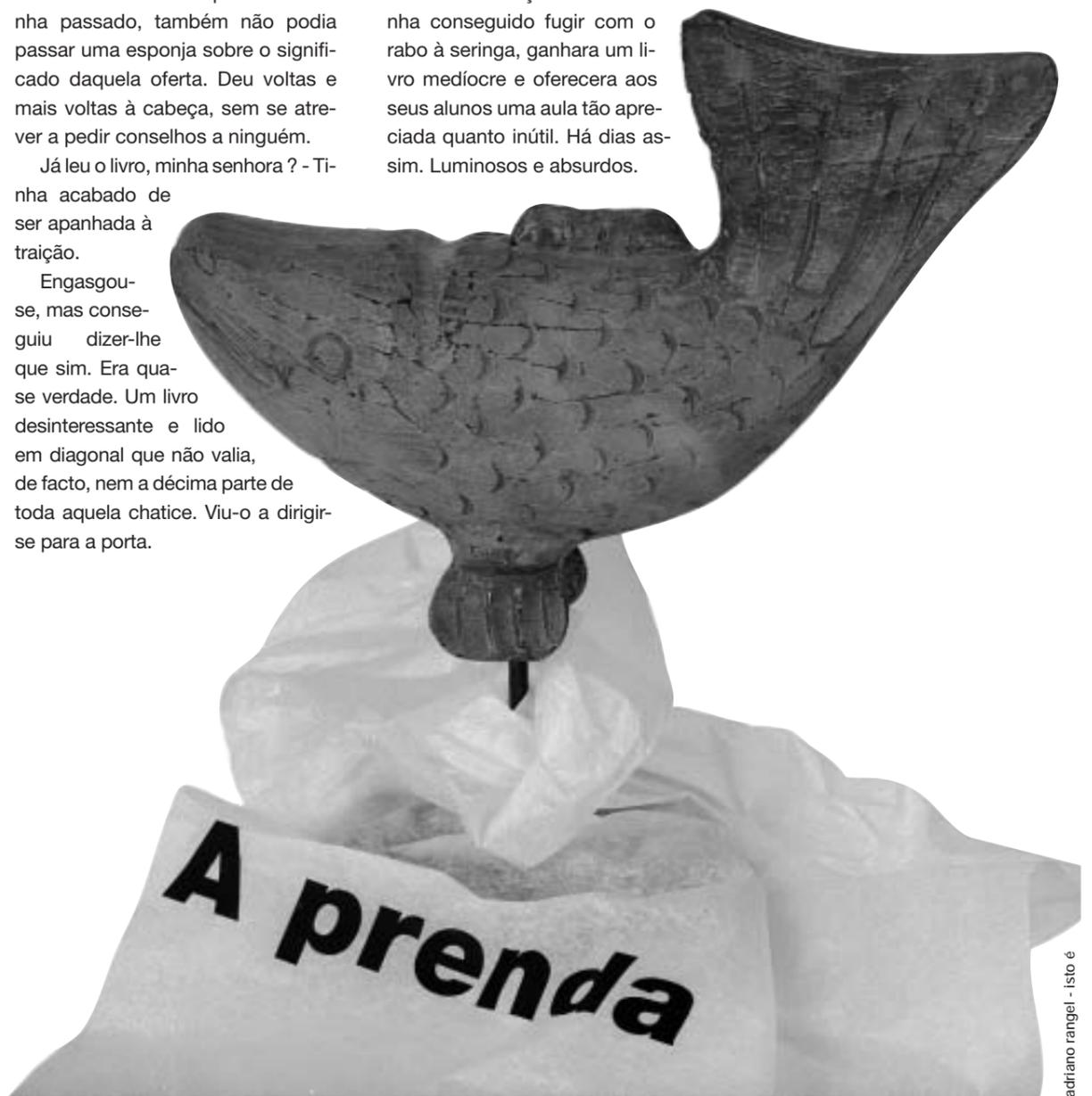
Engasgou-se, mas conseguiu dizer-lhe que sim. Era quase verdade. Um livro desinteressante e lido em diagonal que não valia, de facto, nem a décima parte de toda aquela chatice. Viu-o a dirigir-se para a porta.

Ó António, porque é que me deste esse livro? - Foi o melhor que conseguira arranjar.

Porque os professores precisam dessas coisas para nos ensinar.

A conversa acabara nesse momento, para recomeçar duas semanas mais tarde sob a forma de uma pequena palestra. O Infante D. Henrique em quinze minutos de conversa da treta que aquela trupe ouvira com uma atenção inédita. Tinha conseguido fugir com o rabo à seringa, ganhara um livro medíocre e oferecera aos seus alunos uma aula tão apreciada quanto inútil. Há dias assim. Luminosos e absurdos.

NÃO FORAM muitos os dias de glória. Mas se não eram a turma ideal, começaram a perceber, a pouco e pouco, que eram a sua turma e ela a compreender, apesar de todos os percalços, que era a sua professora.



adriano rangel - isto é

DISCURSO directo

Ariana Cosme

Rui Trindade

trindade@psi.pt

Faculdade de Psicologia e

Ciências da Educação,

Universidade do Porto

Droga

García Márquez pede legalização da droga para acabar com o narcotráfico

O escritor colombiano Gabriel García Márquez propôs recentemente a legalização da droga para acabar com o narcotráfico e a violência que afecta a Colômbia e acusou os Estados Unidos de terem uma atitude de "voracidade imperial" em relação ao seu país de origem. "Não é possível imaginar o fim da violência na Colômbia sem a eliminação do narcotráfico, e não é imaginável o fim do narcotráfico sem a legalização da droga, mais próspera quanto mais proibida", destacou o escritor.

Já há alguns anos o escritor Garcia Marques havia encabeçado um abaixo-assinado, de âmbito internacional, a favor da legalização das drogas. Então, tal como agora, defendia ser uma medida necessária para combater o narcotráfico. Agora, García Márquez, fez a proposta através de uma mensagem gravada em vídeo enviado a um encontro de intelectuais e cientistas que se reuniram na cidade de Medellín durante a celebração dos 200 anos da Universidade Federal de Antioquia, que contou com a participação do presidente colombiano, Alvaro Uribe, ex-aluno de direito nesta instituição.

Fonte: AFP

Investigação

Chá poderá combater o mau hálito

Um grupo de investigadores americanos estudou as propriedades medicinais de um tipo de chá - o polyphenols - e concluiu que a infusão pode matar ou combater a bactéria oral responsável pelo mau hálito. Os investigadores advertem, no entanto, que é muito cedo para assegurar como funcionaria o chá quando ingerido pelos seres humanos. Quando utilizado em cultivos de laboratório, o polyphenols foi extremamente eficaz na supressão das bactérias responsáveis pelo mau odor da boca. "Num dos casos, o polyphenols matou cerca de 90% das bactérias mais associadas ao mau hálito em menos de 20 minutos", garante Christine Wu, professora da Universidade de Illinois na Faculdade de Odontologia de Chicago.

Fonte: AFP



adriano rangel - isto é

Davos, Porto Alegre e a expansão do terceiro sector (II)

O CONCEITO DE TERCEIRO SECTOR EXPANDIU-SE NAS DÉCADAS DE 80 E 90, A PARTIR SUPOSTAMENTE DA NECESSIDADE DE SUPERAÇÃO DA DUALIDADE PÚBLICO/PRIVADO E DA CRENÇA DE QUE ESTE NOVO SECTOR POSSA DAR AS RESPOSTAS QUE O ESTADO JÁ NÃO PODE DAR E QUE O MERCADO NÃO PROCURA DAR.

Na minha última colaboração neste espaço, publicada no número de Fevereiro deste jornal, deixei em aberto algumas questões que prometi reflectir com o leitor numa próxima oportunidade. Entre essas questões questionava o significado do Fórum Social Mundial (FSM) e o que substancia "a alternativa" apreendida pelos seus organizadores e participantes em relação às lógicas e racionalidades dominantes no Fórum Económico Mundial (FEM). Este debate, como aliás já o referi anteriormente, não pode ser isolado dos contextos onde é produzido, e, portanto, não podemos desligá-lo do contexto internacional globalizante que tem disseminado a lógica neoliberal de organização económica. A esta discussão associei a problemática da expansão da sociedade civil organizada, ou seja, do terceiro sector e aflorei como este tem sido instrumentalizado e funcional aos objectivos do neoliberalismo.

Apesar da problematização teórica acerca da dualidade Estado/Sociedade Civil ter origens mais remotas, como por exemplo, em Stuart Mill, Smith, Marx, e Hegel, a emergência e a maior visibilidade social da importância das organizações da sociedade civil - o terceiro sector-

são uma realidade relativamente recente. Como alguns autores têm referido, o conceito de terceiro sector expandiu-se nas décadas de 80 e 90, a partir supostamente da necessidade de superação da dualidade público/privado e da crença de que este novo sector possa dar as respostas que o Estado já não pode dar e que o mercado não procura dar.

APESAR da problematização teórica acerca da dualidade de Estado/Sociedade Civil ter origens mais remotas, como por exemplo, em Stuart Mill, Smith, Marx, e Hegel, a emergência e a maior visibilidade social da importância das organizações da sociedade civil - o terceiro sector- são uma realidade relativamente recente.

Na sequência do que escrevi no texto anterior, a emergência e visibilidade do terceiro sector tem sido fortemente marcada por um noção hegemónica. A análise produzida em torno desta realidade, ao isolar os sectores uns dos outros (Estado-1º sector, Mercado - 2º sector e Sociedade Civil - 3º sector), concentra o seu estudo no que entende ser o terceiro sector, mas de forma desarticulada da totalidade social. Como tão claramente discute Carlos Montão, o recorte do social em esferas isola e autonomiza a dinâmica de cada um dos sectores, desistorizando a realidade social. Estudam-se as ONG,

fundações, movimentos sociais, associações comunitárias mas não são valorizados na análise processos como a reestruturação produtiva, a Reforma do Estado e as transformações do capital promovidas segundo os postulados neoliberais.

Ora é tempo para levantar de novo a questão: os FSM têm influenciado a construção de visões con-

tra-hegemónicas da realidade social, política e económica? Mais concretamente, como têm construído o conceito e utilidade do terceiro sector? São questões para as quais não tenho respostas definitivas, nem este espaço permite uma reflexão mais atenta e crítica a estas questões. Penso, no entanto, que os FSM têm colaborado para a repolitização das questões sociais através de processos de desocultação dos factores estruturais que têm aumentado o fosso entre países ricos e países pobres. Neles se têm produzido um conjunto de novos olhares acerca da realidade social (recorde-se o recen-

te posicionamento e acção desenvolvida contra a guerra no Iraque) que permitem uma resocialização dos cidadãos no sentido de estes assumirem as suas subjectividades e imprimirem à sua acção social características emancipatórias. Temos observado como as ONG, os movimentos sociais e as associações diversas da sociedade civil, que têm integrado e dado corpo às acções promovidas pelos FSM, tentam promover, na acepção de Boaventura Sousa Santos, uma acção rebelde que poderá ter efeitos na construção de uma alternativa conceptual e prática do terceiro sector e a própria reinvenção da sociedade civil. Apesar destes indicadores de mudança não podemos ignorar as debilidades deste sector, nomeadamente as que se prendem com a sua pouca autonomia financeira. Como sabemos, muitas das ONG, das associações comunitárias dependem fortemente do apoio financeiro do Estado e/ou de fundos fornecidos por agências internacionais. Este facto, pode constituir uma forte resistência à assumpção de projectos emancipatórios que construam novas possibilidades democráticas de resolução dos problemas sociais e de combate à exclusão social.

LUGARES

da educação

Maria Emília Vilarinho
emilivarinho@iep.uminho.pt
Instituto de Educação
e Psicologia da
Universidade do Minho

gestão escolar

Dez mil escolas passarão a abrir todo o dia na Alemanha

Cerca de dez mil escolas alemãs passarão a estar abertas durante todo o dia em virtude de um acordo assinado entre governo e sindicatos de professores, marcando, de acordo com a tutela, uma "mudança de perspectiva fundamental na política escolar alemã". Neste país, apenas uma ínfima percentagem dos 52 mil estabelecimentos de ensino funcio-

na do início da manhã até ao final da tarde, tal como acontece em Portugal e na maioria dos países europeus. A medida, a implementar até 2007, estava prevista no programa político do chanceler federal Gerhard Schroeder e será dotada de um financiamento de quatro milhões de euros, a repartir entre o governo central e os governos regionais.

O debate sobre a reforma do ensino na Alemanha surgiu em força ao longo da campanha eleitoral de 2002, após a publicação dos testes PISA - que avaliam o desempenho dos alunos de 36 países da OCDE -, que colocavam a Alemanha no 21º lugar, bem atrás de países como a Grã-Bretanha, a França ou os Estados Unidos. "Este teste mostrou que

a Alemanha é a campeã do mundo na selecção social das crianças", referiu a ministra da educação, Edelgard Bulmahn, destacando as possibilidades pedagógicas decorrentes deste novo modelo de funcionamento, que, de acordo com a responsável, oferece "mais tempo para aprender e acompanhar os alunos".

Fonte: AFP



Um pouco de estatística e abandono precoce

O ABANDONO PRECOCE E A FUGA À ESCOLA NÃO TERÃO NADA A VER COM O TIPO DE CULTURA QUE A ESCOLA IMPÕE À POPULAÇÃO RECÉM-CHEGADA?

adriano rangel - isto é

Dizem as estatísticas mais recentes que cerca de 25% da população residente no continente português dos 18 aos 24 anos não concluiu o 3º ciclo nem se encontrava a frequentar a escola. Por outro lado, perto de metade dos indivíduos dos 18 aos 24 anos (44%), residentes no continente português, não concluíram o ensino secundário, nem se encontravam a frequentar a escola. Estes dados adquirem maior significado social e cultural, mas também maior importância no domínio das relações económicas e produtivas, se comparados com o que se passa ao nível dos nossos parceiros da Comunidade Europeia. Assim, para a faixa etária dos 25-29 anos, a percentagem de indivíduos portugueses com o ensino secundário completo situa-se nos 42%, enquanto que a generalidade dos países da comunidade situa-se perto ou acima dos 60%, conforme informação da EUROSTAT para 1999.

A precária relação com a escola que estes dados traduzem relativamente à generalidade da nossa população, seja através do abandono precoce ao nível da escolaridade básica, seja através da in-

terrupção em pleno secundário não é, evidentemente, uma novidade no comportamento da sociedade portuguesa. Sempre fomos estatisticamente excessivos na forma como tratámos (e tratamos) as nossas crianças, os nossos adolescentes e jovens, enquanto alunos. Lembro que até à década de 70 – e mais concretamente até à véspera do 25 de Abril –

SEMPRE fomos estatisticamente excessivos na forma como tratámos — e tratamos — as nossas crianças, os nossos adolescentes e jovens, enquanto alunos... até à véspera do 25 de Abril a repetência escolar situava-se entre os 30 e os 40% logo na primeira classe para se situar nos 25/30% na 4ª classe.

a repetência escolar situava-se entre os 30 e os 40% logo na primeira classe para se situar nos 25/30% na 4ª classe.

Esta “relação de perdição” (no sentido mais primário da palavra) que a escola mantém com a sociedade portuguesa, agora deslocada para os ciclos mais tardios da escolaridade, torna-se tanto mais problemática e perturbadora quanto é certo que nunca, como agora, foi tão afirmativo o discurso sobre a imprescindibilidade da escola. Tudo se passa como se a esco-

la representasse cada vez mais a solução para os problemas contemporâneos dos portugueses, contribuindo ao mesmo tempo esse reconhecimento para agudizar o nível de responsabilidades que os adultos esperam dos alunos. Do ponto de vista do sistema educativo e dos seus agentes, a lógica em que assenta a relação escolar, não obstante a exuberância da produção

científica e teórica sempre crescente, adopta uma perspectiva simplista que é a se supor que os alunos têm uma apetência natural para se identificarem com os bens que a escola lhes propõe, tanto mais que esses bens representam o bem comum e lhes são graciosamente dispensados. Quando esta tese não funciona, as medidas que se adoptam para que ela funcione procuram as soluções de natureza pessoal e psicológica, isto é, soluções que supõem que os problemas estão no âmbito da

identidade pessoal dos alunos, a qual será, então, assumida como objecto das celebradas “nee” (necessidades educativas especiais) que transcendem, hoje, como se sabe, as situações patológicas para cobrirem tudo o que seja disfunções de aprendizagem.

Esta psicologização da relação escolar, na verdade indispensável à administração da justiça escolar, tende necessariamente a reforçar-se à medida que sobe a heterogeneidade escolar, isto é, à medida que a diferença e a desigualdade social e cultural entram na escola, sem que se admita como igualmente legítima a heterogeneidade do produto escolar. A flexibilização curricular e o recurso à pedagogia do projecto, por exemplo, em nada contrariaram, pelo contrário, a corrida aos exames nacionais e a soberania dos “rankings” universais. A psicologização, porém, como base da estratégia escolar tem limites e os dados estatísticos aí estão para o demonstrar. Ou o abandono precoce e a fuga à escola não terão nada a ver com o tipo de cultura que a escola impõe à população recém-chegada?

FORMAÇÃO e desempenho

Manuel Matos
Faculdade de Psicologia
e de Ciências
da Educação
da Universidade do Porto

sucesso educativo

União Europeia fixa metas para 2010

Os ministros da educação dos quinze países da União Europeia fixaram recentemente cinco “critérios de referência” com vista a melhorar o sistema de formação no espaço europeu até ao ano 2010, plano que se insere na chamada “Estratégia de Lisboa”, que visa tornar a UE na eco-

nomia mais competitiva do mundo até ao final da década. De entre os objectivos propostos, destaque para o decréscimo da percentagem de jovens que abandonam precocemente a escolaridade básica para um máximo de 10%. Actualmente, a média da EU ronda os 19%. Por outro la-

do, pretende-se aumentar, em pelo menos 15%, o número total de diplomados em matemática, ciências e tecnologia, reduzindo, ao mesmo tempo, a diferença entre homens e mulheres nestes domínios. Espera também conseguir-se que pelo menos 85% dos jovens com menos

de 22 anos termine os estudos secundários e reduzir para menos de 20% o número de alunos até aos quinze anos com maus resultados em leitura. A UE pretende igualmente aumentar a percentagem da população em formação permanente dos actuais 8,4% para 12,5%. Fonte: AFP

Balada para
a Trégua Possível

verso e reverso

1.

Esta é a trégua possível, merecida,
gerada no teu ventre de mulher.
Beijo, adiado, a tua face, vida!
E deixo, livre, o coração bater.

2.

Em teu macio olhar repousa o meu.
E na face polida assim formada
se reflecte e recria o próprio céu.

3.

Uma cigarra (obrigatório tropo!)
canta, em teus seios pousada.
Uma réstea de vida. Um quase nada.
Musical e alada
discípula de Esopo

4.

Um amor como este
não pede mar ou praia:
somente o vento leste
erguendo a tua saia.

O resto é o futuro
além, à nossa espreita:
doce fruto maduro
na hora da colheita.

10.

Tão próxima a colheita!
Tão amável o dia!
(Um gnomo verde espreita
tua figura esguia).

Tão claro e manso o rio!
Tão distante o horizonte!
(Um véu de névoa e frio
veste de espanto o monte.)

Tão próxima a partida!
Tão cedo para a morte!
(A secreta ferida
da vária, esquiva sorte).

Tão para pouco amor!
Tão solitário o medo!
(Entre o mar e a flor,
desvendo o teu segredo.)

CARTA
de mulheres

Daniel Filipe,
*A invenção do amor
e outros poemas,*
Editorial Presença.



Filosofia de vida oriental

Escola de Artes Marciais Chinesas SHE-SI
(Associação Desportiva)

O ORIENTE TEM CHEGADO AO OCIDENTE SOB AS MAIS DIVERSAS FORMAS. HAVERÁ AINDA ALGUÉM QUE NUNCA TENHA ENTRADO NUMA LOJA COMERCIAL CHINESA? OU NÃO SAIBA QUAL O PALADAR DO CREPE CHINÊS QUANDO BANHADO EM MOLHO DE SOJA? O LIVRO "MULHERES DA CHINA", DA ESCRITORA XINRAN, DIZ-LHE ALGUMA COISA? DO COMÉRCIO À GASTRONOMIA, PASSANDO PELA LITERATURA E A MEDICINA ATÉ ÀS ARTES MARCIAIS, É INEGÁVEL A PRESENÇA CHINESA NA CULTURA OCIDENTAL. NO PORTO, HÁ UMA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA COM O ESTATUTO DE INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA PELO PAPEL NA DIVULGAÇÃO DA CULTURA CHINESA. ESTE MÊS A ASSOCIAÇÃO CELEBRA O SEU 17º ANIVERSÁRIO COM A ORGANIZAÇÃO DO "1º KUNG FU FIGHTING CONTEST", QUE DECORRE A 21 DE JUNHO, NO PAVILHÃO DO CENTRO DESPORTIVO UNIVERSITÁRIO DO PORTO. A PÁGINA FOI VISITAR A ESCOLA DE ARTES MARCIAIS CHINESAS SHE-SI E ENTROU NUM MUNDO SIMBÓLICO DESCONHECIDO ONDE TUDO SE RELACIONA COM TUDO. FAÇAM, TAMBÉM, O FAVOR DE ENTRAR.

A entrada está guardada por leões. Há uma cor amarelo trigo que pinta as paredes. Não está lá por acaso. O trigo significa o alimento. O mestre Paulo Araújo, director e fundador da Escola de Artes Marciais Chinesas SHE-SI, explica que os caracteres chineses para a palavra energia são compostos pela junção de duas palavras: cereal e vapor. Daí que a simbologia do amarelo trigo seja a energia. A componente que o aluno procura quando decide entrar para a escola. Energia e alimento. Espiritual.

Percorrendo o corredor da entrada, também amarelo trigo, chega-se a um outro espaço: a Sala da Arte. A cor muda. O amarelo torna-se mais incandescente. Significa o nascer do sol. Era este o amarelo usado pelo Imperador. Quer no vestuário quer nos ornamentos que o rodeavam. "A realização de uma obra de arte é um momento único, incandescente", comenta Paulo Araújo.

Os corredores da escola fazem um serpentejar que representa o caminho do Dragão. Ao fazer este reparo, mestre Paulo elucida: "Deitamos paredes abaixo propositadamente para criar esta dinâmica." As escadas fazem parte desse zig-zag. Ao descê-las encontramos um outro espaço. Para trás, numa pequena sala de espera, ficou o altar a *Kwan Kun*, o Deus da Guerra. Como oferendas, alunos e professores deixam as taças e medalhas que vão ganhando. "Só durante algum tempo", explica o mestre. "Depois vão para a arrecadação", sorri.

Nas paredes do novo espaço coexistem os dois amarelos. Mas surge um elemento novo. Uma lua cheia vermelha cobre as portas dos balneários feminino e masculino. "Quando o aluno chega à escola tem um sonho, um ideal, chegar ao topo", diz Paulo. A lua simboliza o sonho. Abrem-se ligeiramente as portas dos balneários para mostrar a sua cor. Verde, o feminino porque significa a terra onde nascem as folhas, o Yin. Azul, o masculino, a cor do céu, da energia, o Yang.

Seguindo o caminho do Dragão deparamos com a Sala da Energia. O tom azul lilás convida à reflexão, invoca o metafísico. Uns metros adiante um vermelho fogo retira a sensação de serenidade suscitado pela sala anterior. É a cor do poder. "Lembra aos alunos que o poder físico é limitado e o mental ilimitado", observa Paulo. Estamos na Sala da Guerra. Recuar não é

saída. Ir em frente. Sim. Entramos no Jardim da Harmonia.

"Já se ouvem os pássaros!", diz Paulo Araújo sorridente. No chão em calçada portuguesa o símbolo da harmonia. De um lado e do outro canas de bambu agitam-se ao ritmo do vento. Ao fundo um pequeno lago em forma de serpente. Tem oito peixes vermelhos e um preto. Na academia todos os cantos são simbólicos. Paulo explica: "O oito é um número que está associado à fama e à riqueza; o um é o número indivisível, juntos fazem nove, o número do Dragão, do Imperador." Perto do lago, uma cegonha símbolo da longevidade.

De regresso à Sala da Guerra, o mestre mostra a bandeira da escola. "Está em repouso, mas não está deitada!" Se estivesse deitada no chão era mau sinal, a bandeira derrubada significa a derrota. Por isso está entrelaçada num tronco de madeira [para luta]. "Deitada só se estivesse desarmada e arrumada", acrescenta Paulo. Estampada na bandeira a figura do Tigre e do Dragão. Representam a coragem e o espírito. O corpo do Dragão, um dos mais emblemáticos símbolos chineses, é o resultado da junção de partes de animais: cabeça do cavalo, as escamas da carpa [símbolo de prosperidade], os chifres do veado e as garras do tigre. Mas chega de visita. E o Kung Fu?

Ética marcial

Na sala onde fica o altar ao Deus da Guerra, está a passar um vídeo de competição de Formas. As Formas são movimentos de luta simulada, coreografias que mostram o combate de um indivíduo com mais do que um adversário imaginário. "É uma luta contra nós próprios", explica Paulo Araújo.

Algumas crianças que aguardam a sua aula de Kung Fu brincam no chão perto do sofá onde Nuno, aluno e professor de Kung Fu, se senta para assistir ao vídeo. A atenção não é perturbada pela agitação das crianças. A curiosidade da jornalista leva Nuno a avançar com algumas explicações sobre os movimentos que vão aparecendo na televisão. As Formas dividem-se em duas categorias: as do Norte e as do Sul da China. "As do Norte são mais acrobáticas, mais ritmadas (no ecrã o atleta salta para a frente e para trás com destreza); as do Sul são mais objectivas,

mais viris, há maior emprego da força", comenta Nuno sem pestanejar. Depois existem as Formas com facas. No ecrã um atleta movimenta as mãos que apenas parecem agitar lenços vermelhos. "Servem para iludir o adversário. Enquanto ele olha para os lenços não vê a faca", observa Nuno. "Mas quem lhe pode explicar melhor isto é o mestre!"

Qualquer que seja a arte marcial ou a idade do aluno ou professor, quem frequenta a SHE-SI tem de pautar os seus comportamentos pelo código de ética marcial. E uma das regras é o respeito ao mestre, encarado como o pai, e ao irmão mais velho, o aluno mais antigo. Os ensinamentos são transmitidos em cadeia descendente, do mais velho para o mais novo. No entanto, explica Paulo Araújo, "há uma preocupação recíproca entre alunos mais velhos e mais novos que faz com que haja um objectivo comum: dotar o mais rapidamente possível todos os irmãos de conhecimento." As dúvidas são elucidadas no sentido contrário, passando de elo em elo "até chegar ao último, neste caso ao primeiro, o mestre."

Não ser belicoso e usar a arte da luta (Kung Fu) só em legítima defesa, é outra das regras do código. "O aluno deve evitar o conflito, mas não fugir dele no caso de ter de o enfrentar." E por conflito não se entende unicamente a luta, mas as divergências do dia-a-dia. Aliado a esta regra está a recusa a qualquer postura de arrogância ou prepotência. "Mesmo que um aluno seja tecnicamente mais dotado do que o outro tem de ter o cuidado de se posicionar num patamar idêntico, não há ninguém que esteja acima de ninguém", adverte mestre Paulo. Até porque nem todos frequentam a escola com aspirações competitivas. A maioria dos alunos, qualquer que seja a modalidade frequentada, procura apenas a prática de exercício, sentir-se bem, ou aprender a defender-se. Mas independentemente do objectivo que os move todos os alunos devem zelar pela sua casa, o SHE-SI.

Honrar e defender a associação é a regra que une todos os membros num objectivo comum. "Nós nunca destacamos um feito individual!", assegura o mestre. Apesar dos troféus e dos títulos arrecadados pelos alunos, campeões do mundo em Kung Fu, em Formas, campeões europeus em combate (a lista seria longa), "quando um deles vence, diz



nós vencemos!” Porquê? “Todos sabemos que há um esforço individual do atleta, mas para que ele pudesse treinar a luta outros treinaram com ele, para que ele não tivesse de ir correr sozinho, apresentaram-se dois ou três alunos para ir correr com ele!” A resposta de Paulo Araújo reflecte o espírito de que “só a união faz a força”.

Os músculos e a mente

Manuela aguarda pelo filho David, de 7 anos, que está a ter aula de Kung Fu. Há dois anos e meio que o filho frequenta a escola de artes marciais. “É uma boa forma de exercitar os músculos e a mente”, diz Manuela. Além disso a mãe reconhece que a concentração exigida pela prática do Kung Fu tem reflexos ao nível escolar. Depois há a questão da segurança: “Pelo menos, teoricamente, sei que ele terá os meios para se defender numa situação de risco.” E por último há ainda... Manuela hesita... “a filosofia, ou como lhe quiser chamar!”

Talvez por isso Ana Abreu, advogada, se sinta mais disciplinada desde que começou a praticar Tai Chi - uma arte marcial mais suave que o Kung Fu que trabalha a energia interna. “A execução dos movimentos, a postura do corpo e o modo como pensamos a respiração requerem rigor, concentração e paciência, qualidades que depois acabamos por adoptar na nossa vida pessoal e profissional”, reflecte Ana. O fascínio que a advogada sente pela cultura chinesa deve-se à “honestidade” que a caracteriza. “Na vida temos tendência para desculpar os nossos erros com os dos outros, aqui [na escola de artes marciais] aprendi a ser mais honesta, a admitir os meus erros e a enfrentá-los!”

Sobre filosofia e o saber chinês, Alexandra Dias, professora de Tai Chi, falaria a tarde inteira se pudesse. A boa disposição para a conversa é potenciada pelo amarelo da sala em que nos encontramos pois, observa Alexandra, a cor promove a comunicação! Na China, tudo - arte, medicina, cultura - é explicado através da relação íntima do Homem com a Terra. “O que faz com que os chineses minimizem ao máximo os conflitos do Homem com o meio ambiente”, explica Alexandra. Esta preocupação encontra eco em coisas tão simples como a organização das divisões de uma casa, ou a escolha dos materiais e das cores a serem utilizadas. “O objectivo é o equilíbrio!”, sintetiza. No ocidente, pelo contrário, a relação com o meio ambiente é frágil. Por isso Alexandra acredita que o que atrai cada vez mais pessoas à cultura chinesa é “a redescoberta de que são um produto da natureza”.

Paulo Araújo encontra outra razão para



fotos: adriano rangel - isto é



esta atracção. “A sociedade ocidental perdeu conceitos fundamentais como o de família. Em que o pai era o patriarca e era respeitado como tal, em que toda a gente jantava sobre a mesma mesa, em que a mãe tinha o lugar de matriarca e a preocupação de não deixar a família desmembrar-se e em que havia o respeito ao mais velho, ao avô!” Esta perda e o vazio que acarreta conduz a uma procura. De quê? Do tal trigo. De alimento, energia. Uma procura espiritual. E é esse o motivo porque o ensino das artes marciais não se esgota, para mestre Paulo, na técnica. É preciso transmitir algo mais: “Uma filosofia de vida em que as pessoas tenham uma atitude mais pensante e não tão imediata na reacção.”

Pequeno breviário das Artes Marciais

Kung Fu - A arte da luta, o seu objectivo é dotar quem o pratica da capacidade de se defender, mas também de uma personalidade diferente da comum.

Sanda - Resulta de uma necessidade que o Kung Fu teve de separar os alunos que queriam aprender as técnicas de luta sem aprender as Formas: coreografias da luta. É exclusivamente uma arte de combate de competição.

Formas - São movimentos de luta simulada, coreografias que simbolizam a luta de um indivíduo contra mais do que um adversário imaginário.

Tai-Chi - Consiste num conjunto de movimentos que visam a busca interior de energia de modo a fazê-la fluir dentro do organismo sem a desperdiçar. É uma arte de coreografia mais do que de luta. No entanto, as técnicas do Tai-Chi podem ser aplicadas na defesa pessoal.

Qi Gong - São exercícios físicos e respiratórios que visam transportar a energia que existe no nosso corpo para determinadas áreas onde possam existir desequilíbrios com a finalidade de restabelecer o equilíbrio.

Academia de Kung Fu - A Escola de Artes Marciais Chinesas SHE-SI tem praticantes de todas as idades e fica na Rua de Nossa Senhora de Fátima, nº 443. 4050-428 PORTO. Telefone 226095706 e.mail shesi@netc.pt

Para saber mais
Medicina Chinesa,
Tom William, Editorial Estampa
Acupunctura,
Peter Mole, Editorial Estampa



adriano rangel - isto é

O leilão começa às nove da noite. Mas os ponteiros do relógio de pêndulos parecem parados nas nove menos um quarto. Adelaide percorre a sala de estar à procura dos objectos da sua vida. Objectos que, no entanto, nunca foram seus, verdadeiramente. Toca num e noutro com o pano do pó. E vai limpando as lembranças que lhe vêm à memória. A toalha de linho branca bordada pela sua senhora, a que foi estreada no jantar de celebração da formatura do filho mais velho dos senhores, foi posta na mesa da sala. Há tanto tempo que não saía do gavetão! A cristaleira, onde outrora só tinha lugar o serviço de cristal da Boémia oferecido à senhora pelo senhor por altura de um seu aniversário, foi sobrelotada com todos os vidros da casa. Copos, taças, cálices, afundados em terrinas pousadas em pratos e travessas.

Também as paredes estão sobrelotadas de quadros. O curioso é que eles nunca lá estiveram. Mas os filhos da senhora entenderam que, tratando-se de um leilão do recheio de uma casa, poderiam aproveitar para vender também alguns dos seus pertences. E assim, talvez aliviar o fardo dos seus próprios filhos. Adelaide dá uma vista de olhos aos quadros. Não está interessada nas pinturas. Quer, tão-somente, ver se precisam de um paninho.

«Quanto mais coisas estiverem expostas tanto maiores serão as oportunidades de venda!» Foi a mando do herdeiro mais novo que toda aquela atabalhoação surgiu da ordem que durante anos a sua senhora estabelecera na decoração da casa. «E o melhor é não vender peças de colecção separadas!» Adelaide limitou-se a cumprir a vontade do 'menino'. Como sempre fez.

QUIS O ACASO que Adelaide nunca arranjasse namoro. E as camisas de noite com aplicações de renda e folhinhos permaneceram por estrear.

Durante quarenta e nove anos, Adelaide serviu a dona Arminda. Mais tempo serviria não tivesse a senhora morrido fruto da idade avançada.

Toda a vida fora criada em casa alheia. Só que o habituar dos anos fez Adelaide esquecer que de seu apenas tinha o enxoval que a sua falecida mãe lhe fizera. Quis o acaso que Adelaide nunca arranjasse namoro. E as camisas de noite com aplicações de renda e folhinhos permaneceram por estrear. Junto do jogo de lençóis de linho, bordados pela sua própria mão à luz mínima do candeeiro a petróleo para a senhora não dizer que lhe gastava a luz. Adelaide tinha também alguma louça. Presentes da sua senhora que ainda estavam empacotados pois nunca tivera casa sua onde os usar. Objectos verdadeiramente seus que não lhe traziam memórias.

Adelaide crescera de pano na mão. Ora a limpar os móveis ora a limpar o chão. Ajudou a senhora na cozinha, engomou os fatos do senhor e as batas dos meninos. Deu-lhes banho, aturou-lhes o mimo, viu-os formados, casados e pais de filhos. Deixara a aldeia aos 11 anos, seguindo o mesmo destino das duas irmãs mais velhas, e fora servir na cidade. Apenas Joaquim, o irmão mais novo, ficou com os pais para os ajudar nas lides do campo.

Apesar de terem partilhado um começo de vida idêntico as irmãs de Adelaide, já falecidas, escaparam à vida de domésticas. Uma engravidou, ainda solteira, do moço do talho e foi posta na rua pelos patrões. Mas a sorte ditou que o moço fosse honesto. Casaram e tudo acabou bem. A outra apaixonou-se por um empregado que trabalhava na oficina do patrão. Namorou às escondidas enquanto o senhor esvaziava a marmitta que ela lhe levava à hora do almoço... E acabou também por se casar.

Joaquim casou com uma moça da aldeia e ainda lá vivia, na casa que pertencera a seus pais. Não tinha filhos e, por isso, prontificou-se a acolher Adelaide. Em troca Joaquim pediu à irmã que ajudasse esposa nos trabalhos domésticos.

Assim que terminasse o leilão Adelaide dormiria na casa que sentia ser sua, pois lhe dera guarida desde menina, só mais uma noite. Regressar à aldeia era o destino que lhe sobrava.



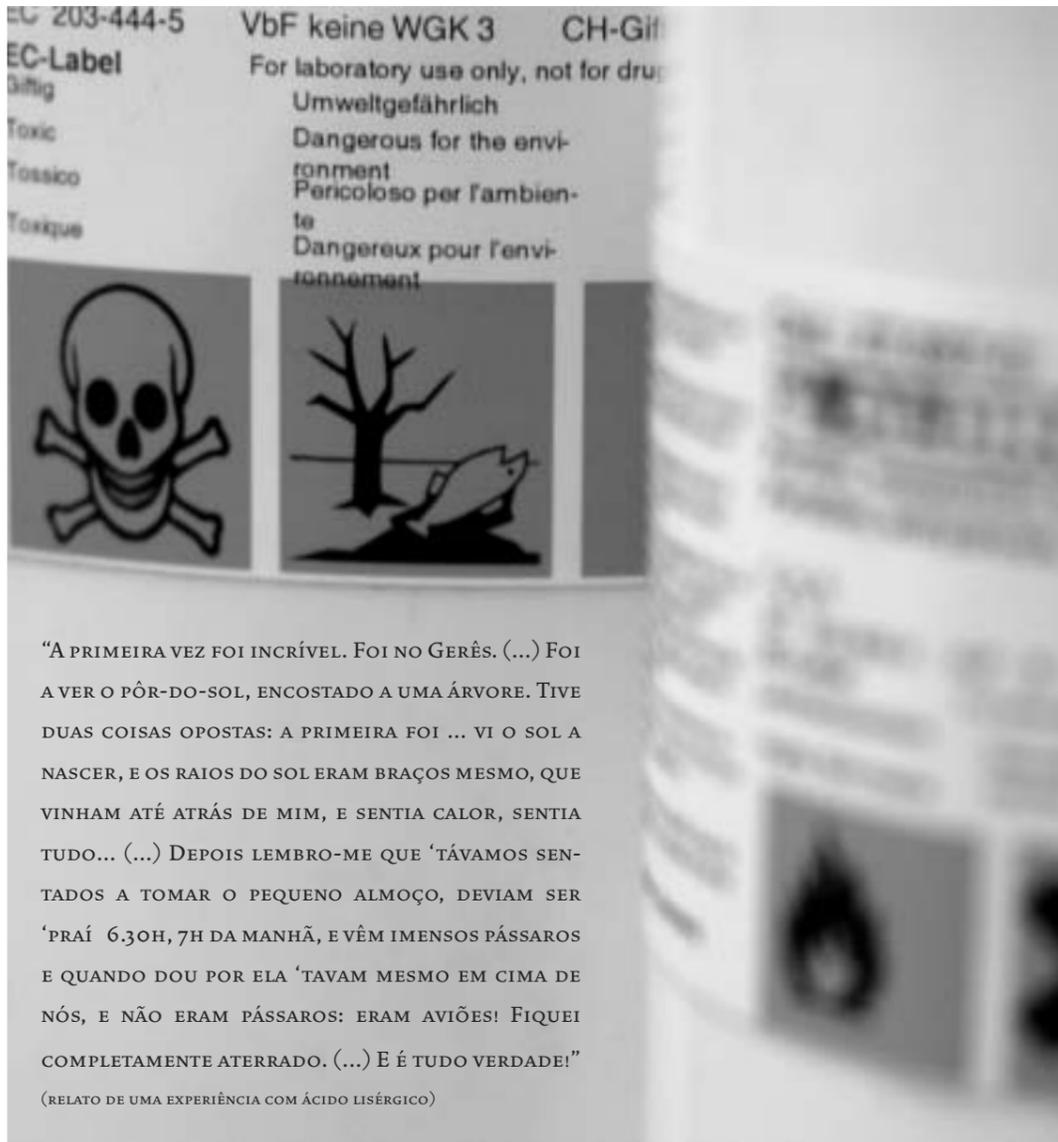
Ficha Técnica

Director e Coordenador editorial José Paulo Serralheiro | Editor João Rita | Editor Gráfico Adriano Rangel | Redacção Andreia Lobo e Ricardo Costa | Secretariado Lúcia Manadelo | Paginação-Digitalização Ricardo Eirado e Susana Lima | Fotografia João Rangel (Editor) | Ana Alvim | Joana Neves.

Rubricas

A Lupa Ana Maria Braga da Cruz, *Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher, Lisboa*. Manuela Coelho, *Escola Especializada de Ensino Artístico Soares dos Reis, Porto*. Iracema Santos Clara, *Escola Pires de Lima, Porto*. | **AFINAL onde está a escola?** **Coordenação:** Regina Leite Garcia, **Colaboração:** Grupalpa—pesquisa em alfabetização das classes populares, *Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil*. | **ANDARILHO Discos:** Andreia Lobo, **Em Português:** Leonel Cosme, *investigador, Porto*. **Galerias e palco:** António Baldaia, **Livros:** Ricardo Costa, **Música:** Guilhermino Monteiro, *Escola Secundária do Castelo da Maia*. **O Espírito e a Letra:** Serafim Ferreira, *escritor e crítico literário*. **O vício das imagens:** Eduardo Jaime Torres Ribeiro, *Escola Superior Artística do Porto*. Paulo Teixeira de Sousa, *Escola Especializada de Ensino Artístico Soares dos Reis, Porto*. | **CARTAS aos professores** convidado do mês | **CARTAS de Mulheres** — convidada do mês | **DA Ciência e da vida** Claudina Rodrigues-Pousada, *Instituto de Tecnologia Química e Biológica da Universidade Nova de Lisboa*. Francisco Silva, *Portugal Telecom*. Rui Namorado Rosa, *Universidade de Évora*. | **DA criança** Raúl Iturra, *ISCTE Universidade de Lisboa*. | **DISCURSO Directo** Ariana Cosme e Rui Trindade, *Universidade do Porto*. | **Do Primário** José Pacheco, *Escola da Ponte, Vila das Aves*. | **Do superior** Adalberto Dias de Carvalho, *Universidade do Porto*. Alberto Amaral, *Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior, Universidade do Porto*. Bárto Paiva Campos, *Universidade do Porto*. Ana Maria Seixas, *Universidade de Coimbra*. | **E AGORA professor?** — José Maria dos Santos Trindade, Pedro Silva e Ricardo Vieira, *Escola Superior de Educação de Leiria*. Rui Santiago, *Universidade de Aveiro*. Susana Faria, *Escola Superior de Educação de Leiria*. | **EDUCAÇÃO desportiva** Gustavo Pires e Manuel Sérgio, *Universidade Técnica de Lisboa*. André Escórcio, *Funchal*. **EDUCAÇÃO e Cidadania** Américo Nunes Peres, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves*. Miguel Angel Santos Guerra, *Universidade de Málaga, Espanha*. Otilia Monteiro Fernandes, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Chaves*. Xesús R. Jares, *Universidade da Corunha, Galiza*. Xurjo Torres Santomé, *Universidade da Corunha, Galiza*. | **EDUCAÇÃO e Comunicação** **Coordenação:** Guadalupe Teresinha Bertussi, *Universidade Nacional do México*. | **ESTADOS Translúcidos** Luis Fernandes, *Universidade do Porto*. Luis Vasconcelos, *Universidade Técnica de Lisboa*. Rui Tinoco, *CAT-Cedofeita e Universidade Fernando Pessoa, Porto*. | **ÉTICA e Profissão Docente** — Adalberto Dias de Carvalho, *Universidade do Porto*. Isabel Baptista, *Universidade Portucalense, Porto*. José António Caride Gomez, *Universidade de Santiago de Compostela, Galiza*. | **FORA da escola também se aprende** **Coordenação:** Nilda Alves, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Brasil*. **Colaboração:** Grupo de pesquisa Redes de Conhecimento em Educação e Comunicação: questão de cidadania | **FORMAÇÃO e Desempenho** Carlos Cardoso, *Escola Superior de Educação de Lisboa*. Manuel Matos, *Universidade do Porto*. | **IMPASSES e desafios** João Barroso, *Universidade de Lisboa*. Pablo Gentili, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*. José Alberto Correia, *Universidade do Porto*. Agostinho Santos Silva, *Eng. Mecânica CTT*. **LUGARES da Educação** Almerindo Janela Afonso, Licínio C. Lima, Manuel António Ferreira da Silva e Maria Emília Vilarinho, *Universidade do Minho*. | **OFNI's** José Catarino Soares, *Instituto Politécnico de Setúbal*. | **OLHARES: Apontamentos** José Ferreira Alves, *Universidade do Minho*. **Registos** Fernando Bessa, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*. José Miguel Lopes, *Universidade do Leste de Minas Gerais, Brasil*. Maria Antónia Lopes, *Universidade de Mondlane, Moçambique*. **POSTAL de: da Cidade do México**, Guadalupe Teresinha Bertussi, *Universidade Nacional do México*. **do Rio**, Inês Oliveira, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. **de Paris**, Isabel Brites, *coordenação do ensino do português em França*. **do Rio de Janeiro**, Regina Leite Garcia, *Universidade Federal Fluminense, Brasil*. | **QUOTIDIANOS** Carlos Mota e Gabriela Cruz, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real*. | **RECONFIGURAÇÕES** **Coordenação:** Stephen R. Stoer e António Magalhães, *Universidade do Porto*. Fátima Antunes, *Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho*. Fernanda Rodrigues, *Instituto de Solidariedade e Segurança Social e CIE da FPCE Universidade do Porto*. Roger Dale, e Susan Robertson, *Universidade de Bristol, UK*. Xavier Bonal, *Universidade Autónoma de Barcelona*. | **SOCIEDADE e território** Jacinto Rodrigues, *Universidade do Porto*. | **TECNOLOGIAS** Celso Oliveira, *Escola José Macedo Fragateiro, Ovar*. Ivonaldo Neres Leite, *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil*. Luisa Carvalho e Boguslawa Sardinha, *Escola Superior de Ciências Empresariais de Setúbal*. **TERRITÓRIOS & labirintos** — António Mendes Lopes, *Instituto Politécnico de Setúbal*.

Administração e Propriedade Profedições. Ida - Porto Conselho de gerência Abel Macedo. João Baldaia. José Paulo Serralheiro. | **Registo Comercial** 49561 | **Contribuinte** 502675837 | **Depósito legal** 51935/91 | **DGCS** 116075 | **Administração, redacção e publicidade** Rua D. Manuel II, 51 - C - 2º andar - sala 2.5b - 4050-345 PORTO | **Tel.** 226002790 | **Fax** 226070531 | **Correio electrónico** redacao@apagina.pt | **Edição na Internet** www.apagina.pt | **Impressão** Naveprinter, Maia | **Distribuição** VASP - Sociedade de Transportes e distribuição, **Embalagem** Notícias Direct, Maia | **Serviços** Agência France Press, AFP. | **Membro da Associação** Portuguesa de Imprensa - AIND



“A PRIMEIRA VEZ FOI INCRÍVEL. FOI NO GERÊS. (...) FOI A VER O PÔR-DO-SOL, ENCOSTADO A UMA ÁRVORE. TIVE DUAS COISAS OPOSTAS: A PRIMEIRA FOI ... VI O SOL A NASCER, E OS RAIOS DO SOL ERAM BRAÇOS MESMO, QUE VINHAM ATÉ ATRÁS DE MIM, E SENTIA CALOR, SENTIA TUDO... (...) DEPOIS LEMBRO-ME QUE ‘TÁVAMOS SENTADOS A TOMAR O PEQUENO ALMOÇO, DEVIAM SER ‘PRAÍ 6,30H, 7H DA MANHÃ, E VÊM IMENSOS PÁSSAROS E QUANDO DOU POR ELA ‘TAVAM MESMO EM CIMA DE NÓS, E NÃO ERAM PÁSSAROS: ERAM AVIÕES! FIQUEI COMPLETAMENTE ATERRADO. (...) E É TUDO VERDADE!”

(RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM ÁCIDO LISÉRGICO)

ana alvim - isto é

A experiência alucinogénea

O que é a droga? Longo exercício nos esperaria, se tivéssemos a desinteressante ideia de querer responder a esta questão em tão curto espaço. Estamos perante um daqueles casos que ilustram bem como somos um animal que se instalou no reino do simbólico: entre significativo e significado há, com o simples pronunciar da palavra “droga”, uma miríade de relações que, no limite, tornam a sua definição clara uma pobre expressão daquilo que encerra essa entidade a que chamamos “mundo da droga”. Mas o sentido mais insistente que o termo evoca é o da alteração: sem droga somos uma coisa. Com ela fazemo-nos outra. E é a relação com o outro que se modifica quando pelo meio se mete a droga.

Ora, não há substância mais capaz de provocar tal alteração do que um alucinogéneo. Não fosse a questão da droga girar em torno das suas definições medico-sanitárias – coisa que tornou a heroína seu paradigma, pois ela é o paradigma dos estados de dependência – e poderíamos dizer, a respeito dos alucinogéneos, que droga mais droga não há...

Os anos 60 tornaram conhecido do grande público o mais famoso alucinogéneo de síntese laboratorial: o LSD. Alguns movimentos contraculturais da época, e particularmente o hippie, trouxeram-no para a ribalta das experiências alternativas. Silenciado pelo reinado seguinte da heroína, reaparece hoje como elemento expressivo na cultura juvenil, nas suas vertentes saídas do *house* ou na redescoberta do psicadelismo, com o *Goa Trance*. A experiência da trip não é, agora, obtida à custa apenas de produtos sintéticos, mas de cogumelos – o que liga ainda mais o psicadelismo actual à ancestralidade dos estados translúcidos: a “moca” tribal nas cerimónias rituais, os estados de espiritualidade radical, a celebração das distorções, das sinestésias, das transformações.

Os alucinogéneos não foram, não são, não serão, uma droga de massas. Mas encontramos a experiência psiconáutica bem implantada em estilos de vida ligados ao cultivo de sensibilidades estético-existenciais não necessariamente circunscritos aos contextos das culturas juvenis. Isso mesmo nos revelou uma investigação realizada em estratos sociais com elevado capital simbólico e cultural: cerca de metade da amostra tinha tido contacto experimental com alucinogéneos, normalmente numa toma única que não conhecia repetições. A intensidade da experiência faz com que, satisfeita a curiosidade, os indivíduos não o integrem nos seus consumos regulares. Podemos dizer que os ácidos correspondem a experiências intensas mas localizadas num período, ou sem continuidade. São substâncias que pelo seu enorme poder alterador, ganharam uma aura que as faz à uma fascinantes e temidas. A sua utilização é normalmente rodeada de cuidados especiais, para evitar os abismos da *bad trip*.

Apesar da ancestralidade da experiência alucinogénea, com o cogumelo *amanita* ou o *yagé* como agentes entre os indivíduos e a espiritualidade, a exaltação e a magia, não foi este tipo de vivência que veio a marcar aquilo que entendemos por droga. Daí que os alucinogéneos continuem substâncias de difusão restrita e relativamente elitista. Mas o ácido pode ser definido como a droga por excelência já que é a substância que mais radicalmente altera a consciência. Não se trata apenas da percepção alterada – é também a temporalidade e o lugar do indivíduo perante si e perante o mundo que se transformam durante o acontecimento lisérgico. Droga de revelação, apela a uma experiência altamente mentalizada e à viagem psiconáutica – quase o negativo da heroína. Deixamos para o leitor o exercício de detectar as profundas diferenças entre alucinogéneos e os psicoativos que têm protagonizado o discurso dominante e sido a fonte dos principais estereótipos acerca do “mundo da droga”.

ESTADOS translúcidos

José Luis
Lopes Fernandes
Universidade do Porto



Euroooooopaaa!!!. socooooorroo!!!...

adriano rangel - isto é

OS COLEGAS PARTIRAM HÁ ANOS PARA UMA EUROPA DIFERENTE DESTA ... OUTROS FORAM ENGROSSAR A MULTIDÃO DOS GRANDES CENTROS URBANOS PORTUGUESES ... QUANTOS MAIS PRÉDIOS, PONTES, ESTÁDIOS E ESTRADAS CONSTRUIREM, MAIS PESSOAS PARA LÁ IRÃO ... A ALTERNATIVA A ESTA DIÁSPORA, É PERMANECEREM AUTÓTONES, E CANDIDATAREM-SE AO RENDIMENTO MÍNIMO.

Alguns no interior norte deste extremo ocidental da Europa, entre construções antigas e outras mais recentes, mas desabitadas, vê-se um pequeno edifício branco, com a pintura mal tratada e o mastro da bandeira enferrujado. No recreio, cercado por um muro irregular e infestado de silvas e outra vegetação espontânea, vê-se uma criança com uma bola sem ninguém a quem a passar. Porquê? Os colegas faltaram? Não querem brincar com ela? Prefere brincar sozinha? Não!!! Os colegas não existem, ela é a única aluna da escola. Os colegas partiram há anos para uma Europa diferente desta. Uns foram ao colo do pai ou da mãe, outros partiram ainda em forma de projecto na cabeça dos progenitores que queriam ter uma existência diferente e proporcionar a si próprios e aos seus descendentes outras condições que não encontravam nesta desolação económico-social. Foram engrossar a multidão dos grandes centros urbanos, portugueses e europeus, foram apinhar-se nas carruagens do metro e cheirar os sovacos dos colegas de viagem, foram aglutinar-se nos maciços habitacionais e adensar as filas de acesso às circulares externas e internas onde as pessoas perdem horas preciosas da sua vida. Sim, porque aí é que há fábricas, hiper-

mercados e centros comerciais a pagarem os cobiçados salários, mínimos ou pouco mais que mínimos, que permitem sobreviver; aí é que há prédios para construir, estádios para levantar e exhibir, estradas e pontes para construir, túneis para escavar, pessoas a quem vender, escritórios para burocratizar, gabinetes para preguiçar, lugares para oportunidades e oportunismos. E, quantos mais prédios, pontes, estádios e estradas construírem, mais pessoas para lá irão.

A alternativa a esta diáspora, é permanecerem autóctones, enfiados nos seus enclaves geográficos e candidatar-se ao rendimento mínimo. Desta forma ficaríamos a engrossar o número de candidatos à dependência, e os seus filhos a engrossar o número de alunos com necessidades educativas especiais. Difícil escolha! É como o burro que tem um molho de feno espezinhado de um lado e um tufo de tojos de outro.

Mas também há quem saia desta ruralidade e vá para outra; esta mais rica, talvez porque melhor organizada ou talvez mais abençoada? Ou melhor apadrinhada? Vão apanhar tomates, morangos ou maçãs durante três ou quatro meses e durante os outros oito ou nove regressam e vão ao hipermercado comprar o concentrado francês,

belga ou suíço e as lustrosas covetes de morango espanhol que ajudaram a apanhar. Houve um povo que não tinha terra e quando a conseguiu, agarrou-se a ela para nunca mais a deixar escapar. Há um povo que gostaria de ter uma terra, mas não a tem. Há outro que tem uma terra, mas não a quer.

Venenosa terra esta que só dá tojos, giestas e carquejas e estranha gente que só consegue trabalhar lá longe do olhar dos vizinhos, porque se estes os vêem trabalhar cá, vão comentar que aquele é um burro que se farta de trabalhar e que é bem melhor deitar-se à sombra de uma oportunidade (ou oportunismo) arranjada por um amigo que ocupa um lugar onde se sabe dessas coisas. Estranhos subsídios que em vez de terem servido para aplicações sólidas, duradouras e consequentes, foram desperdiçados em projectos descambados que agora estão a ser subsidiados pela natureza, ou gastos à pressa para inaugurações politicamente estratégicas, ou...

Estranho país este, que em vez de criar condições para que as pessoas fiquem cá a desenvolvê-lo, aborta essas condições, obrigando os seus cidadãos a abandoná-lo para ir desenvolver outros.

Muito se estuda e investiga, muitos

mestres e doutores emergem, muito se discute e debate, muitas reformas se teorizam, mas a prática não se altera. Por isso, os tojos, as giestas e as silvas avançam e com elas avançam também o abandono, a degradação e a inexorável desertificação. Em vez disso, poderia haver viçosas plantações e pastagens, sólidas estufas, produções competitivas, aldeias e vilas vivas, escolas com alunos e colegas a quem pudessem passar a bola e com um mastro lustroso onde se pudesse desfraldar orgulhosamente o vermelho do esforço e o verde da esperança e da recompensa.

A mão que apertámos à Europa estava oleosa e escorregadia, assim como oleosas e untadas ficaram muitas outras mãos, para melhor deslizarem na imbricada máquina burocrática, aparentemente tão hermética para os leigos, mas afinal tão aberta e acessível para os especialistas. Não soubemos apertar com firmeza, a mão à Europa, para que pudéssemos ter sido guindados para um patamar mais confortável. Em breve ela estará longe e indiferente às nossas lamentações, mas perto e intransigente para as suas exigências. Quem lhe responderá ou pagará essas exigências? Todos nós ou só os especialistas de mãos oleosas?

RIO acima

José Manuel

Alves Carvalho

Professor do 1º Ciclo

EB1 de Serapicos Nº2,

Valpaços

Indonésia

Mais de 200 escolas queimadas durante ofensiva contra rebeldes separatistas

Mais de 200 escolas foram queimadas na província de Aceh, na Indonésia - onde o exército está a realizar uma ofensiva contra os rebeldes separatistas -, de acordo com informações adelantadas por professores locais. Desde 1999, mais de 750 escolas foram queimadas na região e

mais de 60 mil crianças estão agora sem aulas.

Os militares e os rebeldes do Movimento Aceh Livre (GAM) acusam-se mutuamente de terem incendiado as escolas. Assim, enquanto o exército acusa o GAM de queimar as escolas por estas representarem sím-

bolos do Estado indonésio, para criar confusão e obrigar os militares a vigiar os estabelecimentos, os separatistas devolvem as acusações aos serviços secretos indonésios dizendo que estes destroem as escolas para prejudicar o movimento rebelde.

Esta operação do governo indoné-

sio é a maior desde a invasão de Timor Leste em 1975. Os combates em Aceh já causaram mais de 10 mil mortes, a maioria de civis, desde 1976. Jacarta rejeita qualquer possibilidade de independência desta província.

Fonte: AFP



adriano rangel - isto é

A destrución da escola pública

VOLTAN AS VELHAS LINGUAXES DA MAN DE VELHAS MEDIDAS QUE TRATAM DE CRIAR MILLORES CONDICIÓNS PARA GARANTIR O ÉXITO DAS POLÍTICAS CONSERVADORAS E NEOLIBERAIS. OS GOVERNOS ESTAN A DESMANTELAR TODAS AS REDES QUE SUSTENTAN O ESTADO DO BENESTAR. AS CONTRA-REGULACIÓNS DO MERCADO LABORAL, DA SEGURIDADE SOCIAL, DA SANIDADE E DO SISTEMA EDUCATIVO A QUE ESTAMOS ASSISTINDO SON CONSECUENCIA DAS REESTRUCTURACIÓNS QUE PRECISAN OS MERCADOS NEOLIBERAIS.

A contra-reforma de educación aprobada polo Goberno Español ven a reforzar a dualización. Cada clase social educará-se en espazos específicos. E non só iso, senón que se lexitiman tamén os coléxios segregados por razón de xénero, masculinos e femininos. Algo que atenta contra os viventes principios constitucionais.

Con medidas segregadoras como os itinerarios, os grupos de reforzo, os programas de iniciación profesional, os programas de "Lengua y Cultura española" sentan-se as bases para converter os centros [escolas] públicos en guetos. Pola contra, os centros concertados e privados acabarán por se converter en clubes, na medida en que os propietarios e quenenes constitúen os seus consellos escolares deseñan medidas mirando exclusivamente polo seu propio beneficio, sen tomar en consideración os intereses de outros colectivos sociais máis desfavorecidos e con menores posibilidades de facer pública a su voz. Un clube privado busca beneficios privados e, asemade, sirve para salientar un estatus social diferenciado aos seus membros.

Con a nova Lei de Calidade da Educación atacan-se claramente os grandes fins do ensino como servizo público, xa que a institución escolar debe ser un lugar de convivencia,

non de segregación; dinámítase o aprender a vivir xuntos. Non esquecemos que a ensinanza pública pon o énfase e garante un proxecto educativo democrático para toda a cidadanía, sen exclusións, decidido co concurso de todas as persoas que integran a comunidade educativa. Os centros públicos son o millor lugar para as políticas de recoñecemento e un espazo privilexiado para contribuir ás políticas de redistribui-

AS ESCOLAS concertadas e privadas acabarán por se converter en clubes, na medida en que os propietarios e quenenes constitúen os seus consellos escolares deseñan medidas mirando exclusivamente polo seu propio beneficio (...) Un clube privado busca beneficios privados e, asemade, sirve para salientar un estatus social diferenciado aos seus membros.

ción. Na medida en que se promoven medidas para facilitar aínda máis a concertación de centros privados, cortacircuita-se o proxecto político ilustrado no que se apoia a defensa do ensino público.

Estamos diante dun novo marco legislativo destinado a restaurar un maior centralismo e controle da Administración sobre os centros escolares através, principalmente, de sete medidas:

1. A imposición dos contéudos obrigatorios a traballar en todas as materias e niveis educativos.
2. A imposición do Sistema Estatal de Indicadores da Educación.

3. As reválidas.
4. A elección de Directores dos Centros de ensino.
5. O recorte das posibilidades de participación do profesorado, do alumnado, das súas familias e demais colectivos sociais na vida dos centros.
6. A Inspección da Comunidade Autónoma.
7. A Alta Inspección do Estado.

Estamos diante dunha Lei que máis que tentar combater o fracaso escolar pretende acelerar unha maior privatización e desgaleguización do sistema educativo.

Para sacar adiante este proxecto o Ministerio tratou de non incurrir en algúns dos defectos nos que caíra no trámite da LOU; cando se adicou a culpar ao profesorado de corporativista e de egoísta, pondo asimismo en cuestión, a súa capacitación profesional. Agora, para tratar de impedir a mobilización política e social do profesorado o Ministerio de Educación só apresentou un único culpable: o alumnado, ao que acusa de carecer dunha

cultura do esforzo. Curiosamente omíten-se as responsabilidades da Administración, das Facultades de Educación e do propio profesorado.

No fondo, este tipo de medidas son tamén unha das consecuencias dun Estado que se voltou indiferente diante das necesidades dos grupos sociais máis desfavorecidos, adicándose, pola contra, a facilitar aínda máis as cousas ás grandes empresas multinacionais na súa aposta polo neoliberalismo. A saída política pola que se aposta para solventar o fracaso escolar é a de segregar e eliminar do sistema educativo aos estudantes dos grupos sociais máis desfavorecidos. O mesmo que as medidas de "tolerancia cero" destinadas a aplicar só a represión policial sobre os colectivos desfavorecidos, co conseguinte efecto de "criminalizar a pobreza", agora en educación tamén se culpa ao alumnado, exclusivamente, sen chegar a cuestionar as dimensións estruturais que explican a desmotivación dun sector importante do alumnado. Ou sexa, o Ministerio opta tamén pola "tolerancia cero" para marxinar e segregar aos estudantes dos grupos sociais máis desfavorecidos.

Bibliografía:
TORRES SANTOMÉ, Jurjo (2001). Educación en tiempos de Neoliberalismo. Madrid. Morata.

EDUCACIÓN E CIDADANIA

Jurjo Torres Santomé
Universidade
da Coruña, Galiza

Xenofobia

Ciganos presentan queixa no tribunal dos dereitos do homem

Uma associação internacional de defesa dos dereitos dos ciganos quer presentar una queixa no Tribunal Europeo dos Dereitos do Homem contra a Croacia acusando este país de segregar as crianas desta etnia no sistema educativo. "Ao criarem turmas separadas para as crianas ciganas, as autoridades passam a mensaxer de que elas non son tan capaces como as outras

crianças, facto que "poderá ter implicacións no seu sentimento de auto-estima", explica Jean Garland, director do departamento jurídico do Centro Europeo para os Dereitos das Crianas Ciganas (ERRC), una organización con sede en Budapest que já apresentou 25 queixas contra una decena de países da Europa de leste no tribunal europeo de Estrasburgo. Este responsable

adianta que o recurso junto do Tribunal dos Dereitos do Homem será presentado caso o Tribunal Constitucional da Croacia ignore a queixa apresentada em Abril de 2002 pelos encarregados de educación de 57 crianças ciganas da região de Medjimurje, no norte do país, contra o ministério da educación, as autoridades locais e quatro escolas primárias da região. Até agora, o pro-

cesso tem sido rejeitado pelos tribunais de pequena instância por considerarem que a falta de domínio do croata é razão suficiente para a constituição de turmas separadas. De acordo com os números oficiais vivem na Croacia cerca de 10 mil ciganos, mas o verdadeiro número está estimado em cerca de 40 mil.

Fonte: AFP

A profissão mais antiga e mais desprestigiada do mundo

A CONDIÇÃO DE CRIANÇA DURA APENAS UM INSTANTE. UM MINUTO DAS VÁRIAS HORAS QUE ESTRUTURAM O NOSSO SER HISTÓRICO (...) MAS SER PAI É UM SENTIMENTO QUE PARECE DURAR ATÉ AO DERRADEIRO DIA DA NOSSA VIDA.

olhares de fora



> país

Um dia, sem sabermos, procriamos. A paixão e o desejo desabafam entre dois que, sem darem por isso, passam a ser três. Durante um tempo, óvulo impregnado a crescer no ventre materno. A seguir, os gritos que causam o facto de dar vida. E, instantes depois, começamos a sentir a delícia de sermos pais. Condição que dura apenas um cisco da nossa vida, um minuto das várias horas que estruturam o nosso ser histórico. Procura amamentar-se, as carícias, o aquecimento do colo materno, e, às vezes, o cheiro do corpo paterno. Normalmente, a confecção não é a pronto-a-vestir: fica no topo de todos, o percurso de transferir ideias, afectividades, palavras, sentimentos. Especialmente, sentimentos da servidão do adulto que faz ver, à criança que procura, com olhos que ainda não vêem, qual é o seu lugar no mundo.

Sermos pais é um sentimento que parece durar até ao derradeiro dia das nossas vidas, mas na verdade é uma antiga profissão que dura apenas um curto espaço de tempo.

Porque a primeira questão que aparece na mente do novo ser, é perguntar-se, tal como Roy Lewis no seu texto de 1960, Por «que comi o meu pai?», na procura de o eliminar; imagina novas e melhores maneiras de brincar à John Locke de 1666, para que os seus adultos venham a criar um «Ensaio sobre Tolerância» com ele, ou a magiar, à Rousseau de 1754, uma explicação

sobre «A origem de desigualdade entre os seres humanos».

A criança, na sua epistemologia em permanente desenvolvimento, mágica, para depois, na sua puberdade, agir; no seu crescimento, praticar; na sua vida adulta, cortar relações, abrir outras, desconhecer a relação original, esquecer o amamentar, o aquecimento, o divertimento que teve na idade da nascença. Apenas por transitar de um momento de subordinação aos adultos, ao momento de se confrontar com eles. Nem sabe ainda que se não se confrontar não conseguirá dois factos: ser esse novo ser, também ele, um adulto, com autonomia e independência necessárias para confrontar a concorrência da vida; ou ter o carinho distante e respeito por parte dos seus pais. Porque ou a criança mata os seus pais, ou nunca mais consegue ficar dentro do mercado de trocas no qual vivemos. A criança, sem saber, procura a morte do adulto dentro do seu processo de vida, define qual o seu limite de tolerância, luta para desenhá-la a sua própria desigualdade. Como se a criança tivesse lido, entendido ou ouvido os escritores invocados neste parágrafo.

Eis o motivo para pensar, sentir, dizer que sermos pais é a mais velha e desprestigiada profissão do mundo. Profissão, que por causa do processo de trabalho remunerativo, a palavra paternidade/maternidade definem. Desprestigiada por causa

da luta impingida entre seres humanos que, dentro de um curto espaço de tempo, passam a ocupar os mesmos lugares. Um dia, a criança virá a sentir a paixão que leva à procriação, precisará também de um sítio de trabalho remunerado, concorrerá com o seu adulto, mais envelhecido agora – consequentemente, com menos capacidade para o trabalho lucrativo procurado pelo mundo globalizado –, que deve perder, para que a nova geração ocupe os lugares libertados pelos seus progenitores.

Pequena, és apenas um instante. És criança apenas por um dia. És amamentada e aquecida por poucas horas dentro da tua História. Porque se não matas os teus adultos, nunca mais és essa força de trabalho que a tua sociedade vê em ti. Mas, pequena, o problema não és tu, são os teus adultos: nunca mais querem ser largados, continuam com o hábito de mandar em ti, de procurar em ti a pequenada feita, dentro da sua paixão. O teu adulto será sempre esse ser que quer saber, até ao mais ínfimo detalhe, o teu quotidiano, a tua intimidade, os teus amores e, especialmente, o objecto do teu desejo. Questão que sempre vais ouvir dentro de um hábito cristão inquiridor ou de Inquisição. Famoso hábito elaborado ao longo do tempo com o intuito de controlar os teus movimentos e ajustar o teu agir, à ética dominante da tua História. História tão diferente da conjuntura vivida pelos teus pais, tal qual será a

tua, quando o teu dia de procriação ou de paixão, chegar. Entende, pequena, que é bem mais difícil para o adulto largar o seu rebento que considera sempre seu, com base nos mitos definidos, faz milhares de anos, nas variadas doutrinas.

É tudo o que eu gostava de te ensinar, como é conveniente ao teu crescimento. Para saberes que os teus pais são apenas uma vírgula no tecido da tua vida. Vida imensa, comprida e preenchida se conseguires tecer o carinho dentro do respeito entre gerações diversas, línguas diferentes, memórias baseadas em factos nem sempre conhecidos por ti. E, enquanto não entenderes isto, vou tomar vantagem para te beijar, acariciar, passear, mimar. Sei que um dia vais fechar a grande porta para abrires apenas uma janela que permitirá espreitar apenas o que for teu desejo mostrar. Com respeito, essa janela será o olho da nossa cumplicidade, para podermos sermos pais, durante esse metafórico minuto, que sempre ansiamos.

Para esta minha querida pequena, quer mãe quer neta, são estas palavras racionais de um adulto maior que muito vos ama. Tanto e quanto, vós permitis. Com respeito e aconchego. Com amor, esse sentimento que define os conceitos usados neste texto como uma pequena forma de exprimir racionalidade sentimental. De sermos pais. Antigos necessariamente. Desprestigiados por causa da necessidade de tu seres tu. A geração seguinte.

DA criança

Raúl Iturra

lautaro@mail.telepac.pt

ISCTE/CEAS

Amnistia Internacional

> guerra

O Petróleo

AS RESERVAS DE PETRÓLEO DO IRAQUE SÃO AS SEGUNDAS MAIORES DO MUNDO
E NÃO SE TÊM FEITO PROSPECÇÕES PARA SABER EXACTAMENTE ATÉ ONDE VÃO.

Não foi causa única, mas antes causa importante, na invasão do Iraque.

Vejamos: Três dias antes do início dos bombardeamentos, o Congresso norte-americano não aprovou, por apenas 3 votos, uma proposta no sentido de o Alasca deixar de ser considerada zona ecologicamente protegida, passando a zona aberta à exploração petrolífera.

O presidente do "Boston Consulting Group" (uma das mais importantes empresas de consultoria de gestão do Mundo), desmentindo

Rumsfeld, afirmou, há cerca de um mês, que "esta guerra tem tudo a ver com o petróleo".

A manter-se o ritmo de produção e consumo actuais, as reservas petrolíferas nos E.U.A. esgotar-se-ão em 2010.

Na década de 90, os EUA produziam o dobro do petróleo importado. Presentemente, importam mais do dobro do que o petróleo que obtêm internamente.

Com base no conhecimento actual sobre jazidas petrolíferas, o Ira-

que está em 2º lugar (a seguir à Arábia Saudita), em termos mundiais, quanto a reservas. Mas estas são, apenas, reservas comprovadas: não têm sido feitas, no Iraque, quaisquer tentativas (em especial baseadas em tecnologias modernas) de detecção de novas jazidas e há muitos especialistas "apostando" em que o Iraque ultrapassa, de facto, a Arábia Saudita; se a isto somarmos os baixíssimos custos de exploração do petróleo iraquiano, estimados em 3 dólares / barril...

O regime iraquiano estava a procurar na OPEP (apoiado pela Venezuela...) substituir o Dólar pelo Euro, como meio de liquidação das transacções internacionais do petróleo, isto é, do bem mais transaccionado, em termos de valores, no Mundo.

Terá o petróleo sido irrelevante?

É claro que podemos pensar no idealismo de George W. Bush ou Tony Blair, gente que apenas pretende iluminar o Médio Oriente com um farol de democracia....

QUOTIDIANO

Maria Gabriel Cruz,

mcruz@utad.pt

Universidade de Trás-os-

Montes e Alto Douro,

UTAD, Vila Real

Depois de finalizar o curso de Belas Artes no Porto e de ter iniciado o seu percurso artístico, foi para Inglaterra estudar no princípio dos anos noventa. Que experiência retirou do sistema educativo britânico?

Uma das facetas do sistema educativo britânico que melhor recordo, embora pela negativa, é o chamado ranking das escolas. De acordo com o que foi dado a perceber, é um método de avaliação que pode criar distorções na rede porque privilegia a avaliação do desempenho das escolas em função de áreas académicas como as línguas e as ciências. As escolas localizadas em meios desfavorecidos, por exemplo, muito frequentadas por miúdos de minorias étnicas, ocupam geralmente os lugares abaixo da tabela. O mesmo se passa com as escolas vocacionadas para o ensino artístico, que não apostam tanto no ensino académico e ficam habitualmente classificadas nos últimos lugares. Faz-me confusão pensar que miúdos com talento possam estar a ser desperdiçados. É uma pena...

Actualmente é professora de Educação Visual e Tecnológica numa escola particular de inspiração inglesa. De que forma é ali abordado o ensino artístico?

A disciplina que estou a leccionar não é Educação Visual e Tecnológica, chama-se Arte e, de certa forma, combina as duas vertentes. Sou responsável pelas turmas de 6º, 7º e 8º anos e dou um pouco de História da Arte ao 11º ano. É uma escola que terá concertiza melhores condições materiais do que uma escola pública, mas é sobretudo a metodologia de trabalho que a distinguirá das outras, porque incide nas aulas práticas e na pesquisa. Quando se trabalha um determinado pintor, por exemplo, recorre-se à biblioteca ou à consulta da Internet, não ficamos apenas pela aula. Além disso, as turmas são mais pequenas o que permite, à partida, um melhor processo de aprendizagem.

Quantos alunos têm em média as turmas que orienta?
Entre 12 e 16 alunos.

Tornou-se professora por vocação ou como complemento da carreira artística?

Há um sábio chinês - ou indiano, não me recordo ao certo -, que diz que ensinar também é aprender. E eu estou a ter essa experiência. Quando olho para trabalhos dos meus alunos não deixo de pensar que alguns podem não estar como eu queria do ponto de vista técnico, mas acho-os tão bonitos e expressivos que questiono até por vezes algumas das técnicas que aprendi. E por vezes sinto mesmo a influência dessa liberdade no meu próprio trabalho. Uma das minhas mais recentes exposições, que actualmente está em itinerância por algumas localidades do interior transmontano, foi feita com papel comum e pastéis de óleo, materiais não utilizados habitualmente, e fi-lo com muito gosto. E essa influência não se limita à questão artística, estende-se igualmente à cultura geral e ao mundo que nos rodeia. Se eu hoje sei quem é a Cristina Aguilera [uma famosa cantora pop] aos miúdos o devo. Essa faceta também é importante...

De que forma pode o ensino artístico servir como potenciador das restantes aprendizagens?

Em alguns miúdos a arte pode funcionar como uma forma de auto-estima. Podem não ser tão bons a português, a matemática ou a ciências, mas até desenvolvem uma apetência pela pintura, música, ou mesmo pela ginástica, e essa auto-estima pode ajudá-los a ter um melhor desempenho, porque até fazem coisas giras, porque têm o trabalho exposto na parede, e isso é muito importante. Desde miúdos que somos habituados a ouvir "não faças isso; porta-te bem; não pintes nas paredes"... Ora, tem de haver um momento em que os miúdos se possam expressar de forma absolutamente livre em termos artísticos, e o local apropriado é a escola. É muito importante que essa curiosidade e liberdade sejam incentivadas porque é uma forma de os miúdos ficarem com o "bichinho" e a partir dele desenvolverem a criatividade.

Ensinar também é aprender

VAI UMA CAMISOLA DE PELO DE CÃO?

A tapeçaria é uma das paixões de Tita Costa. Quando esteve a estudar em Inglaterra conheceu uma comunidade de tecelãs que, além de outras técnicas, a ensinaram a fiar pelo de cão. Um material pouco comum aos olhos dos mais cépticos, mas que pode ser utilizado para a fabricação de uma série de produtos como tapeçarias, casacos ou camisolas. A tradição remonta aos índios nativos americanos, que, antes de os ingleses ali terem introduzido o carneiro, no século XVII, utilizavam este material como base para a confecção de tapeçaria tradicional e do próprio vestuário.

"As pessoas perguntam-me se eu ando por aí a tosquiar os cães, como se faz aos carneiros", comenta Tita Costa em tom de brincadeira. Mas não é assim tão simples. A técnica exige que a matéria prima seja cardada a partir de cães de pelo longo, como os Serra da Estrela, sendo posteriormente lavada e fiada. Depois de finalizada, a peça torna-se impermeável e, garante a própria tecelã, é "muito quentinha". Apesar de ser uma técnica ainda utilizada em alguns países anglófonos, como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha ou a Austrália, está a cair em desuso. Por isso, garante Tita Costa, quem estiver interessado em aprender a técnica pode contactá-la

Tita Costa
42 anos
Artista, professora

adriano rangel - isto é

> associação
de apoio
aos doentes
depressivos
e maniaco-
depressivos



“O primeiro passo para a reabilitação
é a aceitação da doença”

A ASSOCIAÇÃO DE APOIO AOS DOENTES DEPRESSIVOS E MANIACO-DEPRESSIVOS (ADMD) TRABALHA DESDE 1991 NA REABILITAÇÃO SOCIAL DA PESSOA COM DOENÇA MENTAL E NA DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE A DOENÇA. ATÉ PORQUE «O PRIMEIRO PASSO PARA A REABILITAÇÃO É A ACEITAÇÃO DA DOENÇA, MAS PORQUE A DEPRESSÃO NÃO É UMA DOENÇA FÍSICA, VISÍVEL AOS OLHOS, MUITOS RECUSAM ACEITÁ-LA», DIZ SÓNIA MARTINS, PSICÓLOGA NA DELEGAÇÃO NORTE DA INSTITUIÇÃO.

No mapa das doenças mentais existem dois tipos de depressões: a doença unipolar e a doença bipolar. A primeira corresponde ao que geralmente designamos por 'depressão'. E é uma das doenças psiquiátricas mais frequentes. As causas podem ser as mais díspares: problemas familiares, stress diário, morte de alguém próximo, dificuldades financeiras, desemprego. Há que contar ainda com o facto de alguns doentes terem uma predisposição hereditária. Independentemente da causa, a consequência comum a todas está no intenso sofrimento que se abate sobre o doente.

Actualmente esta é uma patologia passível de ser tratada com medicamentos antidepressivos. A dificuldade de tratamento surge quando muitos dos doentes se recusam a tomar a medicação por temerem o seu efeito. Parte do trabalho da ADMD vai no sentido de tornar clara a acção destes fármacos. “Os antidepressivos são medicamentos que não produzem dependência. A sua acção terapêutica resulta de um reequilíbrio da perturbação depressiva”, pode ler-se num dos muitos desdobráveis que a ADMD publica.

A doença Bipolar, designada também por doença maniaco-de-

pressiva, distingue-se da depressão mais comum por originar variações acentuadas do humor. Variações essas que resultam ora em crises de depressão ora em crises de mania. A alternância entre estes dois estados tem um impacto muito forte ao nível das emoções, dos pensamentos e dos comportamentos da pessoa. Como explica Sónia Martins: “no estado maniaco o doente experimenta uma grande euforia, uma sensação de grande amor próprio, perde a noção da realidade e, por isso, tem tendência para ter grandes ímpetus consumistas, gastando quantias elevadas de dinheiro.” Quando o estado maniaco dá lugar ao estado depressivo o doente “apresenta falta de actividade, desleixo na aparência, perda de contacto social e, em última análise, intenções suicidas”, refere a psicóloga.

É sobretudo a pensar nos doentes bipolares que a ADMD criou um sistema de grupos de auto-ajuda. Uns dirigidos a doentes, outros a familiares. A finalidade é trazer à discussão as experiências e as dificuldades encontradas ao lidar com a doença. Para Sónia Martins a importância destes grupos reside “nas implicações que têm fora do grupo.”

Até porque, acrescenta, “o acompanhamento psicológico faz-se no sentido de proporcionar ao doente bipolar o auto-conhecimento que lhe permita saber em qual dos estados está a entrar.” Mas não é só o doente que beneficia em “conhecer-se a si mesmo”. Também a família. Esta desempenhará um papel importante na reintegração social do doente. Além de que “a doença bipolar pode surgir quando menos se espera”, alerta Sónia Martins. “Em alguns casos, [tal como na depressão mais usual] há um factor genético, noutros a doença surge por acção de um factor que provoca tal dano ou influência no indivíduo que pode desencadear a doença”, acrescenta.

Apesar de ter tratamento, “diagnosticar uma doença bipolar, do ponto de vista psiquiátrico, não é fácil”, avisa Sónia Martins. Para a psicóloga muitos dos casos podem não estar a ser bem diagnosticados: “Temos doentes que recorreram ao psiquiatra e foi-lhes diagnosticada esquizofrenia que nada tem a ver com a doença bipolar.” A Organização Mundial de Saúde estima que em Portugal apenas 1% da população adulta sofre de doença bipolar e cerca de 5% de doença unipolar.

**Associação de Apoio
aos Doentes Depressivos
e Maniaco-Depressivos**

Contactos

Sede Nacional:
Av^a Alfredo Bensaúde,
Lote C 2 e C 3 Loja A
1800-174 Lisboa
Telef: 218540740

Delegação Região Norte:
Rua Júlio Dinis, 748
– 5º andar – sala 508
4050 – 321 Porto
Telef: 226066414

Delegação Região Centro:
Rua Central da Mesura, 82,
Mesura, Santa Clara
3040-197 Coimbra
Telef: 239812 574

Internet www.adma.pt

Carlos Martins: um jovem professor preparado para o pior

É o seu primeiro ano de ensino. E como qualquer outro iniciado na profissão de professor preparou-se para o pior: não arranjar colocação. Foi por isso com grande surpresa que Carlos Martins, natural de Viana, se viu colocado na Escola Básica 2/3 de Augusto Gil, no Porto. Ainda mais surpreendido ficou quando viu um horário de 13h ficar completo. No próximo ano a sorte pode vir a abandoná-lo. Ainda assim, Carlos Martins acredita que os professores em início de carreira devem estar preparados "para viver um ano de cada vez." É o que ele vai fazer, assegura numa pose descontraída e sempre sorridente.

Mas a estabilidade profissional não é importante? "Sim, para quem quer organizar a vida", relativiza o professor que vê a questão de um outro ângulo que não o do professor. "Os últimos a serem prejudicados com a mobilidade dos professores deverão ser os alunos", afirma Carlos com convicção. A sua postura torna-se mais séria. "Quando os professores são colocados numa escola têm de ter a consciência de que essa é a colocação possível naquele momento e dar o seu melhor."

A primeira desilusão

"Para já é tudo novidade!" Desilusões com a passagem da teoria à prática do ensino ainda não existem. Bom, talvez exista uma... A de João (nome fictício). Um aluno de 15 anos com um passado de insucesso escolar "muito complicado". O rapaz frequenta o 5º ano em regime de currículo alternativo, mal sabe ler e escrever. Mas desenha letras muito bonitas embora sejam apenas copiadas do quadro. A apetência mostrada na área do desenho levou Carlos a tentar estabelecer uma comunicação visual com o rapaz. "Primeiro fi-lo desenhar-se a si mesmo, depois aos pais, depois a mim. A seguir fizemos fantoches e como ele é muito tímido tentei que falasse atra-

«POSSO GABAR-ME DE NÃO TER VINDO PARA O ENSINO POR FALTA DE MÉDIA PARA IR PARA OUTRO CURSO». A CONSTATAÇÃO VEM À BAILA LOGO QUE LHE É PERGUNTADO O MOTIVO DE TER ESCOLHIDO SER PROFESSOR. ALÉM DISSO, «ESTAR EM CONTACTO COM AS CRIANÇAS FAZ-NOS MANTER A CRIANÇA QUE HÁ EM NÓS». E COMO «JÁ EM PEQUENO TROCAVA A BOLA PELO LÁPIS», CARLOS MARTINS, 23 ANOS, DECIDIU QUE QUERIA ENSINAR EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA.



susana lima - isto é

vés deles..." Até que a barreira entre professor e aluno foi ultrapassada. "Quería chegar até ao João via amizade, não só fazê-lo aprender conteúdos mas fazê-lo sentir que tinha alguém em quem confiar e com quem desabafar...", explica Carlos. Mas o aluno começou a faltar muito à escola. "Sei que ele deve estar a trabalhar com o pai, a família é ca-

renciada.. Mas estou-me a sentir muito frustrado com esta situação. É o tipo de coisas que afecta muito um professor!", desabafa.

Peças que não encaixam

Apesar de ser um recém-chegado à profissão Carlos Martins já detectou algumas "peças que não encaixam"

no sistema de ensino. Uma dessas peças é o adiamento das reformas dos professores. "A ideia que tenho é de que há um grande número de professores num período de serviço alongado. Por isso mais tarde ou mais cedo haverá uma renovação", observa Carlos. A antecipação das reformas serviria na sua opinião tanto aos professores com longos anos de serviço como aos que iniciam agora a carreira. Uns porque "eventualmente podem estar cansados do ensino", outros porque poderiam vir a ocupar os lugares deixados vagos pelos jubilados, nota Carlos Martins.

Outra das peças difíceis de encaixar no *puzzle* da educação é a dos concursos. Carlos Martins critica sobretudo a burocracia ao nível do preenchimento dos impressos: "São códigos e mais códigos... filas e mais filas, uma falta de organização..." Acresce o facto de ser esta uma situação incontornável que se repetirá todos os anos até que chegue a efectivação.

É precisamente na ajuda a estas "burocracias" que sobressai, no entender do professor, o papel das organizações sindicais. "De facto são impecáveis no que diz respeito à informação dada sobre os concursos e nos esclarecimentos que dão sobre legislação." No entanto, Carlos admite que não acompanha a actuação sindical. "É claro que elogiar o papel dos sindicatos e não ser sindicalizado parece um contrassenso...", sorri. "Mas até pode ser algo que venha a fazer!"

Por falar em sindicatos perguntamos se a remuneração seria porventura outra peça que não encaixaria no *puzzle* da educação. "Já trabalhei em padarias, cafés e só agora sim, sinto-me bem remunerado! Mas se perguntar a outra pessoa talvez a resposta seja diferente." Com a motivação ao rubro Carlos não trocava a profissão por nada deste mundo. "É o meu primeiro ano de serviço se tivesse vontade de mudar...(risos)."

olhares de fora

> o primeiro ano

VIDAS
Andreia Lobo

Fecundação

Espermatozóides comportam-se como mísseis guiados por calor

Os espermatozóides possuem detectores das fontes de calor emitidas pelos óvulos permitindo-lhes actuar como "autênticos mísseis terra-ar", asseguram investigadores israelitas do Instituto Weizman, em

TelAviv, em Israel. O estudo foi publicado na revista "Interface", da responsabilidade daquele instituto, sob o título "Caça ao óvulo dos espermatozóides". As pesquisas, coordenadas pelo professor Mi-

chael Eisenbach e realizadas com espermatozóides de coelho, mostraram que os espermatozóides encontravam o seu caminho para o óvulo graças às fontes de calor emitidas por este último. As experiên-

cias posteriores realizadas com espermatozóides humanos confirmaram a descoberta, que poderá contribuir para o aperfeiçoamento das técnicas de fecundação.



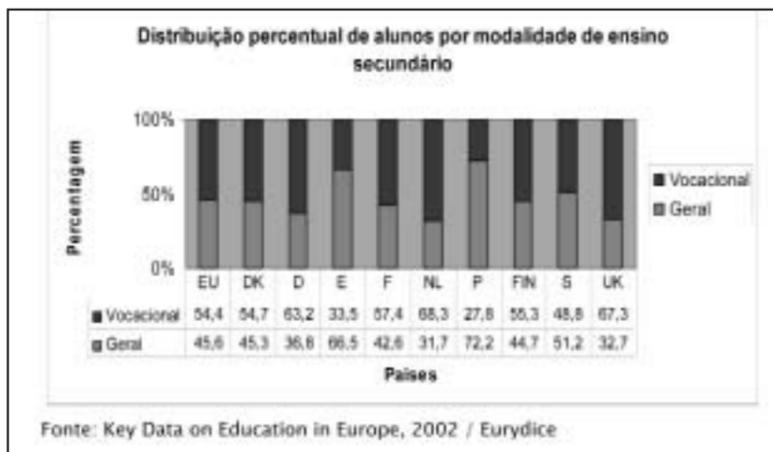
adriano rangel - isto é

À procura de um rumo

NO DOCUMENTO DE REVISÃO CURRICULAR DO ENSINO PROFISSIONAL O MINISTRO DAVID JUSTINO TECE ELOGIOS AOS BONS RESULTADOS APRESENTADOS PELA MAIORIA DAS ESCOLAS. NO ENTANTO REVE, ALTERA A MATRIZ EM VIGOR E NÃO FAZ CASO DAS OPINIÕES DE QUEM ESTÁ NO TERRENO. A PREOCUPAÇÃO MAIS VISIVEL DO MINISTRO PARECE SER A MUDANÇA NA ACTUAL FORMA DE FINANCIAMENTO.

O governo apresentou recentemente a sua proposta de revisão curricular do ensino profissional. Um documento onde o ministro da educação, David Justino, tece elogios aos bons resultados atingidos pela maioria das escolas profissionais, mas onde alerta para o facto de o êxito da nova matriz curricular, que entrará em vigor a partir de 2004/2005, estar "fortemente dependente do dinamismo e da capacidade de gestão da mudança" que estas venham a revelar.

A principal novidade do documento é a mudança da actual fórmula de financiamento, que passará a ser concedido directamente aos alunos através de bolsas de frequência no valor máximo de 2.800 euros anuais. Este novo regime entrará em vigor já no próximo ano lectivo na região de Lisboa e Vale do Tejo - os fundos de coesão para esta região terminam já em 2004 -, em fase experimental, alargando-se ao resto do país em 2004/2005. Nesta primeira fase, o Ministério de Educação irá canalizar um total de oito milhões de euros para bolsas. Recorde-se que a Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO) propôs um outro modelo de financiamento, através da realização de contratos plurianuais de financiamento, tendo como base o custo por aluno, por um período de dez anos. A proposta foi ignorada pelo executivo.



Outra das mudanças anunciadas é que, tal como na via de ensino geral, os alunos passarão a ter menos disciplinas e uma carga horária mais reduzida. A componente de formação científica passará a contemplar entre duas a três disciplinas (em vez das actuais duas a quatro) e a formação técnica entre três e quatro disciplinas (actualmente são entre quatro e seis). Assim, em vez das 3600 horas de carga horária máxima para os três anos do secundário, os alunos cumprirão um total não superior a 3100 horas, onde se incluem as aulas teóricas, práticas e o estágio.

Escolas secundárias públicas com oferta de cursos profissionais

A partir de 2004 as escolas secundárias públicas passarão também a poder ministrar cursos profissionais,

juntando-se às 244 escolas profissionais existentes, 18 das quais são públicas, que oferecem 181 cursos de nível 3 (equivalente ao 12.º ano), divididos por 38 áreas de formação.

A decisão de criar cursos ficará dependente da iniciativa das próprias escolas, condicionada à oferta existente na região em que se inserem. Uma forma de combater o actual «numerus clausus», que ultrapassa em mais do dobro o número de alunos que o procura.

Assim, no ano lectivo 2002/2003 matricularam-se no ensino profissional 31159 alunos - o que corresponde a 8,5% do total do ensino secundário - mas apenas 45% do número total de candidatos foi admitido, o que significa que cerca de 8000 jovens ficam anualmente fora do subsistema. Em 2000/01 tinham sido admitidos 54% dos candidatos e no ano seguinte apenas 48%.

Ainda assim, os diplomados nas escolas profissionais são os que mais rapidamente conseguem colocação, já que, em média, um ano após a conclusão dos respectivos cursos, 78% estava já a exercer uma profissão, com valores de empregabilidade superiores aos registados nos diplomados nas restantes vias de ensino de nível secundário.

Portugal é o Estado da União Europeia com a percentagem mais baixa de alunos a frequentar o ensino vocacional - apenas 27,8 por cento estão em cursos tecnológicos ou profissionais -, quando a maioria (54,4 por cento) dos jovens europeus opta por estas vias (ver gráfico abaixo). E, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Solidariedade, Portugal necessita de mais 150 mil técnicos qualificados.

Para debater estes e outros temas, reunimos neste dossier os contributos de dois importantes dirigentes deste sub-sector do ensino secundário, que, pela sua experiência, certamente darão um importante contributo para a discussão que se segue. São eles Fernanda Ramos, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais, e Amadeu Dinis, director da Escola Profissional CIOR, em Farnalhão e vice-presidente daquela associação, ambos com uma posição crítica face às propostas avançadas pelo governo. Para ler nas páginas seguintes.

ESTÁ EM DISCUSSÃO PÚBLICA O «DOCUMENTO ORIENTADOR DA REFORMA DO ENSINO PROFISSIONAL. É COM PERPLEXIDADE QUE SE EXTRAÍ DO DOCUMENTO A DEFINIÇÃO DE UMA MATRIZ CURRICULAR QUE A APROXIMA DAS MATRIZES CURRICULARES DAS OUTRAS MODALIDADES DO ENSINO SECUNDÁRIO. ASSIM SE PODE PERDER A ESPECIFICIDADE DO ENSINO PROFISSIONAL QUE TEM SIDO TÃO SUBLINHADO POR TODOS OS GOVERNOS E PELOS AGENTES SÓCIO-ECONÓMICOS.

dossier

Numa altura em que está em discussão pública "O Documento Orientador da Reforma do Ensino Profissional", lançado pelo Ministério da Educação, é oportuno reflectir-se sobre esta modalidade de Ensino Secundário.

As Escolas Profissionais foram criadas em 1989 e constituem uma alternativa de formação de nível secundário, vocacionado para a formação de técnicos intermédios de nível III. Ao longo destes 14 anos foram muito acidentados os caminhos que estas escolas tiveram que trilhar. Mas, "como o caminho faz-se caminho", passo a passo foi-se percorrendo um percurso procurando dotá-lo de sustentabilidade.

Volvidos estes anos constata-se que o Ensino Profissional é, dentro do Ensino Secundário, a modalidade de ensino com melhores resultados escolares, com o custo mais baixo e com melhores níveis de empregabilidade. A estes resultados não são alheios uma série de factores que contribuíram para a eficácia das escolas profissionais: as escolas são, na sua generalidade, pequenas o que permite um ensino mais personalizado e facilita um acompanhamento diferenciado dos alunos; a organização pedagógica, assente numa autonomia crescente, flexível e inovadora e com uma grande ligação às instituições e empresas criam laços de empatia nos jovens que escolheram os seus percursos formativos, devidamente orientados e facilitam-lhes uma rápida inserção no mercado de trabalho para os quais estão habilitadas; os métodos diversificados e activos utilizados na aprendizagem são outro aspecto que associado ao modelo de progressão modular é um factor que por si só favorece o sucesso dos jovens na aprendizagem.

No que diz respeito à proposta de revisão curricular do ensino profissional é perfeitamente legítimo o enquadramento estratégico apontado para a necessidade de "dotar os jovens de um conjunto de saberes humanísticos, científicos e técnicos que lhes permitam exercer de forma activa o seu papel de cidadãos e lhes possibilitem uma efectiva inserção no mercado de trabalho; reformulação da oferta formativa do ensino profissional adequando-a aos perfis profissionais actuais e emergentes ... para o desenvolvimento económico e social do país". No entanto, é com perplexidade que se extrai do documento a definição de uma matriz curricular que a aproxima das matrizes curriculares das outras modalidades do ensino secundário. Com esta medida perde-se, completamente, a especificidade do ensino profissional que tem sido tão sublinhado por todos os governos e pelos agentes sócio-económicos.

O Ensino Profissional atingiu, com o actual desenho curricular, o desempenho, atrás referido, que é reconhecido por todos. Não pode ser completamente descaracterizado principalmente com a redução, proposta de redução das cargas horárias das componentes científica e técnica, tecnológica e prática que proporcionaram e distinguiram os alunos, desta modalidade de ensino, nas áreas do saber e do saber fazer.

É, pois, com grande expectativa e confiança que se espera que o ensino profissional seja melhorado e que se permita às escolas continuarem a percorrer o caminho que desbravaram, senão perdem todos, os alunos, as instituições, as empresas, as comunidades... o país.

Qual o futuro do ensino profissional?



adriano rangel - isto é

O ENSINO PROFISSIONAL é, dentro do Ensino Secundário, a modalidade de ensino com melhores resultados escolares, com o custo mais baixo e com melhores níveis de empregabilidade.

De acordo com um recente estudo intitulado "Evolução da oferta e da procura do nível secundário: Que estratégia para o ensino tecnológico e profissional em Portugal?", encomendado pela Associação para o Desenvolvimento Económico e Social, as áreas do ensino profissional em que se regista maior procura são a Informática, Intervenção Pessoal e Social (IPS) e Informação, Comunicação e Documentação (ICD). Num futuro próximo a procura do mercado de trabalho irá incidir particularmente nas áreas da metalurgia e da metalomecânica, electricidade e energia, construção civil e materiais e electrónica e da automação. Ainda de acordo com aquele estudo, a falta de formação profissional inicial é sentida em sectores como as indústrias transformadoras, comércio, actividades imobiliárias, prestação de serviços, construção e saúde. Por satisfazer, estão também algumas áreas transversais relativas aos sectores da qualidade, programação e planeamento da produção, design, higiene e segurança no trabalho, comercialização e vendas, comunicação e publicidade, informática e Tecnologias da Informação e Comunicação.

> reforma

Amadeu Dinis
Director da Escola
Profissional CIOR
Vice-presidente
da Anespo



Este documento faz um corte total com o passado, a começar pela filosofia de base do sub-sistema

Um dossier sobre o ensino profissional não poderia ficar completo sem que uma sua importante associação representativa, como é a Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO), tivesse uma palavra a dizer. Foi para conhecer os pontos de vista desta importante associação que a PÁGINA entrevistou Fernanda Ramos, sua presidente e directora de uma escola profissional. Fernanda Ramos critica a orientação do Governo e põe a nu as debilidades vividas neste sub-sector, autêntico «parente pobre» do ensino secundário.

Que apreciação faz do recém apresentado documento orientador da Revisão Curricular do Ensino Profissional? Parece-lhe um documento de “boas intenções” ou está estruturado de forma a poder dar resposta aos desafios que se colocam ao ensino profissional em Portugal? Considero positivo o lançamento do “Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Profissional” como instrumento de discussão e, nesse sentido, não o encaro como um produto acabado, perfeito e inquestionável. Admito que o Sr. Ministro da Educação acredite nas “boas intenções” da estratégia que propõe, mas esta não é, claramente, a estratégia que a Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO) defende para o Ensino Profissional.

Depois deste apresentar os resultados que apresenta - apesar das vicissitudes por que passou ao longo dos anos -, depois da nossa Associação ter feito várias propostas e depois de termos promovido um estudo aprofundado sobre o sub-sistema (que foi acompanhado pelo Sr. Ministro da Educação), esperávamos que o “Documento Orientador” contribuisse para melhorar o que estava mal ou menos bem e que

apresentasse soluções para os problemas antigos. Ora, o que acontece é que este documento faz um corte total com o passado, a começar pela filosofia de base do sub-sistema.

Pela natureza maioritária das suas associadas - entidades privadas sem interesses lucrativos, geradas pela sociedade civil - a ANESPO sempre considerou o Ensino Profissional como um sub-sistema de interesse público e, como tal, as escolas profissionais foram criadas para cumprirem uma missão útil à sociedade. Dizem-nos agora que, afinal, as escolas profissionais devem ser uma espécie de empresas de formação, orientadas segundo lógicas comerciais e sujeitas às regras do mercado, embora isso não tenha sustentação na realidade social, económica, educacional e formativa do país.

Esta mudança é radical e traz consigo alterações profundas, cujos impactos parecem não ter sido avaliados adequadamente e estão a gerar perplexidade, como, aliás, tem sido expresso por diversas individualidades e entidades.

A que se refere exactamente?

Refiro-me, por exemplo, às consequências decorrentes da redução das cargas horárias dos cursos, à aproximação dos currículos dos cursos profissionais aos dos cursos gerais e tecnológicos, ao sistema de candidaturas proposto e à continuidade dos «numerus clausus», ao estabelecimento do mérito - cujo conceito está por definir - como critério único para a atribuição das bolsas de frequência e das bolsas sociais, e à omissão de soluções para os compromissos que as escolas assumiram anteriormente e que não poderão manter. Portanto, respondendo directamente à sua pergunta, mesmo sem querer ser alarmista, devo dizer-lhe que o conhecimento profundo que

tenho da realidade me faz sentir céptica e recear que o “Documento Orientador” em vez de dar resposta aos desafios do ensino profissional, seja ele próprio o principal desafio à sobrevivência do sub-sistema... por as respostas não serem as mais adequadas.

Um recente estudo da Federação Nacional de Professores (Fenprof) realizado junto de 57 escolas profissionais revelou que mais de metade destas encerrará as suas portas quando, em 2006, acabarem as verbas do III Quadro Comunitário de Apoio. A situação é tão pessimista quanto transparece neste estudo? A ANESPO tem tido sempre uma postura responsável, dialogante e construtiva. Por isso, não serei eu - enquanto Presidente da Direcção - a dramatizar a questão artificialmente. Porém, não posso ignorar a realidade e os cenários que se nos apresentam. As escolas profissionais não constituem uma rede homogénea em termos de dimensão, de condições de trabalho, de organização e de necessidades financeiras. A origem, a antiguidade, a localização geográfica e o respaldo institucional de cada uma, teve e tem muita influência na sua consolidação. Portanto, é natural que umas tenham mais dificuldades do que outras. Neste momento, o risco de encerramento é eminente para as mais débeis, mas é preocupante que já seja para outras com provas dadas. Neste contexto, o problema é hoje; 2006, virá depois.

Basicamente, a questão tem que ser vista sob este prisma: se ninguém questiona o financiamento dos outros sub-sistemas através do Orçamento Geral do Estado, também não pode ser questionado o financiamento do Ensino Profissional através da mesma fonte. Quando muito, o que se poderá questionar é a disparidade de finan-

Entrevista com Fernanda Ramos
Presidente da ANESPO

ciamentos sem se avaliar a relação custo/benefício em todos os sub-sistemas. Por isso, acredito que a preparação do pós-2006, sendo um problema do Ensino Profissional devido à situação que lhe foi criada, é, sobretudo um problema do país. É o interesse nacional que está em causa e não me parece que esta dimensão esteja a ser devidamente equacionada.

Para fazer face à previsível supressão dos fundos comunitários o governo propõe um novo modelo de financiamento assente na capacidade de atracção dos alunos e nos índices de inserção profissional proporcionados pelas escolas. Qual a sua opinião face a esta proposta? O que lhe disse atrás em parte já responde a isso. Mas deixe-me acrescentar o seguinte: é aceitável que haja um modelo de financiamento baseado na capacidade de atracção e na empregabilidade dos alunos, desde que extensivo aos vários sub-sistemas e a todos os estabelecimentos de ensino. Mas só se fala disso em relação ao Ensino Profissional, ao qual são feitas exigências que não se fazem a mais nenhum, sendo colocado numa situação de concorrência desigual com os outros.

Curiosamente, isto acontece com o único sub-sistema que, ao nível do secundário, os candidatos não podem frequentar livremente devido aos «numerus clausus». É curioso que isso também aconteça no sub-sistema que, até prova em contrário, é o mais barato e o que tem melhores resultados. Parece-me que seria razoável que aquelas variáveis - e outras, como a qualidade de ensino demonstrada, o rendimento escolar dos jovens, as taxas de abandono precoce, etc.-, fossem tidas em conta no financiamento de todos os sub-sistemas de ensino, segundo re-



SEM QUERER SER ALARMISTA, DEVO DIZER QUE O CONHECIMENTO PROFUNDO QUE TENHO DA REALIDADE ME FAZ SENTIR CÉPTICA E RECEAR QUE O «DOCUMENTO ORIENTADOR» EM VEZ DE DAR RESPOSTA AOS DESAFÍOS DO ENSINO PROFISSIONAL, SEJA ELE PRÓPRIO O PRINCIPAL DESAFIO À SOBREVIVÊNCIA DO SUB-SISTEMA.

ESPERÁVAMOS que o “Documento Orientador” contribuisse para melhorar o que estava mal ou menos bem e que apresentasse soluções para os problemas antigos. Ora, o que acontece é que este documento faz um corte total com o passado, a começar pela filosofia de base do sub-sistema.

DIZEM-NOS AGORA que as escolas profissionais devem ser uma espécie de empresas de formação, orientadas segundo lógicas comerciais e sujeitas às regras do mercado, embora isso não tenha sustentação na realidade social, económica, educacional e formativa do país.

SE NINGÉM QUESTIONA o financiamento dos outros sub-sistemas através do Orçamento Geral do Estado, também não pode ser questionado o financiamento do Ensino Profissional através da mesma fonte.

gras e critérios comuns. Num quadro comparativo, sustentado na equivalência de condições (que evidentemente não existe), o país tinha muito a ganhar com isso. Mas, como as coisas estão, as exigências só se colocam ao Ensino Profissional, o que deixa a pensar qualquer cidadão contribuinte que esteja atento ao que se passa.

Referiu durante o III Congresso do Ensino Profissional, ser necessário “promover uma permanente avaliação dos planos curriculares e perfis de formação”. Uma das principais acusações dirigidas ao ensino profissional é precisamente o facto de os cursos terem ainda uma componente teórica que não se compadece com os seus objectivos de base. Considera esta crítica válida? Bom, se essa crítica existe, então com esta Revisão Curricular imagino o que será... O que diferenciava os cursos do Ensino Profissional dos de outros tipos de ensino, nomeadamente do Tecnológico, era a carga horária técnica e tecnológica, incluindo a formação em contexto real de trabalho. Os nossos alunos tinham muito mais horas de formação do que os outros; logo, ficavam melhor preparados para começar a trabalhar e as empresas davam-lhes preferência. Era a nossa vantagem comparativa mais importante e a que mais interessava aos empregadores. Esta Revisão Curricular acaba com ela, ao diminuir drasticamente as cargas horárias! Há quem diga que isso é para compensar a redução dos financiamentos. Não sei se é, mas os jovens passarão a ter muito menos horas de formação científica, técnica e tecnológica. Obviamente, isso terá repercussões negativas nas suas competências à entrada para o mercado de trabalho. Isso é que me parece criticável e merecedor de reflexão.

A responsabilidade pela colocação dos alunos no mercado de trabalho deverá pertencer exclusivamente às escolas profissionais? Nesse contexto, as empresas têm-se adaptado às qualificações produzidas pelo subsistema?

As escolas profissionais devem conhecer a realidade económica, devem adaptar a sua oferta formativa às necessidades das empresas, devem formar bons técnicos e devem ajudar os jovens a aceder aos empregos. E devem ainda promover a sua formação ao longo da vida. Mas a colocação não é, nem pode ser, da exclusiva responsabilidade das escolas, como é evidente! Essa função deve ser partilhada por todas as entidades e serviços que interagem com o mercado de trabalho, não só os serviços públicos, mas também as estruturas empresariais e sindicais.

Nesse sentido, a concertação deverá ser mais intensa, tanto ao nível dos diagnósticos de necessidades, como da definição dos conteúdos e modelos de formação, como ainda da futura inserção dos diplomados. Em alguns destes aspectos, as escolas profissionais têm conseguido trabalhar com as autarquias, as empresas, os sindicatos, o Instituto do Emprego e Formação Profissional e com outros agentes locais, o que tem contribuído para adequar as ofertas formativas às procuras e para elevar a taxa de empregabilidade entre os diplomados. Considero que as empresas são parceiros fundamentais, pois, independentemente das dificuldades estruturais e de contexto que sofrem, têm estado disponíveis para colaborar com as escolas profissionais, discutindo os problemas, apresentando sugestões, acolhendo os nossos estagiários, criando condi-

ções para o seu aproveitamento e dando preferência aos nossos diplomados nas contratações de pessoal. Além disso, não podemos esquecer que pagam impostos que, em parte, financiam o sub-sistema.

A nova matriz curricular permitirá, de acordo com o Ministro da Educação, uma maior permeabilidade entre cursos do ensino secundário. Será esta a clarificação da articulação entre os sub-sistemas do ensino secundário numa lógica de complementaridade que defendeu também naquele encontro?

Vamos ver se permitirá uma maior permeabilidade e que consequências isso terá para os jovens. Há aspectos práticos que não me parecem salvaguardados quando ocorrerem transferências entre sub-sistemas, sobretudo quanto às equivalências (apesar dos cursos serem cada vez mais iguais uns aos outros). Isto não é complementaridade e não era a isso que me referia. Entendo que os vários sub-sistemas devem ter objectivos e públicos-alvo distintos e, como tal, devem ter conteúdos diferenciadores, suficientemente claros e eficazes. Isso é que gera complementaridade entre os vários sub-sistemas dentro do ensino secundário. A mobilidade entre os sub-sistemas deverá existir – com as contingências inerentes à mudança de uma primeira escolha para uma segunda ou terceira escolha –, mas esta incidência poderá ser muito reduzida logo à partida, se forem instituídos bons serviços de informação e orientação vocacional. A opção dos jovens por este ou aquele sub-sistema ou curso não pode estar sujeita a aca- sos, apreciações superficiais e informações vagas, deve ser consciente e bem fundamentada. Para bem dos jovens, do país e do erário público.

38

a página
da educação
junho 2003

■ praça
da república

Concertar estratégias para um mundo mais verde



ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS DEBATERAM EM MAIO, NA CIDADE DE ESPINHO,
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, NO DECORRER DO 1º CONGRESSO MUNDIAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.
A INICIATIVA FICOU A DEVER-SE À ORDEM DOS BIÓLOGOS, UNIVERSIDADE ABERTA E UNIVERSIDADE DE AVEIRO.

Entrevista com Fernando Morgado investigador da Universidade de Aveiro

O primeiro Congresso Mundial de Educação Ambiental teve lugar em Maio passado, em Espinho. Um encontro pioneiro que serviu para conhecer as experiências que estão a ser realizadas um pouco por todo o mundo e lançar uma nova estratégia internacional de actuação das organizações não governamentais ligadas a esta área. Para saber um pouco mais sobre os objectivos que presidiram a este encontro, entrevistamos um dos organizadores, Fernando Morgado, biólogo, investigador do departamento de biologia da Universidade de Aveiro e membro da comissão instaladora do Colégio de Educação desta instituição.

Em que contexto surge a realização deste I Congresso Mundial de Educação Ambiental?

O encontro partiu da iniciativa de uma organização não governamental, que reúne a Ordem dos Biólogos, a Universidade Aberta e a Universidade de Aveiro, e pretendeu ser um fórum mundial de discussão sobre as grandes questões da educação ambiental. A UNESCO tem realizado ao longo dos últimos trinta anos uma série de reuniões ligadas a este tema – que serviram, aliás, para o lançar a nível planetário –, mas sempre de índole governamental. Apesar de ser um assunto relativamente recente, a sociedade civil tem-se apercebido de que a educação ambiental não tem tido a devida repercussão pública e foi ela própria a sentir a necessidade de lançar este debate.

É um encontro inédito...

É um encontro inédito na medida em que parte de uma iniciativa não governamental e por se ter revelado de uma extrema importância para o lançamento de uma plataforma mundial que reunirá periodicamente nos próximos três anos. O próximo fórum será organizado já no próximo ano no Rio de Janeiro, em 2005 em Turim e em 2007 na África do Sul. O objectivo deste périplo intercontinental é o de abranger uma área planetária suficientemente vasta de forma a representar países e contextos diversos.

Qual é o balanço possível da actuação das organizações não governamentais na área da educação ambiental?

A maior dificuldade sentida hoje pelas ONG's situa-se ao nível da comunicação e da troca de informa-

ção. Este congresso mundial serviu precisamente para se fazer um balanço das actividades que decorrem a nível mundial, uma espécie de levantamento que permitisse conhecer as estratégias que estão a ser desenvolvidas, que género de ONG's trabalham nesta área, quantas são e por que áreas geográficas se distribuem, etc... E nesse aspecto ficou patente que há diferenças substanciais, não só ao nível do número como das estratégias aplicadas.

Há continentes onde, face a determinadas contingências económicas e políticas, as estratégias incidem mais sobre os recursos e só agora se estão a lançar as primeiras campanhas de sensibilização, a levantar as questões, ao passo que outros estão claramente mais avançados, têm uma intervenção transversal, incidindo mais sobre aspectos educativos e culturais, e já se está inclusivamente a caminhar para a resolução de certos problemas. Este encontro teve a enorme vantagem de confrontar essas diferentes experiências e concluir que é necessário concertar estratégias a nível mundial.

Tal como referi, uma das principais críticas dos participantes prende-se com o facto de não haver uma estrutura mundial que coordene toda esta informação. Para isso, foi criado um órgão não governamental permanente que possa abordar esta questão a nível mundial, criando uma rede entre cientistas, educadores, decisores políticos, técnicos e outros agentes envolvidos. Está também na forja a constituição de uma sociedade mundial de educação ambiental que sirva de articulação das diferentes estratégias a nível mundial. Pretende-se que aquilo que se faz no continente americano, por exemplo, tenha a mesma matriz daquilo que se faz na Europa e na Ásia, de forma que nos próximos encontros seja possível confrontar os resultados e chegar a conclusões mais eficazes do ponto de vista prático.

E em Portugal, o que está ser feito?

Pensamos que é fundamental lançar a educação ambiental como um desígnio do país. Para isso, é indispensável o apoio do governo e do tecido empresarial, pelo que procuramos criar uma plataforma de concertação a nível nacional que incluisse representantes destes poderes.

Nesse sentido convidamos a Secretaria de Estado do Ambiente, que se fez representar pelo seu chefe de gabinete, tendo ficado agendada

uma reunião que permitirá concertar posições e partir para medidas mais concretas. Além disso, dois dos mais importantes representantes das associações comerciais e empresariais portuguesas, Belmiro de Azevedo e Valente de Oliveira, estiveram também presentes no encontro e mostraram-se receptivos à ideia. Para nós foi muito importante porque, como se deverá compreender, não é possível deixar os empresários e os industriais fora desta discussão.

O ministério da educação também esteve representado?

Não, os seus responsáveis alegaram dificuldade de agenda.

Sabendo que o sistema educativo pode ser um dos pilares da educação ambiental, é um contra senso...

Sim, de certa maneira...

E nas escolas portuguesas, que balanço pode ser feito?

No nosso país a educação ambiental ainda não é tida como uma área nobre. É um campo ainda muito recente e o que se vai fazendo poderá caracterizar-se, quanto muito, por sensibilização ambiental, o que é muito diferente de educação ambiental. Aliás, achamos que em Portugal está a ser feito e a ser investido muito pouco neste domínio. É necessário termos consciência de que a educação ambiental é uma atitude permanente e não um conjunto de actividades esporádicas e descoordenadas para nos deixarem com a consciência tranquila. É necessário perceber que a sociedade está em permanente transformação e que os princípios da educação ambiental devem ser abordados de raiz e coexistir no mesmo plano dos princípios culturais, religiosos ou éticos.

Qual poderá ser a estratégia e de que forma pode a escola contribuir para ela?

Acima de tudo é necessário abordar a educação ambiental de uma perspectiva transversal. Não queremos transformá-la numa disciplina. Ela deve ser um valor educativo, cultural, e como tal é necessário que as pessoas estejam informadas.

Mas para isso é necessário dar uma nova dimensão à formação inicial dos professores...

Sobretudo é preciso incrementar a reciclagem profissional e promovê-la através de acções de formação contínua, de forma que a educação am-

biental possa ser abordada no plano curricular - em história, como em geografia, ciências naturais ou português, e não limitá-la à biologia como hoje acontece - e extra-curricular..

Mas de que forma aplicar na prática essa transversalidade?

Potencializando os espaços curriculares e extra-curriculares que já estão previstos, como a área de projecto, por exemplo. Apesar de ainda não ter olhado atentamente para esta nova reforma curricular, esses espaços estão já definidos na anterior moldura organizacional, só que não se concretizam. O programa curricular prevê três tipos de formação - a formação individual dos alunos, a formação técnica e a formação cívica -, mas não estão a ser levadas à prática porque a escola centra-se quase exclusivamente no segundo objectivo, ou seja, na transmissão de conhecimentos. Mas ela não se pode resumir a essa dimensão.

Sente que os professores portugueses se interessam por esta área ou continuam a achar que ela é da exclusiva responsabilidade dos ambientalistas?

Sim, de certa maneira continuam a achar que esta é uma responsabilidade dos ambientalistas e torna-se urgente mudar essa mentalidade. E para isso é necessário actuar a diversos níveis: é preciso que os mais novos tomem contacto com esta realidade mais cedo, é preciso reciclar e dar formação aos professores e é necessário que a própria sociedade entenda as transformações que estão a ocorrer. E isto não é uma utopia. A prova transparece em algumas experiências de outros países, nomeadamente europeus, onde a abordagem a nível curricular é completamente distinta da nossa.

Conhece algum projecto que deva ser destacado neste âmbito?

Até há pouco tempo existia o projecto Ciência Viva, mas neste momento o programa está cancelado e isso deixa-nos preocupados, porque por muito pequeno que fosse as escolas trabalhavam a ciência - e a educação ambiental deve ser entendida como uma ciência. Agora vai haver mais dificuldade para pôr as crianças e os jovens a trabalhar nesta área. Neste momento estamos à espera da iniciativa do governo, já que um novo plano foi apresentado há cerca de um ano mas ainda não entrou em funcionamento.

praça
da república

FACE a face

Entrevista
conduzida por
Ricardo Jorge Costa



APESAR DA OPOSIÇÃO DE PROFESSORES, ESCOLAS, UNIVERSIDADES, SINDICATOS, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, ASSOCIAÇÕES PEDAGÓGICAS, AUTARQUIAS E ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS, O MINISTRO DA EDUCAÇÃO DECIDIU ACABAR COM O CURSO TECNOLÓGICO DE MECÂNICA.



adriano rangel - isto é

David Justino, ministro da Educação, tal como prematura e irreflectidamente anunciara, decidiu acabar com o curso tecnológico de Mecânica, pese o facto desta medida ter sido amplamente contestada por escolas, por professores, por Sindicatos, pelo Conselho Nacional de Educação, por associações de encarregados de educação, por associações empresariais, por autarquias, pelos Departamentos de Engenharia Mecânica das Universidades de Coimbra, Técnica de Lisboa e do Porto e por muitos cidadãos anónimos. Dificilmente se encontrará matéria relativa à Reforma do Ensino Secundário alvo de tão veemente e consensual protesto, o que, à partida, facilitava a escolha do caminho a seguir. Mas, infelizmente, a decisão do Sr. Ministro já há muito havia sido tomada.

A frase “o mais cego não é aquele que não vê, mas aquele que não quer ver”, nunca pareceu tão adequada.

Uma série de perguntas se impõe:

Para que serviu o período de discussão pública do Projecto de Reforma?

Que confiança se pode ter nos nossos políticos, quando estes fazem tábua rasa de opiniões legítimas e avalizadas, responsabilmente expressas por uma maioria representativa dos seus interlocutores?

Que esperança se pode ter num país que, objectivamente, decide pelo não investimento na formação e na educação dos seus jovens?

Como se pode pretender INOVAR, investir no futuro e no desenvolvimento, quando não se aposta na formação de técnicos com competências nos domínios da concepção de produtos e de processos e que, simultaneamente, sejam capazes de reflectir sobre as implicações humanas do trabalho que realizam?

Como se pode continuar a defender que, relativamente à Mecânica (e quase só para esta), a formação profissional pode substituir o papel atribuído aos cursos tecnológicos?

Como se pode esquecer que o público-alvo do ensino profissional não é o mesmo do que pretende enveredar pelo ensino secundário regular?

Como pode alguém responsável desconhecer ou ignorar a importância atribuída à área da Mecânica, sendo esta estruturante?

Como pode alguém ultrapassar a mágoa desta perda irreparável, mil vezes repetida, de consequências profundamente nefastas, quando, através da medida anunciada, se hipoteca o futuro do desenvolvimento técnico e tecnológico do país?

Tal como acontece para qualquer modalidade desportiva, em que a formação do maior número de praticantes é fundamental para o seu desenvolvimento, porque por essa via se garante a qualidade e a quantidade das equipas que se vierem a formar, o forte investimento numa formação qualificada dos jovens garante a existência de um maior número de técnicos de qualidade aos mais variados níveis e, conseqüentemente, de empresas cada vez mais modernas e mais fortemente motivadas para uma permanente evolução e inovação.

Lamenta-se que o Senhor Ministro da Educação não compreenda, ou não tenha querido compreender, o que muitos lhe tentaram explicar e que um Governo maioritariamente eleito continue a apoiar este tipo de decisões, baseadas, única e exclusivamente, numa política “cega” de redução de despesas, sem olhar às implicações, a médio e a longo prazos, que as mesmas certamente acabarão por originar. Quando se anuncia uma reforma e em lugar de se limitarem a realçar as suas virtualidades intrínsecas e específicas, se dá relevo à comparação entre o seu custo e o custo de uma outra anterior, precipitadamente rejeitada, fundamentalmente porque não era sua, só pode ser legítimo pensar-se que os objectivos preconizados não são de cariz educacional/formativo, mas essencialmente económicos.

Provavelmente é por isto que já alguém dizia, com razão, que “se não é possível comprar um Mercedes, compra-se um Fiat 600”, passe a publicidade e a linguagem automobilística.

Ainda é tempo de se corrigir o erro (grosseiro) que está prestes a ser cometido. Portugal e o futuro dos portugueses exigem a inclusão da Mecânica na lista de cursos tecnológicos propostos para o ensino secundário!

OPINIÃO

Domingos Augusto
da Silva Dias
P.O.N.D. da Escola
Secundária de Emídio
Navarro – Almada

ACTUALMENTE, O INTERESSE DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO PELA VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PRÉVIO DO ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM VEM GANHANDO CADA VEZ MAIS ESPAÇO E, NESTE SENTIDO, A ETNOBIOLOGIA, ENQUANTO CAMPO DE PESQUISA QUE BUSCA EVIDENCIAR OS CONHECIMENTOS DAS DIFERENTES SOCIEDADES E SUAS CULTURAS A RESPEITO DA NATUREZA, MUITO TEM A CONTRIBUIR PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA.



adriano rangel - isto é

Considerando que no momento da aprendizagem escolar o aluno traz consigo um conjunto de informações a respeito da natureza e seus componentes, somente quando é desafiado a questionar e refletir sobre sua própria realidade e conhecimentos que a envolvem, de modo a comparar os conceitos científicos com os que já possui, advindos da tradição de sua cultura, estará partindo para uma aprendizagem significativa. Isto porque não se pode entender cientificamente a natureza de forma separada das interpretações e conceituações que as sociedades humanas dela possuem. A sociedade é resultado de toda ação e intenção humana e sendo assim, não há forma de descrever os significados naturais distanciando-os das sociedades humanas.

Assim, não se pode pensar no ensino de Ciências e Biologia de maneira apenas acadêmica, não levando em conta as necessidades e conhecimentos prévios do aluno, além de seus interesses e curiosidades, uma vez que acredita-se nestas como construções do saber científico, que jamais estará voltado para a transmissão de informações pré-determinadas, como as que acompanham os métodos de ensino atuais.

Neste sentido, poucos são os professores que buscam conhecer e valorizar os pensamentos e ações dos alunos para que possam construir seus próprios métodos de ensino. As técnicas mais utilizadas resumem-se à aula expositiva e à leitura de livros didáticos sem que haja nenhum, ou pouco questionamento a respeito de seus conteúdos. Desta forma, a aprendizagem acontece apenas para cumprir as denominadas "avaliações finais", ou seja, aquelas que acontecem objetivando uma determinada média para o aluno ser considerado "aprovado" ou "reprovado".

**NESTE SENTIDO, poucos são os professores
que buscam conhecer e valorizar os pensamentos e ações
dos alunos para que possam construir seus próprios métodos de ensino.**

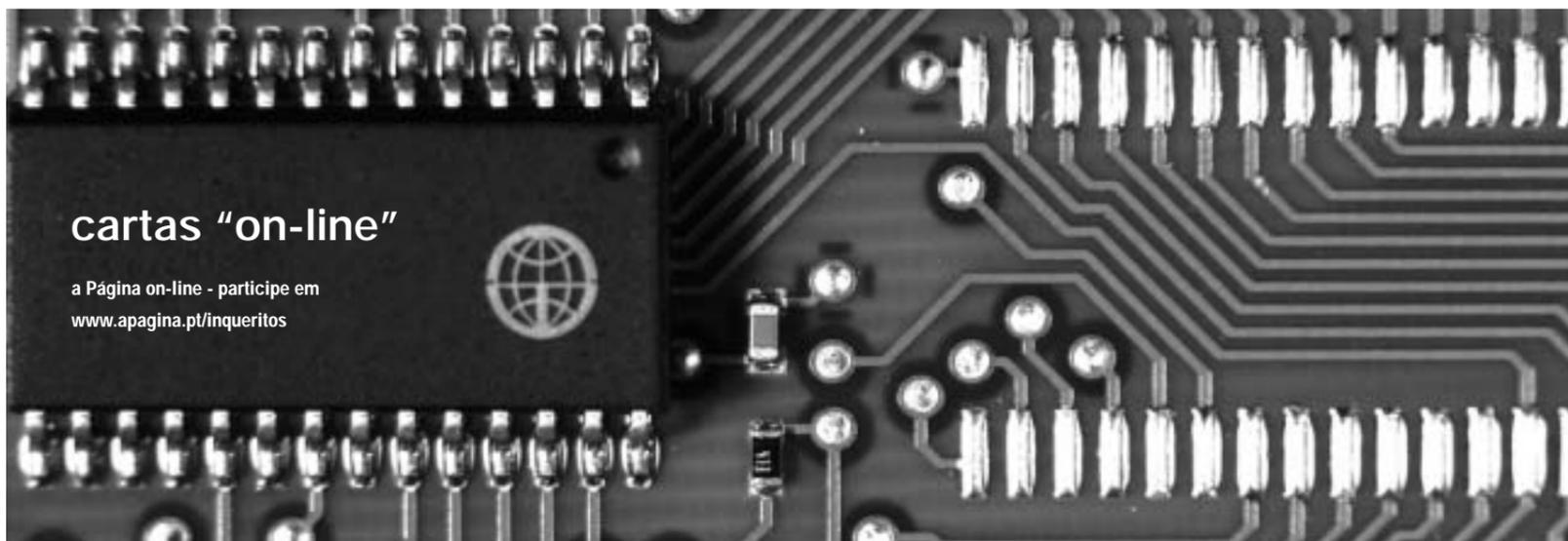
É fato conhecido que o homem, enquanto espécie, possui diferentes formas de "perceber" e "conceber" a natureza e que, para ele, observar é uma atitude natural, dependendo de sua história pessoal e do contexto cultural. Destarte, não se poderia impor um modelo de conhecimento como algo acabado e que não sofre interferências no momento da aprendizagem escolar. Neste contexto, a utilização de métodos que valorizem o conhecimento prévio

do homem a respeito da natureza, como os que são aplicados aos estudos Etnobiológicos a partir das técnicas etnográficas, não significa abandonar o valor científico do ensino de Ciências Biológicas por uma ciência empírica, ao contrário, signi-

fica articulá-los no momento ensino-aprendizagem. É extremamente útil para "descobrir" aspectos novos, pois à medida em que o aluno acompanha in loco as experiências diárias vivenciadas, não só por ele como também por seus colegas, pode entender a sua própria visão de mundo e o significado que atribui à realidade bem como à diversidade cultural existente, além do fato de que superam-se dificuldades encontradas, tais como a falta de recursos didáticos por trabalhar basicamente com elementos naturais. Isto certamente contribui para a melhoria da qualidade de ensino e a formação de cidadãos mais críticos e éticos. Contudo, é extremamente importante que o professor ao aplicá-lo tenha o cuidado de não impor inadequadamente suas próprias idéias e categorias culturais aos seus alunos, tais como a descrença e ou a supervalorização das suas informações e concepções. É necessário um intercâmbio em que os conhecimentos científicos se articulem aos que são considerados comuns aos alunos, de suas diferentes culturas, rompendo-se estruturas e relações de poder.

OPINIÃO

Geilsa Costa
Santos Baptista
UEFS-Bahia-Brasil



© Isto é

1. A sua situação de vida e de trabalho, no último ano:

- melhorou
- piorou
- está igual

Estou na pior!

Hoje tenho razões para dizer que a minha situação piorou a partir do maldito dia em que o actual governo tomou posse. Desde aí o país foi a pique. Desde que Durão Barroso tomou conta do barco este não deixou de meter água. Não tive aumento de salário e o custo de vida não pára de subir.

Para além do aumento das dificuldades económicas também o país está um marasmo. Isto só tem semelhanças com o ambiente de um funeral.

Estava a um ano de me poder reformar. Agora com as medidas de excelência deste governo só o poderei fazer quatro anos depois. Entretanto não sei se sabem mas o governo não alterou nada quanto aos direitos privilegiados da sua própria reforma. Tudo para eles nada para o povinho. É uma tristeza.

Manuel Sá

Emprego, precisa-se

O clima está péssimo. Acabei uma licenciatura, em comunicação social, em Julho do ano passado e não encontro trabalho. Já me ofereci para estagiar de graça e nada.

Se alguém souber de alguma coisa diga.

Estou farta.

Sandra

2. Qual a classe profissional mais competente?

- juizes
- médicos
- professores
- deputados

Venha o diabo e escolha

Dos profissionais referidos no inquérito venha o diabo e escolha. Existem queixas em relação a todos eles. No entanto parece que ainda são os médicos os que apresentam, na sua globalidade, maiores pro-

gressos. Se a medicina tem progredido então é provável que isso se deva aos seus profissionais.

A justiça em Portugal parece do tempo dos australopitecos. Mostra uma tremenda dificuldade em evoluir. Também parece que os juizes estão muito isolados uns em relação aos outros. Cada um na sua toca. Dá também a impressão que eles estão "apanhados" pela papelada e não têm tempo para pensar no trabalho que fazem. Estão muito atrasadinhos.

Os professores em vez de melhorarem pioraram. Estou convencida que os novos professores estão muito mal preparados. Além da má preparação profissional têm falta de formação cultural. Os professores hoje não têm mais formação do que tinham os escriturários e as escriturárias há 20 anos. Os cursos baixaram o nível até ao impossível. Por isso a tendência é para piorar. Quando se reformarem os poucos professores que ainda sabem alguma coisa então a desgraça vai ser total.

Quanto aos deputados nem vale a pena falar. A maior parte são uns marretas. Os jovens deputados conseguem ser piores que os mais velhos. Ambiciosos, parvos, chicos-espertos, burros convencidos... Estamos muito mal servidos graças a Deus! E a burrice corre os partidos todos. Salvam-se os pequenitos – o Bloco e os Verdes – porque são só dois ou três e lá se vão safando um bocadinho melhor. Nos outros partidos salva-se um ou outro em cada partido. O resto até faz pena.

Andreia Gomes

Médicos mas do público

Dos enumerados escolho os médicos. Mas quero fazer um reparo. Já fui tratado por médicos no sector privado e no sector público. Preferi o atendimento no sector público. No privado espera-se mais para se ser atendido e o atendimento é claramente comercial. Os meios de diagnóstico disponíveis são inferiores no privado.

Ao votar aqui estou a pensar, e a dar valor, ao sector público.

João Pedro

3. As escolas portuguesas são:

- muito boas
- boas
- más
- muito más

É preciso equipamento

As escolas portuguesas precisam de ser melhor equipadas. Em muitas delas o equipamento necessário não é tanto o tradicional material pedagógico mas o destinado a outras actividades educativas e de lazer.

O que a maior parte das escolas precisa é de instalações que não sejam só destinadas às aulas. São precisas melhores bibliotecas que permitam o trabalho individual e também o trabalho em grupo. É preciso espaço destinada à ocupação dos alunos quando não estão em aulas. Devia haver, por exemplo, salas para audição de música. A escola devia estar organizada de modo a que os alunos se pudessem acomodar por espaços com ofertas de ocupação diversificadas. Isso permitiria maior calma e criaria um clima mais propício à aprendizagem. Espaço e tempo de lazer, precisa-se.

Miguel P. Barros

Indisciplina

Degradou-se muito o ambiente nas escolas. A relação dos alunos com os professores é tumultuosa e raia a falta de respeito.

A maior parte dos alunos não está na escola para estudar. Está lá para galhofar.

Se este problema não for encarado de frente a escola portuguesa degrada-se completamente.

Henrique Mendes

É preciso investir mais e melhor

O ensino em Portugal tem de ser mais experimental e mais prático. Saber fazer deve ser um objectivo fundamental de todas as disciplinas. Por isso é preciso diminuir o número de alunos por turma e equipar melhor as escolas.

O ensino mais prático não se compadece com turmas enormes. Também a falta de disciplina de mui-

tos alunos só se pode controlar em turmas mais pequenas.

As disciplinas da área das ciências precisam de laboratórios. As disciplinas de línguas precisam de laboratórios de línguas. A matemática precisa de computadores que permitam tornar o ensino da matemática mais prático.

É preciso investir e não vejo que o governo esteja nessa onda.

Lisete Guimarães

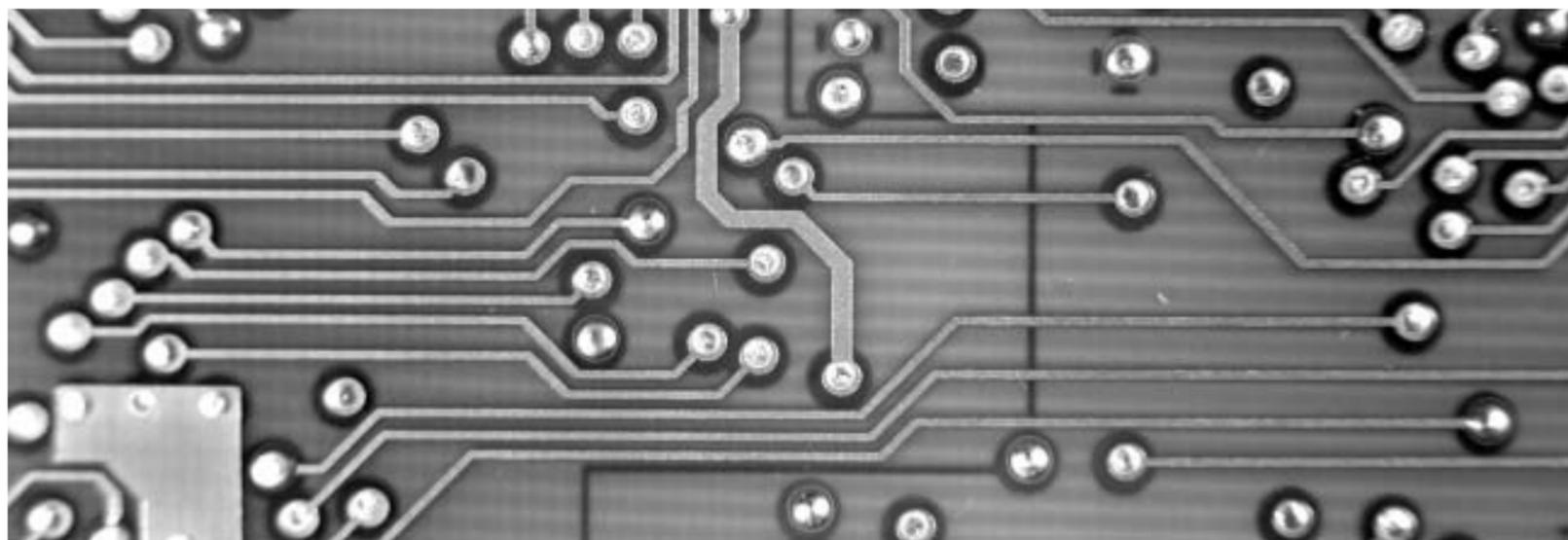
4. Como Primeiro Ministro, Durão Barroso é:

- muito competente
- competente
- incompetente
- muito incompetente

Dr. Durão Barroso

Penso ser bastante difícil nas circunstâncias actuais gerir o nosso país, tendo em conta a crise existente em todo o mundo. Não penso também que o Partido Socialista tenha deixado em boas condições o estado geral das instituições de Portugal. Aliás, durante os últimos anos, a única coisa em que se passou a pensar foi em arranjar empregos bem pagos a qualquer custo. A qualidade, a transparência e a honestidade desapareceu. Depois do 25 de Abril, penso que os portugueses, em vez de quererem realmente evoluir, optaram por consumir desenfreadamente, vivendo apenas e só para as aparências.

O Dr. Durão Barroso (não sou filiada em nenhum partido) debate-se num país quase arruinado, um país onde todos os pretextos são poucos para se fugir ao trabalho, e o pouco que se pratica não é de qualidade. Como faria cada um de nós para gerir neste momento? Melhor que ele? Parece-me uma pessoa séria e honesta, mas não faz milagres. Além disso, se cada um de nós se preocupasse minimamente em AJUDAR de facto o nosso país, certamente tudo iria melhorar. A responsabilidade está em todos nós. Por isso acho que até ao momento, enfrentando as circunstâncias ac-



tuais o Dr. Durão Barroso tem feito o que pode. Melhor, só quando, em vez de nos ocuparmos a dizer mal de tudo e a criticar, resolvermos analisar e querer realmente fazer a nossa parte.

Maria Duarte

Re: Dr. Durão Barroso

Cara amiga

Não seja ingénua. Não se deixe arrastar pelo discurso dominante. Pense por si mesma. Compare o que era (já tinha nascido?) Portugal há 30 anos e o que é hoje. Quem fez o país dar o salto que deu? Não foi o trabalho dos portugueses? Tudo o que se construiu caiu do Céu aos trambolhões? Você já entrou numa fábrica? Já viu portugueses e portuguesas a trabalhar nas fábricas? Sabe quantas horas por dia esses trabalhadores e trabalhadoras fazem de trabalho? Sabe quanto ganham por esse trabalho? Sabe o que são horários de 48 horas semanais? Sabe qual o número de trabalhadores portugueses que ganham (líquido) apenas o salário mínimo nacional? Já observou homens e mulheres portuguesas a trabalhar na agricultura? Você trabalha mais que eles e que elas? Os idiotas que lhe metem estas palermi-

ces de "os portugueses não trabalham" será que trabalham mais do que a maioria esmagadora dos portugueses? Já foi a um café? A um restaurante em hora de ponta? Os empregados estão lá a vadiar? Anda tudo na vadiagem? Sabe quantas consultas dá um médico num hospital público? Sabe quantos processos despacha um juiz em Portugal? Já teve a curiosidade de observar os trabalhadores nas obras? Trabalham pouco? Quer experimentar fazer o trabalho deles?

Nos últimos anos andámos todos a preguiçar? O país estava pior o ano passado do que 6 anos antes? Pior em quê? Apresente dados. Na produtividade? O déficit era maior do que 6 anos antes? A produtividade era menor? O insucesso escolar era maior? Aprendia-se menos? A investigação científica era pior? As empresas tinham menos lucros? Havia mais desemprego? Exportávamos menos? Compare os dados de 1996 com os de 2002. É para isso que servem os dados existentes.

Não faço mais perguntas por falta de espaço. Veja se abre os olhos e se é honesta para consigo mesma.

O actual governo fez uma boa campanha de propaganda quando

assumiu o governo. Foi a única coisa eficiente que fez. Você é também produto disso. O resto está à vista. Quer mais asneira? Eu não posso remediar a ignorância de quem nos governa. Não posso corrigir os disparates que eles fazem. Quem está a levar o país ao fundo não sou eu nem você, são eles.

João Tadeu

Durão e Companhia

O problema é que a incompetência não atinge só o Durão Barroso. A tragédia é que atinge o governo por inteiro. Com estes não vamos longe.

Jorge

Muito Competente

Boas tardes,

competente... é um adjectivo pouco rigoroso.

O Sr. Manuel é muito competente... diria mais, é fantasticamente competente...

já viram alguma vez um Ministro tão eficaz ao serviço dos interesses da Banca, dos Seguros e da Alta finança?

Eu não...

Continuemos assim que vamos no bom caminho...

João Paulo Silva

O governo que merecemos?

Neste país cada vez mais de direita e provinciano, os comentários feitos pelos defensores dos partidos do poder fazem cada vez mais lembrar o antigo regime. Para os ministros de Salazar e Caetano, a contestação e a crítica eram um defeito a eliminar (o que eles fizeram servindo-se para isso da mais dura repressão), convivendo muito mal com a diferença e a oposição (que ilegalizaram para todos os efeitos).

Não percebem estes senhores e senhoras de hoje, que criticar e contestar não é destruir mas sim construir, ajudar a progredir. Tristes mentalidades que consideram ter pontos de vista diferentes e poder expô-los é impedir que "as coisas se façam". Numa Europa do século XXI, isso é indiciador do nosso atraso e da falta que faz um governo que considere a educação como um investimento e não uma despesa.

Por vezes apetece-me mesmo deixar de "dizer mal" e concluir que temos o governo que merecemos, um governo que reflecte bem o país da Europa com os maiores índices de analfabetismo, de iliteracia, de falta de cultura e de civismo, enfim, um governo à medida deste país provinciano, onde abunda a estultícia dos defensores do pensamento único.

Paulo Frederico Gonçalves

inquérito/página "on-line"

A sua situação de vida e de trabalho, no último ano:

melhorou
02%

piorou
66%

está igual
31%

Qual a classe profissional mais competente?

juizes
17%

médicos
31%

professores
50%

deputados
0%

As escolas portuguesas são:

muito boas
00%

boas
45%

más
54%

muito más
0%

Como Primeiro Ministro Durão Barroso é:

muito competente
03%

competente
10%

incompetente
56%

muito incompetente
29%

Total de Respostas 412

Total de Respostas 417

Total de Respostas 433

Total de Respostas 411

CARTAS dos
leitores



joana neves - isto é

O desrespeito pelo discurso académico

Lamentava, há tempos, no "Jornal de Letras", um prestigiado professor universitário e igualmente conceituado ensaísta e crítico literário a existência, em Portugal, de "uma desconfiança pertinaz em relação a estudos literários de proveniência académica", enquanto não se poupavam encómios a textos "engenhosos e de fugaz fosforescência, (...) onde não raro abunda em devaneio e mesmo em improvisação o que falta em rigor, informação e verdadeira penetração hermenêutica."

E mais lamentável ainda, quando se sabia que "aqueles que deveriam ser os primeiros e mais empenhados interessados na matéria – os escritores cujas obras são objecto de análise demorada, fundamentada e rigorosa – são, não raro, os primeiros a depreciar contributos que mereceriam maior respeito e outra sorte, que não o distraído descaso a que muitos votam trabalhos sérios e longamente reflectidos."

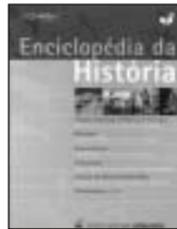
Não suscitando qualquer dúvida a pertinência destas considerações, só faltaria saber se o facto apontado deve ser compreendido apenas por ocorrer "num país de gente preguiçosa", para quem "é mais fácil e mais expedito alinhar difusas impressões pessoais sobre uma obra, um autor, uma corrente literária ou um episódio sociocultural, do que ler intensivamente textos, confrontar posições críticas, convocar referências bibliográficas e avançar inovadoramente por terrenos ainda não desbravados" – ou também porque o que deveria ser um sério e conspícuo trabalho académico não raro se afasta daqueles exigentes pressupostos, que são os da descoberta e da inovação, em favor de "um saber cada vez mais do menos", como diria Agostinho da Silva, no jeito "iconoclástico" que lhe é reconhecido, para distinguir que nem sempre o discurso académico (claustral) é um discurso universitário (cosmopolita).

Por outro lado, nem a "oficina" ou o "claustro" onde se operam os estudos literários são imunes às "leis" gerais do menor esforço e da mistificação que vigoram em Portugal e em todo o "sítio" onde a aurea mediocritas cunha as aspirações humanas.

Em tempos de ânsia de sucesso e feroz competitividade, seja na Universidade, seja em qualquer outro lugar onde se procura um título ou um pata-mar para conseguir uma carreira ou ganhar um protagonismo, até a ciência foi inquinada pela habilidade, o labor da investigação cedeu à recolecção das citações de terceiros, a limpidez do pensamento depurado foi mascarada com a opacidade do discurso iniciático, tantas vezes para cobrir a pobreza da reflexão com ouropéis linguísticos e a falta de sabedoria com fosforescências de erudição; a originalidade foi preterida pela quantidade (cada tese pressupõe determinado número de páginas) e o "avanço inovador por terrenos ainda não desbravados" foi substituído pela mais ou menos artificiosa repetição de "descobertas" há muito já realizadas.

Não é esta uma regra geral, bem entendido. Mas se as excepções não são tantas ou tão visíveis como seria desejável, então a culpa pode ser da "oficina", que não torna atraente o "produto" que fabrica, ou do "claustro", que se satisfaz com a "horta" que cultiva para consumo próprio – ambos, afinal, responsáveis pela desatenção dos que não são fiéis da mesma igreja ou irmãos da mesma confraria.

Se tudo isto também serve para explicar a facilidade com que se entronam e destronam os ídolos e a omissão dos que, por vezes injustamente ignorados, nunca o chegaram a ser, teremos de nos render à paráfrase daquela "máxima" banalizada de que os países têm as (in)gratidões que merecem...



Enciclopédia da História
Porto Editora Multimedia
2 cd Roms

Facilitar e promover o contacto com a História é o principal objectivo desta aplicação multimedia que, de uma forma simples mas abrangente, apresenta milhares de artigos sobre os principais acontecimentos e personalidades da História de Portugal e do mundo.



Tornar visível o quotidiano
Teoria e prática de avaliação qualitativa das escolas
Miguel Angel Santos Guerra
Edições Asa
pp.224

Com esta obra pretende-se levar ao conhecimento do leitor os pressupostos teóricos e as estratégias metodológicas que fazem do processo avaliativo uma rigorosa investigação. A finalidade é compreender em profundidade a natureza dos discursos, relações e práticas da escola, tomar decisões que a melhorem, alentar e desenvolver a profissionalidade dos docentes e gerar teorias que expliquem e interpretem a realidade escolar.



Transversalidade da língua portuguesa
Lidia Maria Valadares
Edições Asa
pp. 80

Recentemente têm vindo a aparecer diversas obras que visam a aquisição de competências, quer colocando a ênfase nas estratégias de aprendizagem quer relevando as metodologias mais apropriadas ao 'ensino' das competências. A abordagem que aqui se faz pretende responder a outro desafio: quer aproximar os discursos oficiais dos programas das diversas disciplinas que compõem o currículo formal do 2º ciclo do Ensino Básico português, usando para tal o vector (mais do que veículo e mais do que instrumento) da língua com que cada disciplina se deixa apreender.

Oficinas de escrita
Modos de usar
António José Leite Vilas-Boas
Edições Asa
pp. 112



Universo amarrotado
Sentidos e segredos do universo
Jean-Pierre Luminet
Edições Piaget
pp.364

Especialista em buracos negros e no big bang, o autor levanta a viajar em surpreendentes "corredores do espaço-tempo" onde topologias do universo, explorações do infinito e miragens cósmicas se conjugam para desencaminhar os nossos sentidos. Anedotas divertidas e espantosas revelações históricas recheiam um percurso muito visual (quase uma centena de figuras e ilustrações).



Compreender as emoções
Keith Oatley
Jennifer M. Jenkins
Edições Piaget
pp.513

Não existe, no mercado, um livro como este. Aprofunda os problemas mais do que qualquer livro introdutório sobre as emoções, primando pela ausência de superficialidade da maior parte dos textos deste tipo. Compreender as emoções foi concebido como um manual para os cursos universitários e o próprio texto está amplamente apoiado por introduções e resumos, sugestões para leituras adicionais, uma bibliografia compreensiva, bem como índices e um glossário.

A produção de conhecimento para a acção
Argumentos contra o racismo da inteligência
Jean Pierre Darré
Edições Piaget
pp. 268

O Valor das palavras
Falar, ler e escrever nas aulas
Carlos Lomas
Edições Asa
pp. 320

Lembrança de PESSOA

nos 115 anos do seu nascimento
(13.Junho.1888-13.Junho.2003)

É verdade, hoje, lembrei-me de ti, meu caro Pessoa. Há instantes na vida em que um homem se lembra de outro homem, um amigo nos recorda outro amigo, uma criança nos evoca outro mundo de crianças. E tudo se cruza pelos labirintos antigos de infância, nesse mistério de ser quase-quase a imagem fugidia da realidade-ela-própria que se reinventa pelos sinais que chegam de longe. Lembrei-me de ti, na pele, na voz e no sangue do teu irmão visceral que é Álvaro de Campos, engenheiro naval educado na Inglaterra e diplomado em Glasgow ou ainda na memória destes versos de teu primo Ricardo Reis:

*Ninguém a outro ama, se não que ama
O que de si há nele, ou é suposto.*

E chego a pensar que, se fosses um pouco mais velho e estivesses ainda vivo, poderíamos ir ao “Martinho da Arcada” tomar um bagacinho, por entre dois dedos de conversa de que tanto gostavas e eu gosto. Ou ainda, se eu tivesse vivido na mesma época, nesses anos 20 de agitadas convulsões e reviravoltas, já depois do fogo cruzado de Orpheu, a que na aparência te mostraste indiferente (e fizeste bem, claro), escrevesse como tu algumas cartas paradoxais e assustadoras aos amigos, brincasse com as tuas descobertas “paúlicas” ou “sensacionistas” ou me solidarizasse com a tua inconfundível voz de Poeta descobridor de outros mundos e vidas, perdido nesta Lisboa que pouco te ajudou e não te fez conhecer melhores recordações dos passos e passeios dentro da cidade onde correram as águas do rio e do cais deste Tejo pela “saúde de pedra” que de ti para sempre ficou. Sei como foste inventor de novas linguagens, como soubeste criar o mundo à tua imagem e semelhança, e de tudo assim projectaste em redor os sinais desse tempo estreito, provinciano e triste. Por aí navegaste em labirintos obscuros cujas sombras interminavelmente se ligam a esse círculo astral que não tem ponta por onde se lhe pegue. Enfim, meu caro Pessoa, nesta cidade luzidia e cheia de gente, o castelo ao alto, nas lutas e conseiras cruzadas e sonhadas pela baixa pombalina por onde andaram os teus passos em horas errantes de Poeta sonhador, entre a “Brasileira” do Chiado e as ruas da Conceição ou dos Douradores, foi bom reencontrar-te ao virar da esquina da rua da Prata, no rosto calado e alegre de uma miúda feliz no chocolate que devorava em hora de almoço, pequena de cara suja e besuntada, agarrada à saia de sua mãe. E, quase sem disso me aperceber, pela voz que soava dentro de mim, comecei a dizer os teus versos que sei de cor:

*Come chocolates, pequena,
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo se não chocolates.*

*Olha que as religiões todas não ensinam
mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudera eu comer chocolates com a
mesma vontade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de
prata, que é folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho
deitado a vida.*

Mas a descuidada criança não me ouviu, não quis saber da voz que por dentro me falava, demasiado entretida estava com o chocolate comido à pressa para se não derreter nos dedos gulosos dos seus cinco anos, “uma criança feliz”, pensei, “sobretudo feliz no acto simples de comer um chocolate”. Eu sei.

E de súbito me fez recordar a criança triste que sempre fui, sem chocolates nem confeitaria ao pé da porta, nesse longínquo mistério que permanece nas ruas da minha infância. Mas sei fingir, claro, esqueci o que me ia na alma no instante de me rever nessa pequenita de cara suja pelo chocolate devorado num abrir/fechar de olhos. E, fingindo que a alegria ou a dor dos outros se não compara com a minha (sempre mais dolente e pior), de ti me recordo ainda no começo desta manhã primaveril em que te evoco:

*Grande é a poesia, a bondade e as
danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar e o Sol que peca
Só quando, em vez de criar, seca.*

E sei como sofreste, sorríste, disfarçaste, inventaste um mundo que de perto te fez conhecer bem os segredos e labirintos da cidade: disseste sempre o que te apeteceu dizer, na metafísica dos chocolates, no Esteves da tabacaria, no Chevrolet emprestado pela estrada de Sintra e até nas poucas cartas de amor ridículas. E por entre os dissabores sofridos, na solidão povoada de escárnios e desfeitas ironias, nos passos perdidos desse itinerário em que hoje te redescobrem não como rei e antes príncipe da nossa (triste) Baviera, deixaste “aviso público” dessa dor de alma que se espelha na quadra que de ti toda a gente repete mesmo quando não entra a tempo nem a propósito:

*O poeta é um fingidor,
Finge tão completamente,
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

Soubeste como poucos dar a dimensão precisa do sofrimento do poeta, da sua mundividência complexa, da sua multiforme diversidade. Só tu soubeste, como raros poetas, recriar esse mundo que tão próximo ficou dessa tua personalidade difícil de entender, disfarçada como génio nos heterónimos que serviram para “explicar”(não explicando) as tuas variadas multiplicações pessoais. Nascestes e viveste poeta - poeta-cantor do tempo, do

amor, da ironia, da angústia, do desespero, da lucidez, do desassossego, enfim, sempre Poeta. E hoje, meu bom Pessoa, o reino dos teus leitores alargase, aumenta em proporções quase desmedidas, por quererem ver reflectida nos teus versos a imagem que neles se espelha da sua própria tristeza, angústia ou alegria. E apesar de muitos serem ainda os textos que se guardam na celebrada arca que parece não ter fundo, onde enfiaste o mundo todo que carregaste nas costas em anos de atropelos e aflições, ainda te desvendias inteiro e grandioso em inovador e despudorado talento pelo sensível mundo da poesia. A tua voz solta-se nos ventos do tempo e em quadrantes longínquos, povoa outras solidões que, em língua diferente da nossa (“a minha pátria é a língua portuguesa”), continuam a entender o mundo fingido e verdadeiro da tua condição de Poeta. Foste e continuas poeta, mesmo depois de tantos anos passos sobre a tua morte física: faz sempre anos que nascestes ou morreste em qualquer ano que passa. E tiveste melhor sorte do que outros companheiros de geração, de quem se fala menos ou mais esquecidos ficaram: Ângelo de Lima, Armando Côrtes-Rodrigues, Alfredo Guisado, António Botto, Mário de Sá-Carneiro ou Almada Negreiros. Mas sempre continuas vivo e muitos se “reencontram” hoje nas águas subterrâneas e tumultuosas do teu verbo. Não têm conta os herdeiros naturais e colaterais de Álvaro de Campos ou de Ricardo Reis na evocação desses teus heterónimos mais conhecidos. Todos te disputam o nome e a imagem, não há contas a fazer na presença que de ti mesmo ressoa tantos anos depois de teres partido. E, se muitos fragmentos se desvendam da tua jarra partida em mil pedaços, na lembrança do teu exemplo e da tua obra, não há dúvida de que outras vozes se entrecruzam no trajecto e se bifurcam por caminhos que desaguam ainda nas mesmas águas: Jorge de Sena, Adolfo Casais Monteiro, Mário Cesariny, Raul de Carvalho, António Ramos Rosa, Herberto Helder ou Ruy Belo são poetas que, no rasto dos teus passos e nas várias “cosmogonias” ou “tautologias” pessoais, se reencontram contigo nos limites cruzados de ser a poesia essa voz comunicante de sonhos, desvarios ou suplícios. Não só pela passagem de testemunho, mas sobretudo pelo saber retomar por outros horizontes de desassossego e sobressalto as linhas essenciais de um inalterável discurso poético. Tudo isso sabemos, claro. Mas o que todavia mal se compreende (e tu desconheces) é esta “febre” súbita de arvorar o teu nome como credo de uma falsa religião: disputamte os livros e os versos, utilizam-te cada qual em seu proveito (eu próprio o faço nesta crónica evocativa), guardam os teus livros e papéis como fazem os coleccionadores de borboletas. E no entanto mal te lêem, não dei-

xam espalhar os teus versos por outros voos de compreensão e na razão de apenas haver razão quando se lê, entende e discute o que transparece pela presença da tua fulgurante obra poética.

No fim de contas, reunidos todos os pedaços de outra jarra que mal se partiu ou ainda permanece intacta, continuamos mergulhados nesta faixa ibérica, com oitocentos anos de história e outros tantos de comprimento, mas sem que muito se tivesse alterado desde a tua partida. Olha, ainda hoje pude visitar os lugares da tua peregrinação diária (como sugeriste no roteiro para-turista-ver-Lisboa) pelas mesas da “Brasileira” do Chiado ou do “Martinho”, com outros rostos em redor, tudo numa solenidade disfarçada de quem não anda em busca da pedra filosófica, mas de um lugar ao sol que dê para a gravata nova, a bica ou o brandezinho. E pouco mais, sim, que os tempos continuam bem difíceis. No fundo, relembro ainda e sempre os teus versos, sei (e tu sabes) como “perdemos a Índia / e ficamos desempregados”. Ou como pôde cantar o teu bom amigo Carlos Queirós (que hoje muito poucos lêem ou sabem da sua existência):

*Português e vivo
é diminutivo.
Só fazemos bem
Torres de Belém.*

E, no desencanto que me atropela nesta manhã em que te relembro, na urgência de pagar a conta na farmácia, passo pelo Bairro Alto e desfaço-me de uma 1ª. edição da Mensagem, como fizeste algumas vezes nos teus negócios de que falavas com a Livraria Ferreira - e sempre me ofereceram mais do que os 1500 réis que então te deram pelo Só do António Nobre. E, na pressa de assim resolver o problema, deixo voar com mágoa esta edição quase rara de Mensagem que minha avó me oferecera há muitos anos. Paciência, meu caro, nada a fazer. Mas posso recordar nesta hora como também os meus amigos “sempre foram campeões em tudo” e como esta “saúde de pedra” me avassalou no instante de te recordar e saber, pelas espadas cruzadas de certos momentos quase idênticos, como poucas vezes conheci alguém “que tivesse levado porrada na vida”. Talvez só eu, meu bom Pessoa.

E aqui te deixo este recado com certa ironia e verdade, por entre a comovida sensação que me domina, derrota e arrasa. Sei (e tu sabes) como continuas príncipe desta nossa *povre e infelice* Baviera. E com saudades do Douro que mora longe, olho uma vez mais o Tejo, já não há bergantins, faluas ou fragatas na paisagem, os sonhos de marinheiro ficam comigo em terra, na lembrança que de ti sempre guardo. Um recado triste, eu sei, mas é tudo o que me sobra desta manhã cinzenta de Primavera.

andarilho

Hitchcock e “North by Northwest”

No nº 102 de Dezembro de 1959 dos “Cahiers du Cinéma” apareceu uma entrevista a Alfred Hitchcock-realizada por Jean Domarchi e Jean Douchet – sobre a então estreia de “North by Northwest”. Lembrei-me dela a propósito da cuidada reedição do filme em DVD. Esta edição contém, além do filme e o habitual “trailer”, um documentário de bastidores, “Destination Hitchcock”, apresentado por Eva Marie Saint com a participação de Martin Landau e do argumentista Ernest Lehman e ainda a banda sonora musical de Bernard Herman.

Aqui vão alguns dos excertos mais interessantes:

“Vertigo” e “North By Northwest” são filmes muito diferentes, que não foram realizados com o mesmo espírito. “Vertigo”, é uma fábula psicológica, quase necrófila. O herói quer fazer amor com uma morta. Pelo contrário, “North By Northwest” é um filme de aventuras tratado com uma certa ligeireza de espírito. “Vertigo” é bastante mais importante para mim do que “North By Northwest”, que é um divertimento muito engraçado (...) Não creio que me repita constantemente. Os pintores pintam sempre a mesma flor. Começam a pintá-la ainda sem nenhuma experiência e em seguida pintam-na aproveitando a experiência que adquiriram. Há uma grande diferença. Sim, o tema é o mesmo de “The Wrong Man”: o homem inocente. Se me sirvo desse tema, é porque me permite resolver uma parte importante do meu trabalho artístico e técnico. Creio firmemente na arte cinematográfica. Não creio nos diálogos. Faço “suspense” e tento brincar com os espectadores ao gato e ao rato. Por isso, para que os espectadores sintam ansiedade, o “suspense”, etc., temos de ter no écran um herói com o qual se possam identificar. Acho que é impossível querer fazer-lhes sentir os sentimentos de um *gangster*. Porque eles não se reconhecem nele. Mas o homem da rua, o homem vulgar, esse compreendem-no. É como se fizessem parte integrante das aventuras contadas no filme (...) Não estava satisfeito com “Saboteur”. Os heróis não eram interessantes. Os actores não eram bons. E depois, não é um verdadeiro filme. Há muitas coisas más, muitos erros crassos... na cena da Estátua da Liberdade, por exemplo... (...) o mau é que corre perigo, não o herói. Isso é importante para o espectador. Se está bem feito, ele sai satisfeito. Se não está, ele sente-o mesmo que não saiba porquê. (...) Escolhi a Estátua da Liberdade e o monte Rushmore apenas como cenários dramáticos. Para mim a arte está antes



da democracia. No caso do monte Rushmore, tive que fazer um compromisso com as autoridades. Elas exigiram que não houvesse tiros, nenhuma cena de violência no monumento ou com o monumento em campo. Eu disse “muito bem” e respeitei o acordo. Mostrei os heróis sobre os rochas ao lado do monumento. Podem verificar que não há nenhuma cena de violência sobre o monumento. Cumprí a minha promessa. Mas depois, decidiram suprimir do genérico a menção que lhes respeitava. Disseram-me “mesmo que não tenha sido sobre o monumento, o público vai pensar isso”. Penso, todavia, que a razão do descontentamento das autoridades foi por numa cena do filme um dos guardas florestais agredir Cary Grant. Isso desagradou-lhes. (...) Há muito que me interessa pelo problema das perseguições no cinema. Nessa altura apercebi-me que o filme-perseguição é muito bom no plano do cinema, não só porque tem muito movimento, mas também porque permite muitas mudanças de cenários naturais. Não sei concretamente porquê, mas é assim; penso que um filme deve correr bem não só na preparação, na câmara ou na cabina do projeccionista, mas também em termos de história.

É talvez uma associação de ideias muito louca. De facto, quando tenho uma história de perseguição, a primeira coisa que me pergunto é: “Para onde vamos?” (...) Em “North by Northwest” os desenhos foram uma verdadeira arquitectura. Filmei

primeiro os planos de Nova Iorque e estes inspiraram o genérico de Saul Bass. Ele fez os desenhos que estavam perfeitamente de acordo com as imagens. Quanto ao primeiro plano dos meus filmes, é muito importante para mim. A maior parte das vezes, serve para criar ambiente. Não sei se é sempre bom ter um plano muito importante no início de um filme. Porque muitas vezes no cinema as pessoas ainda conversam durante a primeira bobine. E é bom, se possível, surpreender os espectadores. É preciso lutar, à nossa maneira, contra os cochichos e as pessoas que demoram cinco minutos a sentar-se. É por isso que depois do genérico, ponho às vezes planos muito dramáticos. Fiz isso em “Vertigo”, por exemplo. Mas reparem que muitos filmes bons têm genéricos muito fracos. Muitas vezes, quando o filme acaba, o público já esqueceu completamente como o filme começou.”

Como curiosidade... no final da referida entrevista Hitchcock condescendeu em falar sobre o seu filme seguinte... “Psycho”:

“É um filme de terror... O mau é sempre muito mais interessante. É assim na vida. É a realidade, é a lógica.

“Psycho” não será uma super-produção, mas será sem dúvida um filme muito estranho. Vou rodá-lo em Hollywood. Vou mandar construir uma casa e um motel nos estúdios da Universal. Será mais fácil filmá-lo assim.

Será um filme de charme e sangue. Vai haver muito, muito sangue. Saul Bass vai ajudar-me em algu-

mas iluminações.(...)

O director de fotografia não será Jack Russel, que quando o fui buscar à Warner não passava de um honesto director de fotografia, a quem obriguei a mudar de estilo de trabalho e a ser muito mais cuidadoso. Agora tem uma reputação a defender e é demasiado lento.

Preferi um director de fotografia da televisão e especialista em preto e branco. Na televisão sabem trabalhar rapidamente. E eu quero rodar rapidamente: não quero fazer um filme caro porque, francamente, não sei se terá algum sucesso. É muito, mesmo muito, fora do comum.”

Apesar de todo o seu talento, o velho “Hitch” não era realmente um grande oráculo.

P.S. I. Teerão- Nos primeiros dias de Março, cinco intelectuais iranianos-quatro críticos de cinema- foram presos pela polícia e as suas casas revistadas com vista a serem-lhes apreendidas as suas colecções de filmes estrangeiros. Em casa de um dos críticos foi descoberto um vídeo que ele próprio tinha rodado e no qual se podia ver mulheres dançando sem véu, o que é “naturalmente” grave. Quanto ao escândalo que constitui a descoberta em casa dos críticos de cópias de filmes estrangeiros em vídeo, deve ser relativizado: os críticos iranianos escondem-se bem menos que os filmes proibidos, pois fazem regularmente críticas deles na imprensa do seu país.

P.S. II. Itália- Silvio Berlusconi continua o seu trabalho de sapa contra a esquerda intelectual no domínio da cultura. O cinema Sacher, gerido por Nanni Moretti no bairro Traslavere está sob ameaça de encerramento. Desde 1991 que organiza aí festivais, ciclos, programações alternativas e projecções-debate. A proprietária do cinema, uma agência do Estado, acusa Moretti de não pagar a renda regularmente, o que o realizador e o seu sócio e produtor, Angelo Barbagallo, negam firmemente. Mas, e é aqui que bate o ponto, o deputado da Forza Itália- partido de Berlusconi- Francesco Stradella acusa Moretti de ter utilizado indevidamente o Sacher para reuniões de carácter político- fazendo alusão à manifestação de 14 de Setembro na qual Moretti participou e onde interveio em público. Manifestação essa contra a lei Cirami, que visa evitar que Berlusconi seja condenado nos tribunais italianos.

A vice-ministra da economia, Maria Teresa Armosino, já interpôs as “demarches” legais para recuperar o cinema, apesar dos protestos da Associação dos Autores de Cinema

andarilho

CINEMA

Paulo Teixeira
de Sousa

Escola Secundária
Artística Soares dos Reis



O DESENVOLVIMENTO DOS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ELÉCTRICOS CRIOU UMA NOVA SITUAÇÃO NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO. MARSHALL McLUHAN CHEGOU A BAPTIZAR ESTA NOVA SITUAÇÃO POR GALÁXIA DE MARCONI.

adriano rangel - isto é

> comunicações

Com a implementação dos novos meios de comunicação eléctricos (1) a partir de meados do século XIX, primeiro a telegrafia e, pouco depois, o telefone, foi toda uma nova situação que foi introduzida na área da Comunicação. Marshall McLuhan, que parecia gostar das “grandes” tiradas, pelo menos das deste género, declarou pelos anos sessenta do século XX o começo de uma nova fase eléctrica da Comunicação como sendo a da saída da galáxia de Gutenberg. Chegou mesmo a aventar a designação de galáxia de Marconi para a nova situação. Esquecia assim, de uma assentada, e pelo menos, Samuel Morse e a telegrafia e Graham Bell e o telefone.

Mas, escrevendo numa época em que a televisão começou a ser percebida como uma rainha dos meios de comunicação, ela mesmo - a televisão - fazendo parte da subgaláxia (continuemos pois a explorar a metáfora mcluanesca) dos meios de comunicação social eléctricos, uma subgaláxia, da qual também faz parte a Rádio, tida por muitos, então, como dominante, enfim, uma subgaláxia cujo meio de transmissão era o espaço livre (e livre é

um antropomorfismo que dá pelo menos que pensar), terá parecido a McLuhan que o mais notório dos heróis das telecomunicações sem fios, Guglielmo Marconi, devia dar o seu nome à nova galáxia.

A GRANDE diferença introduzida pelos meios de comunicação eléctricos foi a passagem a uma velocidade de propagação dos sinais para uma ordem de grandeza da(s) centena(s) de milhares de quilómetros por segundo.

Contudo, a transmissão sem fios não era uma característica fundamental dos meios de comunicação social eléctricos ou meios de radiodifusão. É certo que McLuhan vivia numa época de entusiasmo ditada pela possibilidade do emprego dos satélites de comunicações para a televisão, a possibilidade de fazer chegar quase simultaneamente a todo o mundo os mesmos programas, um mundo transformado assim numa “aldeia global”. Mas que a transmissão sem fios não era uma característica fundamental dos meios de comunicação social eléctricos veio a verificar-se mais tarde com o pulular por muito lado da televisão por cabo...

Nem os meios de comunicação social “eléctricos” estavam sozi-

nhos no terreno. A telegrafia e o telefone aí estavam com os seus fios. Inicialmente estes estavam à vista de todos tanto nas cidades como nos campos mas, aos poucos, foram desaparecendo sobretudo das

áreas urbanas (foi-lhes acontecendo como aos fios da energia eléctrica e aos canos da água, agora também eles discretíssimos). É claro que certos troços das ligações de telecomunicações se materializaram através de meios rádio... e a telegrafia “móvel” para as embarcações ou para os militares tinha de se efectuar via rádio. Mas, a parte “pesada” das telecomunicações foi sempre a via cabo.

Contudo a grande diferença introduzida pelos meios de comunicação eléctricos foi, sem dúvida, a passagem a uma velocidade de propagação dos sinais para uma ordem de grandeza da(s) centena(s) de milhares de quilómetros por segundo. Se nos recordarmos que o som se propaga no ar a cerca de

340 m/s, portanto percorrendo as distâncias das conversações em milésimos de segundo, que dizer dos sinais electromagnéticos, os quais percorrem, durante 1 ms, 300 km no espaço livre ou cerca de 150 km se “guiados” por fios condutores? Os mais exagerados chamam a este fenómeno o colapso do tempo, ou mesmo do espaço.

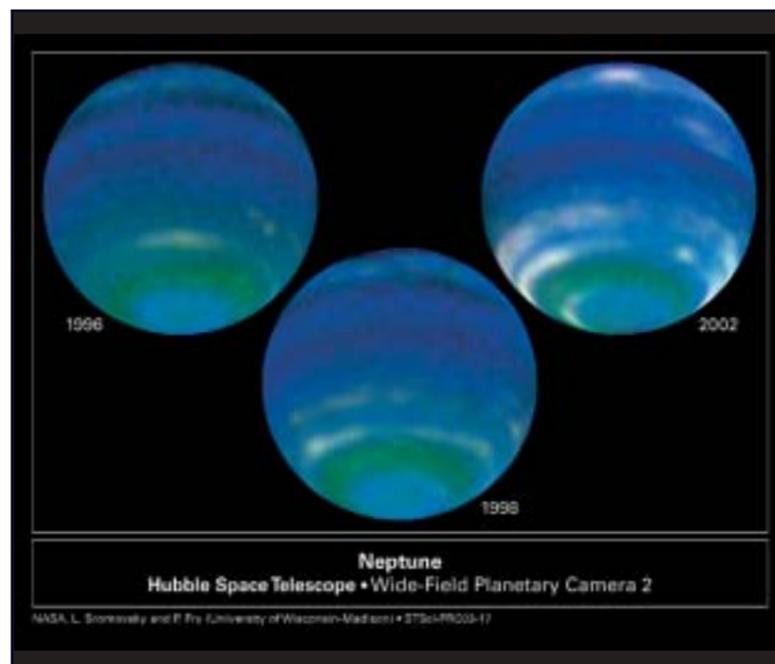
Com efeito, se, nas conversações face a face, em vez de percebermos que os sinais acústicos nos alcançam por propagação no ar nos parecer que estamos a escutar na fonte os sons que os nossos interlocutores produzem, na comunicação telefónica, ainda mais cedo nos chegando os sinais proferidos pelo aparelho fonador do nosso interlocutor - quem fala, fá-lo para um bucal quase colado à sua boca; quem ouve, fá-lo através de um auscultador encostado à sua orelha -, por maioria de razão aquele estará confundido com nós mesmos. Algum afastamento só foi conseguido através da objectivação hodierna da sua imagem no videotelefone...

(1) O mais correcto é designá-los como electromagnéticos.

DA CIÊNCIA e da vida

Francisco Silva
francisco-a-silva@telecom.pt
Engenheiro,
Portugal Telecom

A Primavera de Neptuno



Entre os gigantes gasosos o planeta mais distante do Sol é Neptuno. O seu grande afastamento faz com que receba uma pequeníssima quantidade de energia do astro rei. Assim, foi com surpresa que um grupo de investigadores norte-americanos descobriu variações sazonais no planeta - nomeadamente o aumento da quantidade de nuvens - usando observações do Telescópio Hubble, realizadas ao longo de 6 anos. Concluíram que o hemisfério sul de Neptuno está a passar por uma primavera, que durará dezenas de anos uma vez que o planeta dá uma volta em torno do Sol em 164,8 anos terrestres.

FOTO ciência
com legenda
Luís Tirapicos


Visionarium
CENTRO DE CIÊNCIA DO EUROPARQUE

Foto: NASA